



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIENCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO/MESTRADO EM GEOGRAFIA

**PAISAGEM E REPRESENTAÇÃO: A AMAZÔNIA NOS RELATOS DO
CASAL AGASSIZ (1865-1866).**

MANAUS - AM

2013.

KASSIANE NASCIMENTO DA SILVA ALBUQUERQUE

**PAISAGEM E REPRESENTAÇÃO: A AMAZÔNIA NOS RELATOS DO
CASAL AGASSIZ (1865-1866).**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós – Graduação Mestrado em Geografia, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, área de concentração Amazônia – Território e Ambiente. Linha de pesquisa: Espaço, Território e Cultura na Amazônia, sob a orientação da Prof.^a. Dra. Amélia Regina Batista Nogueira.

MANAUS - AM

2013.

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Albuquerque, Kassiane Nascimento da Silva.

A345p Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865-1866) / Kassiane Nascimento da Silva Albuquerque. - 2013.

120 f. : il. color. ; 31 cm.

Dissertação (Mestre em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira.

1. Amazônia – Descrições e viagem 2. Agassiz, Louis, 1807-1873 3. Agassiz, Elisabeth Cabot Cary, 1822-1907 4. Amazônia – Geografia histórica 5. Paisagens – Amazônia 6. Filosofia I. Nogueira, Amélia Regina Batista, orientador II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (2007): 910.4(811)(043.3)

“Portanto, quer comais, quer bebais, ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus” I Co 10:31.

DEDICATÓRIA

Dedico esta conquista a minha família:

À Deus acima de tudo, criador dos Céus e da Terra e de tudo que neles há, ao Senhor Jesus que por meio de sua expiação me tornou livre diante de meu Pai, que me fez mais que vencedora e feliz em toda e qualquer situação.

Ao meu marido Hugo Ferreira Albuquerque, pelo apoio incondicional em toda a minha trajetória acadêmica, sendo sempre paciente, fiel, amoroso e amigo.

Ao meu filho Victor Hugo, que nasceu em meio ao curso do Mestrado, que com seu sorriso e meiguice cativa a todos a sua volta, e ao presente que me deu ao tornar-me mãe.

Aos meus pais, Lourenço Souza da Silva e Cleuza Nascimento da Silva, que investiram na minha formação educacional e sempre me ensinaram que “tudo o que deve ser feito merece ser bem feito”, levando-me a tentar fazer o melhor.

A minha irmã Giliane Nascimento da Silva acreditando em meu potencial, pelos incentivos aos estudos e pelo seu amor.

Aos meus tios e tias, primos e primas que sempre me apoiaram demonstrando amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Universidade Federal do Amazonas, instituição de ensino superior que sempre manteve as portas abertas para mim, ao Programa de Pós- Graduação em Geografia, da UFAM e a CAPES por favorecer a pesquisa com seu apoio e confiança ao viabilizar para mim uma bolsa de estudos, que fora muito importante para prosseguimento dos estudos.

Ao professor Dr. José Aldemir de Oliveira, que através de seu empenho em suas aulas de mestrado com a disciplina Epistemologia da Geografia e graduação com a disciplina Evolução do Pensamento Geográfico, trouxe-me a inspiração para a realização deste trabalho, lançando-me a um olhar histórico- geográfico aos naturalistas viajantes.

A professora Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira. Uma orientadora confiante e que me proporcionou perseverança na construção deste trabalho, sobretudo na conclusão, pois com amor e paciência me acolheu como orientadora e me auxiliou com prestatividade em minhas dificuldades e angustias.

Ao professor Dr. Ricardo José Batista Nogueira (1º orientador) minha gratidão por ter acreditado no meu trabalho e na minha competência.

Ao professor Dr.^o Hideraldo Lima da Costa, por ter lido com acuidade o meu trabalho em minha qualificação, abrindo-me novas possibilidades para melhorá-lo.

Ao professor Dr.^o Manoel de Jesus Mazulo da Cruz, pelo incentivo aos estudos desde a graduação em Geografia, agradeço por suas ótimas aulas ajudando- me a refletir a respeito de alguns pontos teórico e metodológico em muitos dos nossos diálogos geográficos.

Aos professores que apoiaram - me durante a graduação em Geografia a concorrer ao mestrado como a prof.^a Dr.^a Adorea Rebello, pelo seu carinho e dedicação ao ensino.

Ao professor e amigo de longas datas Deivisson Molinari por suas ótimas indicações de leitura e pelos livros emprestados que foram bem importantes para a pesquisa.

As minhas colegas da turma do mestrado 2011 pelos momentos compartilhados no caminho e pelos debates de sala de aula que com a diversidade de formações contribuíram com diferentes olhares a cerca do objeto de estudo da Geografia, em especial as amigas Camila e Luciana e aos amigos da turma de mestrado de 2010 Raimundo Nonato e Sidney.

Ao meu grande amigo da graduação em Geografia Armando Maciel da Frota que sempre me ajudou, tanto nos trabalhos acadêmicos, quanto nas leituras e indicações de textos, que além de colega acadêmico se tornou também um amigo sempre me apoiando nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos de trabalho pelas palavras de incentivo para que eu perseverasse e concluísse o mestrado, em especial a amiga Raquel e a Maria do Céu de Oliveira Brasil.

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o desejo de estudo da Geografia, como ciência, capaz de fornecer respostas a inúmeros questionamentos e observações realizadas pelos viajantes naturalistas do século XIX que passaram pela região Amazônica, em especial, as observações tecidas por Louis Agassiz e sua esposa Elisabeth Agassiz que lideraram uma expedição à Amazônia entre 1865 e 1866. Entretanto, como utilizar da Geografia enquanto ciência para compreender as impressões, desse naturalista, num período em que a própria Geografia ainda não havia consolidado suas bases teóricas? Por isso essa pesquisa se ateve primeiramente a realizar um elaborado apanhado das correntes filosóficas que proporcionaram um melhor entendimento da sistematização e organização do pensamento geográfico destacando-se seus precursores como Emanuel Kant, Alexander Von Humboldt e Ritter, ao passo que, após tomar posse dessa leitura filosófica, buscou-se vislumbrar as influências recebidas por estas correntes na nascente geografia, em face da viagem empreendida por Louis Agassiz, não deixando de apreender suas abordagens sobre as múltiplas paisagens na Amazônia, ou seja, a percepção do viajante quanto a paisagem natural e humana, responsáveis pela configuração do espaço explorado pelo mesmo. Por fim, esta pesquisa tenta reproduzir o caminho percorrido pelo viajante, através da elaboração de um mapa, que traça o caminho percorrido pela expedição Thayer, demonstrando, os posicionamentos e percepções geográficas do viajante ao longo desse um ano de expedição.

Palavras chave: Estudo da Geografia; Louis Agassiz; Filosofia; Paisagem.

ABSTRACT

This research was conducted with the desire to study Geography as a science able to provide answers to numerous questions and observations made by the nineteenth-century naturalist travelers who passed through the Amazon region, in particular, the observations made by Louis Agassiz Agassiz and his wife Elisabeth who led an expedition to the Amazon between 1865 and 1866. However, using Geography as a science to understand the impressions, this naturalist, a period in which the actual Geography had not yet consolidated their theoretical bases? Therefore this research adhered primarily to perform an elaborate overview of the philosophical which provided a better understanding of the organization and systematization of geographical thought highlighting their precursors as Immanuel Kant, Alexander von Humboldt and Ritter, whereas, after taking possession of this philosophical reading, we sought to discern the influences received these chains in the nascent Geography, in the face of the journey undertaken by Louis Agassiz, whilst grasping their approaches on the multiple landscapes in the Amazon, or the perception of the traveler as the natural and human landscape, responsible for the configuration space explored by the same. Finally, this research attempts to reproduce the path of the traveler, through the preparation of a map that traces the route taken by the Thayer expedition, showing the positions and perceptions geographic traveler along this one-year expedition.

Key words: Geografy teaching, Louis Agassiz, Philosophy, Landscape

LISTA DE FIGURAS, MAPAS

Lista de Figuras

01: Modelo de entendimento de Paisagem proposto por Bertrand	66
02: Rio Negro em frente a Manaus	75
03: Vitória Régia	75
04: Palmeira Miriti	84
05: Trajeto do rio Amazonas	97
06: Porto de Tefé	102
07: Choça de índio em Tefé	102
08: Manaus, praia e cidade	104
09: Manaus	104
10: As cidades da Amazônia século XVIII	108

Lista de Mapas

Mapa 01: As localidades da Amazônia Brasileira percorridas por Agassiz 1865-66	114
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS NA NASCENTE GEOGRAFIA E AS VIAGENS NATURALISTAS DA METADE DO SÉCULO XIX: EXPEDIÇÃO DE LOUIS AGASSIZ À AMAZÔNIA EM 1865-1866.	16
1.1. A Ciência no século XIX e a Constituição da Geografia Científica	17
1.2. Os Fundamentos da Geografia Científica	25
1.3. Os Viajantes Naturalistas na Amazônia dos Oitocentos	30
1.4. Os Agassiz e seus Fundamentos Filosóficos	41
1.5. Elisabeth Cary Agassiz e seu papel na Expedição Thayer	47
1.6. Louis Agassiz e sua Viagem pelo Brasil	50
CAPÍTULO II – A PAISAGEM DO INÍCIO DA GEOGRAFIA CIENTÍFICA E A PAISAGEM AMAZÔNICA NA VISÃO DOS AGASSIZ	58
2.1. A Paisagem na Geografia Clássica	60
2.2. A Paisagem Natural Amazônica na Visão dos Agassiz	68
2.3. A Paisagem Humana Amazônica na Visão dos Agassiz	86
CAPÍTULO III – A EXPEDIÇÃO THAYER NAVEGA PELA AMAZÔNIA	96
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

O século XIX ficou conhecido como o século da consolidação do conhecimento de todas as partes do globo, mas, sobretudo, pela frutífera realização de viagens de europeus e norte-americanos para as terras localizadas na América do Sul, em especial, para a Amazônia.

Vários foram os fatores que contribuíram para que essas viagens se realizassem, podendo destacar, desde os movimentos de descolonização que vinha ocorrendo no século anterior, bem como às pressões napoleônicas que forçaram os ingleses a estabelecer relações comerciais com outras zonas não europeias, e até a vinda da família real portuguesa em 1808 para o Brasil, que realizou a abertura dos portos para a visitação estrangeira desta parte do império português.

Este movimento se liga a um conjunto de transformações relacionadas à Revolução Industrial, que colocou em xeque os domínios ibéricos e deslocou o centro de poder para a Europa setentrional. São nesse contexto que podemos situar a viagem naturalista de Louis e Elisabeth Agassiz, personagens e testemunhas de novos tempos em que o conhecimento de novas terras cuja visão do viajante estava fadada ao fracasso e a vida rude, acaba sobrevivendo como elemento de contraste da exuberante Amazônia, e que pelo rigor científico esta paisagem amazônica necessitava de uma intervenção urgente.

Assim, as viagens empreendidas neste contexto funcionavam tanto como mais uma oportunidade para o aprendizado, (o mundo concebido como uma grande escola que caracteriza o espírito iluminista), como era um meio eficaz para se reconhecer as potencialidades de mercado e a inserção da nova ordem capitalista industrial do Novo Mundo. Foi nesse contexto que o casal norte-americano Louis e Elisabeth Agassiz considerou a região amazônica e seus habitantes como um verdadeiro laboratório para suas incursões intelectuais. Portanto, é sobre a experiência de viagem destes estrangeiros empreendida pela Amazônia brasileira da metade do século XIX, que esta pesquisa irá tratar.

A escolha de Louis e Elisabeth Agassiz como protagonistas desta pesquisa, teve como proposta entender e analisar alguns pontos de como estas pessoas ao

realizarem a viagem pelo Brasil conduziram, pensaram, e expressaram seu olhar para as paisagens naturais e humanas amazônicas, e mesmo entender como era o seu olhar diante do outro, já que pertenciam a países, culturas e classes sociais diferentes. Por isso, entendemos como importante perceber como esses estrangeiros observaram a Amazônia. Nesse ponto, tentaremos compreender como estes observadores de terras longínquas “selecionaram, emolduraram, iluminaram ou sombrearam” (MARTINS, 2001, p.16) os elementos que compõem a paisagem amazônica. Trata-se, então, do olhar estadunidense sobre alguns elementos que compõem o espaço amazônico; tendo como fator de incentivo para virem a terras distantes e desconhecidas à certeza de que nestas terras encontrariam as respostas para suas indagações científicas.

Nosso recorte cronológico se situa em meados do século XIX. Conforme Miriam Moreira Leite: “o naturalista- viajante deste período era dependente de instituições financiadoras para suas explorações gozando de uma relativa autonomia e no Brasil será prestigiado pelas autoridades.” (LEITE, 2000) Uma proposta de método de análise interessante é apresentada pelo antropólogo João Pacheco de Oliveira em seu livro: *Elementos para uma sociologia dos viajantes*, ele observa um conjunto normatizador para as viagens naturalistas, usando como objeto em torno dos 21 viajantes que passaram pela região amazônica, principalmente durante o século XIX. Pacheco elenca cinco elementos que deveriam ser levados em consideração ao analisar a obra de um viajante: as qualificações intelectuais e características pessoais; recompensas e prêmios dados ao viajante em razão das suas atividades realizadas e, por fim, a organização interna das viagens. Para o autor, torna-se fundamental definir os papéis sociais e as hierarquias existentes, assim como os critérios que estabeleceram a duração e a área a ser explorada.

Os padrões de percepção e os processos e métodos de condução do olhar dos viajantes naturalistas devem ser considerados como um dos elementos chaves para a inteligibilidade do processo de construção da paisagem e representação da Amazônia brasileira de meados do século XIX.

No que se concerne às contribuições pioneiras dos viajantes naturalistas houve um crescente acúmulo de conhecimentos sobre o território brasileiro. A partir desses viajantes – naturalistas - investigadores que visitaram nosso país,

principalmente no século XIX, a paisagem brasileira, passaram a ser alvo de pesquisas e descrições revelando ao mundo moderno aspectos geológicos, climatológicos, geomorfológicos, ictiológicos, fisiográficos, ecológicos, etnológicos, dentre outros, sobre o território e sobre a população brasileira do século XIX.

Em que medida e qual a real contribuição, especificamente, deste grupo de naturalistas viajantes ao nascimento da Geografia Moderna? A análise dos textos dos viajantes que apresentaremos aqui constitui, muitas vezes, novidade para o público brasileiro e uma das razões principais de tratarmos de maneira especial o grupo dos naturalistas-geógrafos é a riqueza de seus relatos, que demonstram como se fazia história natural no pós-período do Século das Luzes (XVIII). Mostram ainda sobre que bases empíricas a Geografia Moderna pôde construir-se; como a natureza foi o primeiro grande objeto da geografia (característica que se manteve) e como a história do pensamento geográfico não pode deixar de analisar esta fase tão importante da relação do homem com a Terra.

Assim no capítulo primeiro discutiremos as bases filosóficas que se fizeram presentes no século XVIII e no século XIX, que vão influenciar e impulsionar o surgimento da Geografia enquanto ciência. Ressaltaremos também a importância de Kant na Geografia, considerado por alguns como um dos pioneiros de sua sistematização, mas lembrando que é em Humboldt e Ritter que a Geografia se lança no conhecimento científico. Pretendendo-se apresentar características filosóficas que se farão notar em Humboldt e Ritter apresenta-se neste primeiro capítulo a importância dos naturalistas na formação geográfica, destacando-se o casal Agassiz; e referenciando o evolucionismo e o positivismo no pensamento geográfico posterior.

De igual modo faremos também uma breve abordagem do nascimento da Geografia Moderna relacionando com as viagens naturalistas empreendidas ao Amazonas, situamos como importante para esse entendimento uma breve trajetória de Kant, Humboldt, Ritter, Elisabeth e Louis Agassiz e suas influências filosóficas na observação e descrição da natureza.

No segundo capítulo abordaremos um breve histórico do conceito de paisagem perpassando sua origem quando ainda estava entrelaçada às artes à

gênese da geografia, que como ciência adquire seu corpus teórico a partir do século XIX, a partir dos resultados das concepções da escola alemã.

Entendemos a paisagem na Geografia Clássica como elemento conceitual de fundamental importância para o entendimento das relações homem-natureza. E ao contextualizá-la com a viagem do naturalista Louis Agassiz à Amazônia nos períodos de 1865-1866, percorremos a sua conceptualização no entendimento da paisagem enquanto sistema, atribuindo-se aos elementos descritos pelo casal Agassiz enquanto paisagem natural e paisagem humana.

O capítulo dois pretende ainda discutir as características das paisagens naturais e humanas da região amazônica apontada pelo casal Agassiz dentro de uma ordem de classificação da Geografia Científica e dos departamentos por eles elencados destacando-se elementos de ordem da Geomorfologia, Hidrologia, Geologia, Climatologia, Botânica, Ictiologia, dentre outros aspectos. Buscar-se-á neste capítulo ainda estabelecer correlações de leituras a respeito das características observadas em relação às populações amazônicas que por aqui se encontrou no século XIX pelo casal Agassiz, em consonância com sua respectiva visão sob o olhar europeu e as impressões que estes viajantes tiveram da população local nativa, sua cultura, costumes, e descrição das paisagens com o estilo de vida local, dentre outros aspectos concernentes às características da economia local.

Ao apresentar as conceptualizações dos aspectos das paisagens vistas pelo casal Agassiz, buscamos correlacioná-las com as paisagens que se apresentam por Humboldt e outros naturalistas contemporâneos a Agassiz e assim aproximar as descrições levantadas pelo casal Agassiz a uma classificação das paisagens geográficas demonstrando com isso a importância em se apresentar Louis Agassiz como um dos precursores da Geografia Moderna tal qual a Humboldt e a Ritter.

O terceiro e último capítulo refaz o percurso de viagem da Expedição Thayer à Amazônia para poder localizar os pontos de parada da viagem através de um mapa que demonstrem os caminhos de passagem assim com os pontos de paradas, locais estes de observação e descrição de Agassiz.

Portanto, empreendemos a partir deste momento, uma viagem subjetiva, que busca entender alguns significados e olhares da paisagem amazônica do século

XIX. Por esta razão, achamos relevante estudar o viajante naturalista e sua expedição não somente porque abre um leque de percepções sobre a Amazônia, mas, além disso, nos revelam significados e intenções que transcenderam os objetivos literais escritos nas anotações dos diários dos viajantes naturalistas do século XIX. Desse modo, a justificativa dessa pesquisa passa por algumas problemáticas inerentes às paisagens amazônicas, tanto naturais quanto humanas percebidas e vistas pelo casal Agassiz que se inserem em um contexto de afirmação da nascente Geografia Moderna, contribuindo para a mesma em sua formação.

CAPÍTULO I:

AS INFLUÊNCIAS FILOSÓFICAS E OS VIAJANTES NATURALISTAS NA NASCENTE GEOGRAFIA EA VIAGEM DE LOUIS AGASSIZ À AMAZÔNIA EM 1865-1866.

Este capítulo discute as bases filosóficas que se fizeram presentes no século XVIII e no século XIX, que vão influenciar e impulsionar o surgimento da Geografia enquanto ciência. Ressalta a importância de Kant na Geografia, considerado por alguns como um dos pioneiros de sua sistematização, mas lembrando que é em Humboldt e Ritter que a Geografia se lança no conhecimento científico. Pretendendo-se apresentar características filosóficas e correntes científicas no pensamento geográfico que se farão notar em Humboldt e Ritter, demonstrando-se também a importância dos naturalistas na formação geográfica, destacando-se o casal Agassiz.

O trabalho desenvolvido pelos naturalistas viajantes no campo das ciências da natureza teve vinculação ao projeto de classificação universal desenvolvido por Lineu. Mas essa formação também recebeu contribuições da Filosofia e da Teoria da Arte. Discípulos e admiradores de Shelling, Herder e outros, o casal Agassiz e sua equipe de viagem levaram, para os seus estudos de Geologia, Hidrologia, Ictiologia e Botânica, conceitos e teses do Romantismo e da Filosofia da Natureza. Leitores e admiradores de Goethe, dele receberam inspiração para a formulação de uma natureza que rompia, ao mesmo tempo, com o mecanismo de Newton e o sistema de classificação de Lineu. Neste sentido, colocaram-se ao lado de Alexander von Humboldt na elaboração de um novo ideário científico fundado na concepção organicista dos seres, assim como Agassiz em contraposição na temporalidade das criaturas e em suas transformações, de onde surgirá a perspectiva evolucionista de Darwin.

As inter-relações dos aspectos geográficos entre os fenômenos ocorridos durante a viagem de Louis Agassiz devem ser estabelecidas, sem deixar de ter como referência a totalidade desse evento que pode ser observado dentro do contexto das viagens dos naturalistas pelo Brasil e da mudança de concepções no mundo científico a partir das obras de Darwin e de sua teoria Evolucionista. A teoria

dialética alerta nossa atenção para as sínteses, identificando as contradições concretas e as mediações específicas que constituem o “tecido” de cada totalidade.

1.1. A Ciência no Século XIX e a Constituição da Geografia Científica.

A observação da natureza era uma das características do Humanismo, movimento literário e filosófico que se iniciou na Renascença, no século XV, cuja proposta era uma nova educação baseada na crítica de textos, no estudo das línguas e das ciências. Muitos humanistas traduziram e divulgaram os textos da Antiguidade Grega e Romana, período este em que a natureza estava sendo considerada como campo de estudo e de atuação do homem.

A humanidade precisava conhecer o espaço em que habitava para poder controlá-la e dela extrair os recursos dos quais necessitava para produção de sua cultura; essa importância não somente se deu no século XV com o Renascimento, mas desde o Humanismo num período anterior. Dessa forma, vemos em Diniz Filho (2009, p.20) que “as relações homem-natureza, as representações cartográficas, os relatos de viagem e a descrição regional são formas de pensamento geográfico que acompanham a humanidade desde a Antiguidade Clássica”. A partir deste pensamento observamos como a Geografia tem em sua base científica a leitura e análise de narrativas de viajantes naturalistas.

Após o período Renascentista, principalmente expresso pela figura de Francis Bacon, século XVIII, é que as ciências naturais baseada na observação, experimentação e dedução se consolidam. A partir desses elementos importantes para a pesquisa científica do período, citado acima, é que se constituem os requisitos necessários para o surgimento da Geografia como ciência.

No século XVII o humanismo se retrai e começam a se estruturar os sistemas filosóficos modernos, cujas principais fontes iluministas seriam o racionalismo e o empirismo. “Como representantes do Empirismo temos David Hume (1711-1776) e representante do racionalismo temos Emmanuel Kant (1724-1804).” (PADOVANI&CASTAGNOLA, 1995, p. 337).

Na filosofia francesa, segundo Padovani e Castagnola, um dos enciclopedistas mais famosos, Montesquieu (1689-1755), representou o racionalismo iluminista temperado, com sentido historicista. Na Inglaterra, Hume privilegiava o conhecimento empírico, sensível aos elementos primeiros do conhecimento que seriam as impressões, ou percepções atuais, e as idéias, ou imagens das impressões (PADOVANI &CASTAGNOLA, 1995, p. 336).

Na Alemanha, Kant uniria elementos do racionalismo e do empirismo, fundando o criticismo. Padovani e Castagnola observam que do sistema de Kant emergiriam os dois braços principais da filosofia subsequente: o idealismo, fiel ao idealismo kantiano; e o positivismo, contrário ao idealismo kantiano, mas em última análise mantendo a busca da essência e das permanências (PADOVANI &CASTAGNOLA, 1995, p.355, 359 e 372).

Para Kant, o idealismo, além de método, estrutura o conhecimento humano e para Hegel (1770-1831), o idealismo é uma visão de totalidade, absoluto. O idealismo é que dá prioridade à idéia. Kant como filósofo acredita no homem e cria na concepção desse homem um universo científico e moral segundo as normas da própria razão.

É em Kant que temos um dos maiores filósofos e influenciadores da então nascente Geografia Científica; a sua proposta de classificação das ciências trouxe o valor da geografia e a especificidade.

Conforme nos diz Hartshorne apud Moreira, “a Geografia tal qual conhecemos hoje, nasce das mãos de Kant.” (MOREIRA, 2008). Kant buscou combinar e sistematizar o conhecimento que se tinha sobre a natureza incorporando o homem e dessa forma percebeu que a Geografia completaria os conhecimentos empíricos no que se refere à natureza, e a história completaria os conhecimentos que se refere ao homem.

Segundo Tiago Adão Lara (1986, p.52) “Kant submete a razão a uma crítica chamada pura; os fatos não são tudo, é a razão que os explica e os ordena”. O mesmo autor complementa que “Kant apela para a própria razão humana e cria um instrumento de autocontrole: a ciência experimental (...)” (LARA, 1986, p.60). Para Kant razão e experiência são necessárias para o conhecimento, mas a experiência está subordinada a razão.

A partir da análise de Moreira sobre Kant observamos um método que se utilizará na Geografia que é o de classificação quando este diz que em “Kant confere percepção geográfica do mundo físico ao rigor da descrição da taxonomia que o seu conceito de espaço lhe permite, já que para ele espaço é um dado a priori da percepção”. (MOREIRA, 2008, p.14)

A influência de Kant na Geografia, segundo Vitte, (2008, p.57) diz respeito ao fato de que “o mesmo lecionou por 40 anos Geografia Física na universidade e, advindo de sérios questionamentos sobre o papel da natureza na Crítica da Razão Pura”, Kant ao desenvolver a Crítica do Juízo, refez o seu conceito de natureza, rompendo com o mecanicismo newtoniano. Frise-se que “Kant foi o primeiro filósofo a introduzir a disciplina de Geografia na Universidade, antes mesmo que a primeira cátedra de Geografia fosse criada em 1820 por Carl Ritter em Berlim”. (KUEHN, 2001, p.84).

Caberia a Kant a definição da Geografia em relação às ciências naturais. A importância de Kant na Geografia se efetiva, pois, para Kant, “tanto a observação dos fenômenos quanto a elaboração de leis explicativas constituem um conhecimento fundado nas instituições de tempo e de espaço”. (DINIZ FILHO, 2009, p.24). Para Kant era impossível tratar de uma única epistemologia para o homem e a natureza, então faz uma distinção entre antropologia para dedicar ao estudo do homem e a geografia ao estudo da natureza.

Kant por estabelecer que não existe um único caminho para a produção do conhecimento científico, chega a um sistema de classificação das ciências em dois grupos principais: o das ciências sistemáticas, que elaboram leis gerais a partir do estudo das categorias específicas de fenômenos, e o das ciências empíricas, que organizam as percepções sensíveis, isto é, os conhecimentos empíricos. (DINIZ FILHO, 2009 p.26)

Segundo Broek, Kant assegurou um lugar para a Geografia na estrutura da filosofia e da ciência. O filósofo dividiu o conhecimento em três abordagens, conforme os objetos de estudo: “reunir os fatos em grupos; estudá-los no tempo; e examiná-los no espaço”. (BROEK, 1972, p. 25) Para Kant, a Geografia seria conhecimento empírico, mas sistematizaria e classificaria os fatos, restringindo-se à superfície da Terra. O espaço de Kant era tridimensional. Para Newton o tempo era contínuo. Milton Santos (1986, p.32) afirma que “a noção de um tempo separado do espaço é responsável pelo dualismo história-geografia que provocou tantos debates dentro e fora das preocupações com a interdisciplinaridade”.

Com visões estabelecidas por Sodré e Tatham sobre o dualismo História e Geografia percebe-se que em ambos se tem uma afirmação sobre uma divisão feita por Kant em relação à experiência humana colhida indiretamente: Como nos diz Sodré sobre esta divisão ao afirmar que se efetivou em narrativas ou descritivas, em que a primeira era a História e a segunda era a Geografia. “A História era o registro dos acontecimentos que se sucediam no tempo; a Geografia era o relatório dos fenômenos que se sucediam no espaço. Juntas constituíam o conhecimento empírico”. (SODRÉ, 1986, p.28).

Nesse contexto de profundas transformações filosóficas, econômicas e sociais, marcadas pela Revolução Francesa em 1789, ocorreram também grandes transformações na explicação da Natureza, essas transformações associadas às informações e descrições fornecidas pelos viajantes e naturalistas sobre os novos continentes, no que tange aos quadros da natureza, obrigam Kant, assim como os filósofos da Naturphilosophie, a voltarem os olhos para o passado, o que será feito por meio de uma releitura de Leibniz, Espinosa e Aristóteles. Neste momento, é notória a interlocução entre a Filosofia e a Geografia em Kant, pois a partir do impacto das descrições dos naturalistas sobre os diversos ambientes, particularmente no mundo tropical, será desenvolvida a noção de juízo reflexionante e principalmente a sua empiricização por meio da forma.

Os viajantes naturalistas se fortalecem das idéias de Kant, todavia, as obras de Kant ainda são insuficientes para estabelecer a Geografia enquanto disciplina científica, quem dará ênfase a esse respeito será o naturalista Humboldt e o geógrafo de formação Ritter. Através do racionalismo e do método científico é que se chega ao pensamento geográfico. “Até o início do século XIX, o termo Geografia consistia principalmente em narrativas de viajantes que davam muito mais importância à descrição das paisagens e acidentes geográficos do que a cultura e a história dos povos ali encontrados” (DINIZ FILHO, 2009, p.22).

As observações e descrições das paisagens e lugares vistos pelos naturalistas acabam por obrigar Kant a mudar sua concepção sobre a natureza, diminuindo sua ênfase dada à razão e a mediando entre o empírico e a imaginação.

Em vista as mudanças que ocorrem nas ciências “que incitara Kant a promover um esforço epistemológico de harmonia do pensamento e

contemporaneidade da ciência ao mesmo tempo com a filosofia ambiente e a realidade social dos acontecimentos realiza-se e impõe-se sob a face ambígua de um projeto em crise e triunfante” (MOREIRA, 2008, p.16), crise essa que se inicia com a termodinâmica de Clausius (1822-1888) e a física de Newton (1643-1727) e acentua-se com a teoria da evolução natural do homem de Darwin (1809-1882) responsável por fazer a ciência rever o conceito de natureza sem o orgânico e sem o homem.

Em Sodré (1986, p.31) vemos que “Newton e Kant servem juntos ao combate do Possibilismo¹ contra o Determinismo². As teses Kantianas servem desde muito tempo aos geógrafos europeus para combater a corrente determinista.” Mas em contraposição a essa afirmação defende Paulo Gomes que em sintonia com as principais correntes da época, “Kant também não teria fugido a traços deterministas, vendo leis universais na natureza e determinações naturais e culturais nos fenômenos geográficos.” (GOMES, 1986, p. 82 e 84)

A Geografia Física teve um papel primordial na sustentação da filosofia kantiana e nas discussões filosóficas e estéticas que foram desenvolvidas por Schelling, Schiller, Goethe, e depois canalizadas nas reflexões de Humboldt.

Em fins do século XVII, nasce também na Alemanha, um movimento que se pretende dar ênfase a experiência mística e a fé como possibilidade do homem ser pensado além da razão, a este movimento foi denominado de romantismo, que de acordo com livros literários, nos revela que a ciência para se chegar ao conhecimento de uma essência, que é espiritual, buscarão combinar razão à imaginação, emoção e senso estético, tendo como participantes Herder (1744-1803), Goethe (1749-1832) e Schiller (1759-1805).

¹Segundo as palavras de Bezzi e Marafon, entendemos por Possibilismo como “doutrina que considera o homem como um agente que atua no meio, criando formas sobre a superfície terrestre, e a natureza passa a ser vista como possibilidades para a ação humana.” (BEZZI E MARAFON, 2005, p.40). Criado a partir das contribuições da escola francesa para a ciência geográfica, a partir do possibilismo, a Geografia ultrapassa o perigo de se dividir em geografia física e humana e passa a ser uma ponte entre ciências naturais e humanas.

² Os seguidores das ideias de Ratzel alteraram as colocações de Ratzel constituindo o que se chama de “escola determinista” de Geografia, ou a doutrina do “determinismo geográfico”. O autor dessa corrente segundo Morais nos diz que “estes partiam da definição ratzeliana do objeto da reflexão geográfica e simplificaram-na; orientaram seus estudos por máximas como as condições naturais determinam a História, ou o homem é produto do meio, empobrecendo bastante as formulações de Ratzel, que falava de influências.” (MORAIS, 2007, p.71).

Se o idealismo alemão afirmava a totalidade da racionalidade da natureza e da história como processos objetivos, para o romantismo nem tudo cai no controle da racionalidade, a história também exige do homem que aceite na fé, na tradição, que se evitem os exageros da razão.

Goethe, importante romancista que também se interessou por pinturas de paisagens naturais demonstrava interesse pela botânica e pela origem das formas de vida (animal e vegetal), com a sua ciência da morfologia, propunha uma ciência fundamentada na dinâmica e não na segmentação do fenômeno, na qual a unidade e a variedade formariam um todo orgânico e sempre em uma relação de reciprocidade, sendo que esta proposta se revela como uma das maiores influências de Espinosa em Goethe, enquanto que o princípio da comparação que irá influenciá-lo, assim como a Alexander Von Humboldt, seria uma influência direta da filosofia de Leibniz.

Representante do idealismo alemão, Schelling (1755-1854) é um filósofo que influenciou os naturalistas e fundadores da Geografia ao dizer que o espírito é a harmonia que vemos na natureza recebendo por isto como título de sua teoria, de filosofia da natureza.

Como características pertencentes à Schelling e semelhantes ao romantismo, vemos que contrário ao que se entendia por conhecimento científico como sendo resultado e produto exclusivo da observação, experimentação e dedução, “esse idealismo afirma a possibilidade de um conhecimento imediato, ao mesmo tempo intuitivo e racional, combinando a razão com a imaginação, a emoção e o prazer estético”. (DINIZ FILHO, 2009, p.34).

Schelling exerce influência tanto em Humboldt quanto em Ritter. De sua relação com os naturalistas europeus, Schelling abstrai o conceito do todo que para ele consiste em apreender o que está no fundo de cada organização, e sabendo que a existência da organização reside em finalidade que, através desta, realiza ligação com o plano divino. Dessa forma vemos que é de Schelling que temos a concepção de finalidade e de totalidade. Dele também temos a idéia da relação forma-matéria, finito e infinito e de movimento incessante. Antônio Robert de Moraes afirma que: “Veem - se, desse modo, pontos de proximidade entre a formação filosófica de Ritter e de Humboldt, Hegel, Schelling e os clássicos gregos” (MORAIS, 1989, p.156).

A influência da filosofia de Herder na Geografia consiste de não sê-la apenas uma descrição do mundo, mas sim uma explicação da história de cada povo e sua evolução geral para o progresso. Para ele a história dos povos está ligada à sua Geografia, sendo nesse momento da fundação da Geografia Científica Clássica que se propagava mais por um entendimento da Geografia enquanto espaço da natureza física.

Afirma - nos Moraes, (1989, p.156) que “Herder é um pré-romântico convivendo com Goethe e Schiller, românticos, que, dialogam, diretamente com Humboldt; este dialoga com Ritter e ambos dialogam com Schelling, Fichte, Hegel e etc.” Fichte (1762-1814), manifestava-se a favor do determinismo, exercendo forte influência sobre os representantes do nacionalismo alemão, assim como sobre as teorias filosóficas de Friedrich Schelling, e Hegel. Os *Discursos à nação alemã* é sua obra mais conhecida. Como expressão deixada por G.F Tatham (1959, p.28) que: “no Idealismo de Fichte, Schelling e Hegel o conceito de conjunto relacionava-se com o conceito teleológico de universo”. Este conceito teleológico possui afinidade em Kant e é visto também em Ritter, Humboldt e Agassiz.

Para Rousseau (1712-1778) o olhar geográfico é desenvolvido por Pestalozzi (1746- 1827), cujo sentido se faz quando se apoia na importância da experiência no campo desenvolvido; o que de certa forma passará a exercer grande influência nos seus alunos tal como Humboldt e outros. A perspectiva naturalista permite descobrir verdadeiramente a diversidade de fisionomias da Terra e das paisagens que o homem organizou. O fato de que a Geografia é de um lado, uma ciência da natureza, e de outro lado, uma ciência da sociedade, ocorre por ter em sua fundação como consequência do impulso das ciências naturais, daí a Geografia aceitar o primado do meio sobre o homem.

A contribuição que se dá a geografia dos naturalistas se inicia com as classificações sistemáticas das plantas e dos animais graças aos relatos cada vez mais numerosos dos viajantes. De Carlos Lineu (1707-1778), por exemplo, se tem a classificação e reconhecimento de plantas e animais e do Conde de Buffon (1707-1788) a mineralogia progride com a distinção entre rochas plutônicas e sedimentares.

Como precursores de Agassiz e Humboldt, encontra-se Montesquieu e Buffon que pela via do racionalismo iluminista estavam ligados a uma ciência única e das relações homem-natureza. A partir das realizações de suas pesquisas Buffon será o grande cientista lido pelos naturalistas, os livros dos feitos de suas pesquisas servirão como livros de cabeceira para os naturalistas do século XIX. “Na sua *Historie Naurallede L’Homme*, de 1749, Buffon aparece como pioneiro na definição das relações entre o homem e a natureza”.(SODRÉ, 1986, p.26)

No século XVIII, Cuvier (1769-1832) fundador da paleontologia, e Buffon levantam como pesquisa a possibilidade de transformação das espécies biológicas, em 1809. Georges Cuvier, naturalista francês, utilizou métodos que lhe permitiu enfocar o estudo do mundo natural a partir de instrumentos analíticos empíricos, superando assim, as visões abstratas e generalizadoras derivadas do idealismo. Lamarck (1744-1829) estudioso da influência do meio nas modificações dos seres vivos defende um trabalho científico a essa questão, mas somente em 1859, com a obra *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, é que se fundamenta a teoria da evolução biológica. A adaptação ao ambiente de Lamarck e a seleção natural de Darwin acrescida do conceito de progresso de Comte vão constituir o evolucionismo materialista que estará no auge em meados do século XIX. Os métodos das ciências naturais deram sustentação epistemológica para a disposição de duas correntes filosóficas dominantes do século XIX: o positivismo francês de Augusto Comte³e o empirismo inglês de John Stuart Mill⁴ que se aliam a consolidação da visão histórica de progresso evolucionista.

“Uma característica do positivismo Comteano que influenciou muitos cientistas do século XIX foi à supervalorização do raciocínio indutivo.” (DINIZ FILHO, 2009, p.16). A ênfase empirista do positivismo levou a uma valorização dos elementos visíveis da natureza, chamando-se assim, de naturalismo todas as ciências que trazem da natureza a indução e a experimentação para formular leis gerais explicando os fenômenos através do princípio da unidade do método.

³Cf. HOBBSAWN, Eric J. *A Era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996. A base de sustentação da filosofia positiva de Comte reside na “*imutabilidade das leis da natureza e a impossibilidade de qualquer conhecimento infinito ou absoluto*.”p.350.

⁴Ibidem, p.350. De acordo com Hobsbawn, assim como a filosofia positiva de Augusto Comte traça uma justificativa filosófica dos métodos das ciências naturais, Stuart Mill foi o homem que abriu as portas da indução e do experimento.

Segundo Tiago Lara Adão (1986, p.81) “O positivismo de Augusto Comte admite a ciência como o tipo de conhecimento que se liga aos fatos, justificando-os e sistematizando-os através de outros fatos”. O positivismo acaba por ser uma aliada da burguesia no poder ao propor que a sociedade deveria ser governada pelos “sábios”, pois valoriza bastante a ciência. No final do século XIX, o positivismo passa a ser o pensamento filosófico dominante, então muitos abandonam o romantismo idealista e se tornam realistas ou naturalistas.

Os homens instruídos de meados do século XIX estavam não apenas confiantes nos métodos da ciência, mas, sobretudo, encontravam-se orgulhosos do que haviam conquistado.

Dessa forma, a ideia de progresso foi compartilhada pela maioria dos intelectuais de meados do século XIX, já que o movimento naquele momento estava se consolidando de maneira forte demais para que fosse veemente contestado. Com isso, vemos a ideia de progresso fazer parte das discussões dos grandes expoentes intelectuais dos Oitocentos como Karl Marx, Charles Darwin e Augusto Comte, compreendendo que, apesar dos caminhos conceituais e metodológicos destes pensadores seguirem rumos diferentes, suas análises estavam voltadas a mesma preocupação, qual seja da relação do progresso com a humanidade.

1.2. Os Fundamentos da Geografia Científica.

Se nós formos à busca de encontrar na literatura científica mais profundamente a origem do pensamento geográfico encontraremos em Varenius, destacado por Sodré que nos diz: “Em Berhard Varen,(Varenius), (1622-1650) a Geografia tem um de seus maiores pioneiros em 1650 com a obra *Geografia Generalis*.” (SODRÉ, 1986, p.23).

A Geografia ao fim do século XVIII havia reunido condições para emancipar-se. Podia compor seus elementos, espalhados nos mais diversos campos do conhecimento e sistematizá-los, mas ela se formou tardiamente se comparada a História enquanto conhecimento científico, e nisto vemos que: “Nascida tardiamente como ciência oficial, a Geografia teve dificuldades para se desligar dos grandes

interesses, pois, uma de suas missões, era de um lado, esconder o papel do Estado bem como o das classes, na organização da sociedade e do espaço”. (SODRÉ, 1986, p.14). Segundo J.O.M. Broek ainda hoje se reduz do papel do geógrafo ao de intérprete das condições naturais. (BROEK, Apud. SANTOS, 1999, p.16).

Os avanços ocorridos no século XIX, principalmente nas filosofias e nas ciências com as teorias evolucionistas foram fundamentais para que o naturalismo e o cientificismo tomassem conta das ciências do homem e da geografia. O homem buscou justificar diferenças entre determinados povos sem a explicação da religião e acabaram por influenciar as ciências geográficas, segundo nos afirma Lopes Diniz Filho (2009, p.59) “as teorias evolucionistas tiveram importância para a Geografia, pois a idéia de explicar a diversidade das espécies como produto de uma evolução determinando no processo de adaptação dos seres vivos ao ambiente podia ser transposto para o estudo das relações homem-natureza”.

A influência e o impacto do evolucionismo na Geografia analisado por Gregory apontam quatro aspectos expostos da seguinte maneira: o primeiro trata da idéia de mudança através do tempo, exemplificado com o estudo das formas de relevo por William Moris Davis e Clements, o segundo trata da idéia de organização exemplificado pelo estudo das regiões, o terceiro trata da idéia de luta e seleção e aleatoriedade e por último o quarto que trata da idéia de chance de sobrevivência frente às evoluções globais.

O efeito do evolucionismo na Geografia Física, segundo Gregory (1992, p.37) “foi impor a ela uma perspectiva histórica que influenciou na Geomorfologia, Biogeografia, Pedologia e Climatologia”. Para este mesmo autor a Geografia nasce por volta de 1850 “na fundação de sociedades geográficas e na criação de cátedras nas universidades”. (GREGORY, 1992, p.33)

Na primeira metade do século XIX, a Geografia ainda era considerada como um conhecimento enciclopédico e seus estudos na maioria das vezes direcionaram e dominaram as investigações científicas da época. Segundo Ernesto Ruiz, os estudos geográficos desse período foram divididos em duas áreas, a história natural e a geofísica, sendo que as duas se fizeram presentes de forma combinada nas viagens e expedições científicas com espécies e medidas sendo recolhidas e analisadas, o autor ainda nos diz que:

Seis áreas de estudo dominaram a Geografia: Astronomia, Botânica, Taxonomia, Paleontologia, Geologia e Meteorologia. As maiorias dos investigadores estudaram os aspectos físicos da terra, os oceanos e a atmosfera: químicos analisaram pedras e minerais recolhidos em regiões remotas; físicos acompanharam agrimensores e estudaram os efeitos do magnetismo terrestre; matemáticos calcularam as dimensões da terra a partir de dados geodésicos; e astrónomos estudaram o movimento de nuvens e ventos. (RUIZ, p.81, 2000)

Os cientistas pesquisadores que em grande quantidade foram a campo obter seus resultados precisavam mostrar que seus esforços podiam levar a algum benefício prático e que as expedições científicas, das quais a maioria era patrocinada com recursos estatais, se justificariam em função de servir ao interesse público. Os resultados obtidos pelas expedições científicas foram disseminados através dos governos e instituições acadêmicas, que possibilitaram um melhor conhecimento do planeta e ajudaram para que as ciências geográficas, segundo Ernesto Ruiz, se transformassem em um instrumento e um meio para racionalizar o processo de expansão política e econômica. (RUIZ, p.81,2000).

Em meados do século XIX a combinação de ideias racionalistas e românticas era insuficiente para resolver os problemas epistemológicos da nova ciência e já se falava de uma dualidade entre a Geografia Física e a Humana, perdendo-se a unicidade pela natureza, nesse momento, muitos pesquisadores tendem a serem geomorfólogos ou climatólogos antes de serem geógrafos, como vemos em Louis Agassiz que em sua obra “Viagem ao Brasil” escreve-se muito sobre ictiologia, botânica, geomorfologia, geologia e climatologia, mas sem conectá-los com o todo orgânico e a presença humana vistas na Geografia.

Na Filosofia Moderna do século XIX, manteve-se a dualidade entre tendências racionalistas e idealistas. A idéia de que a Geografia tem vocação explicativa se insere num contexto filosófico de Herder por razões epistemológicas de Kant. O evolucionismo darwinista oferece à Geografia uma dimensão de diferenciação das formas vivas. Na linha racionalista, a principal corrente foi o positivismo, particularmente em sua forma evolucionista. O marxismo, surgido nessa época, influenciaria o pensamento do século seguinte. Na linha do idealismo, pode-se encontrar a filosofia da natureza, o romantismo, a hermenêutica e a fenomenologia.

Como síntese de muitas mudanças que ocorrem nas ciências do século XVIII e XIX na explicação sobre as transformações da natureza podem-se citar: o Sistema da Natureza de Buffon, as reflexões de James Hutton sobre a Geologia e de Lavoisier sobre a Química, principalmente, surgimento da noção de organismo na Biologia. Essas transformações marcaram fortemente as reflexões kantianas, cujo exemplo é a *Crítica a Faculdade do Juízo* de 1791. Nesse caldo cultural deve ser inserida a concepção de Kant sobre a Geografia Física e as transformações na noção de Espaço, Natureza e Estética, que influenciará as análises da Naturphilosophie e particularmente, de Goethe sobre a Ciência da Morfologia, base para a estruturação da Geomorfologia, da concepção geográfica de paisagem e geoesfera, como categorias de organização natural da superfície da Terra, que foram desenvolvidas e operacionalizadas por Alexander von Humboldt em suas obras: *a Geografia das Plantas*, de 1803, *Quadros da Natureza* de 1808 e o *Cosmos*, publicados em cinco volumes de 1845 a 1862.

Quando observamos as contribuições destes filósofos e de seus princípios filosóficos que foram importantes para a formação da Geografia é visível que a herança idealista e positivista acabou por se impor a Geografia. A Geografia, que se instituiu como ciência no século XIX, por volta de 1870, debateu-se na construção de seu objeto de estudo e o definiu epistemologicamente no decorrer dos anos.

Não podemos esquecer que quando falamos de uma herança filosófica da Geografia devemos ser prudentes, “se estivermos em busca dos fundamentos filosóficos da ciência geográfica desde sua construção, temos de ir busca - los em Descartes, Kant, Darwin, Comte e os positivistas, mas também em Hegel e em Marx,” (SANTOS, 1999, p.29) destacando aspectos importantes de contribuições destes para a nascente Geografia.

Notadamente, outro fator que marca o nascimento da Geografia enquanto ciência são as suas categorias de análises, pois a partir delas os estudos geográficos se farão notar com mais clareza. Como Ciências podem dizer que a Geografia tem como objeto de estudo a relação homem/natureza, que segundo Roberto Lobato Corrêa (1995, p.16) “trata das análises objetivadas da ação humana sobre os principais elementos da superfície terrestres sendo eles o espaço, lugar, território e paisagem.”.

Essa base conceitual analisada por Corrêa é muito complexa e abrange a superfície terrestre como objeto de estudo, a qual é dinâmica e está em constante transformação.

A organização do espaço geográfico é usada como mediador pela sociedade nas suas relações sociais e culturais com a natureza, o espaço é percebido através das paisagens e configurado pelos lugares, territórios e regiões. Estes se compreendidos do ponto de vista científico passam a serem conceitos e categorias chaves para o entendimento da Geografia.

Para Inês Farias de Freitas o objetivo principal em se buscar os traços do nascimento da geografia moderna no seio dos relatos de viajantes, perfaz-se que a classificação de seus trabalhos devam se operar a partir do seguinte critério: o desenvolvimento das ideias “geográficas” nos relatos dos viajantes.

A fim de perceber isso de maneira mais clara, consagrou à análise de três categorias principais: sua concepção da natureza, sua idéia de território e a imagem e o papel do homem – três temas/conceitos que interessam particularmente à Geografia Moderna. Ao fim de sua classificação, desenharam-se três grupos de viajantes, que poderíamos assim caracterizar e nomear:

Grupo 1 – **Os geógrafos-naturalistas** (que viajaram, em geral, entre 1694 e 1740). São os primeiros viajantes do século XVIII. Detentores, em geral, do título de “geógrafo do rei”, sua prática era bastante ligada ao papel do geógrafo tradicional do século XVIII. A figura da Terra e a cartografia são seus temas principais... Grupo 2 – **Os naturalistas-geógrafos** (de 1740 a 1820, aproximadamente). Contrariamente àqueles do primeiro grupo, esses viajantes embarcam com preocupações principalmente ligadas à história natural, para se tornarem, pouco a pouco, geógrafos modernos... Grupo 3 – **Os geógrafos *stricto sensu*** (entre 1820 e 1847). Esses “descobridores” do território brasileiro, os mais “científicos” e “objetivos”, são também os menos pitorescos e aventureiros. É nesse grupo que se faz conhecer a geografia moderna “consumada”, momento em que os “naturalistas-geógrafos” assumirão totalmente o papel do geógrafo moderno. Fazem parte desse grupo: Saint-Hilaire, Laplace, Vaillant, Castelnau, d’Orbigny, etc. – talvez os mais conhecidos, hoje, do público brasileiro. (FREITAS, 2012, p.3)

A geografia, tal como era então compreendida por esses naturalistas, voltava a estudar fatos concernentes à distribuição dos animais e das plantas sobre a superfície da Terra. Sem esquecer-se de estender esses estudos ao homem. Assim, o que era mais novo na geografia desses viajantes eram seus métodos, mais em conexão com uma Biogeografia do que com uma Geografia Humana tal como a concebeu em nossos dias. Nesse quadro, o homem não era ainda considerado como agente geográfico, capaz de modificar seu ambiente. Sobre esse ponto, Inês

ainda acrescenta que “Buffon estava claramente à frente de nossos viajantes”. (FREITAS, 2012, p.19) Mesmo seguido e respeitado, no que toca sua concepção de natureza, parece-nos, todavia que suas ideias concernentes ao papel geográfico do homem encontrariam pouco eco em nossos viajantes. Assim ocorre com a idéia de que todos os elementos da natureza podiam estar em correlação uns com os outros se reduzindo a um reino da natureza que não incluía o homem.

1.3. Os Viajantes Naturalistas na Amazônia dos Oitocentos.

Os registros e relatos do continente americano foram se multiplicando na medida em que uma nova forma de percepção se estabeleceu na Europa nos finais do século XVII. Esta nova forma segundo Almir Diniz foi concebida “como fruto da sistematização do olhar dos viajantes, e ao mesmo tempo como resultado da experiência deles próprios”. (CARVALHO JUNIOR, 2011, p.40)

As viagens para fora das fronteiras do mundo conhecido, além de serem empreendimentos particulares, comerciais ou estatais com fins bastante específicos, passaram a ter necessidade de se transformar em projetos mais bem articulados. Para tanto era necessário disciplinar o olhar dos viajantes, pois os Estados precisavam usufruir das informações que estes traziam, até porque, em razão do elevado custo de tal empreendimento, era normalmente o Estado que se constituía como principal financiador das viagens e aquele que recompensava os primeiros “naturalistas” no seu retorno e em razão das informações que lhe proporcionava.

As academias de ciências e os museus de História Natural foram aos poucos se constituindo como espaços primordiais para sistematização dos conhecimentos trazidos pelos viajantes naturalistas. No entanto, a consolidação destas instituições como portadoras das “verdades” sobre as alteridades aconteceu já nos finais do século XVIII e início do século XIX. Como já se dizia por Milton Santos “essa extraordinária acumulação de conhecimento, não resultou apenas de grandes expedições científicas da época, resultou também do trabalho organizado das academias” (SANTOS, 1986, p.16).

É na virada dos séculos XVIII e XIX que vai se presenciar à maior concentração de viagens científicas, contribuindo para tornar esse período conhecido como o século dos grandes viajantes ao redor do mundo. Assim esse começo do século XIX será mais do que nunca uma época de crença na civilização e no progresso, pois tal crença passa a fazer parte do imaginário de uma parte cada vez maior da sociedade europeia e norte - americana.

Como uma atividade integrada a um projeto de afirmação da nacionalidade, as ciências naturais se constituirão como um campo de legitimação social, a esse respeito Inês Farias de Freitas (2012, p.16) nos diz que:

Nesse contexto, seria lícito dizer que a viagem científica ultrapassa amplamente, nesse começo do século XIX, as fronteiras do que convém qualificar hoje em dia como puramente “científico”. O discurso científico era então portador de critérios utilitários, mas também filantrópicos tão comuns aos meios oficiais. Em outros termos, as ciências naturais eram inseparáveis de suas aplicações.

Além da qualificação das viagens que fora exposto acima, a formação científica do viajante, os apoios das instituições oficiais constituíam uma condição necessária para que a viagem fosse reconhecida como um empreendimento útil à nação. Um exemplo disso, por exemplo, foi à criação do Museu de História Natural na França durante a restauração. Essa instituição tornou-se uma escola de viajantes naturalistas. “Nela, futuros naturalistas eram recrutados em concursos e após ingressarem na instituição recebiam um conjunto de ensinamentos específicos e, munidos de manuais de instrução partiam para suas viagens.” (CARVALHO JÚNIOR, 2011). Ao serem instruídos e partirem para suas viagens esses naturalistas levavam consigo: instruções escritas sobre os objetivos de sua viagem, os objetos que precisavam ser observados, descritos e recolhidos, a maneira de armazená-los etc.

Grande parte dos viajantes naturalistas que vieram para o Brasil ao longo do século XIX escolheu a Amazônia como parte de suas preocupações e de suas pesquisas. Conhecer o outro continente, ou seja, “ver com os próprios olhos” foi uma das influências que esses viajantes naturalistas receberam de Humboldt, quando este estivera na América do Sul.

Dentre alguns desses viajantes naturalistas podemos destacar: Spix e Von Martius, August de Saint – Hilaire, Wallace, Henri Bates e Agassiz, dentre outros.

Embalados pelo sucesso das ciências naturais, os viajantes naturalistas do século XIX partiram em busca de novas descobertas, ou como nos diz Agassiz:

O tempo das grandes descobertas passou. Os curiosos pela natureza não se põem mais a caminho para achar um novo mundo, assim como não estudam o céu para procurar uma nova teoria do sistema solar. **A tarefa do naturalista em nossos dias é explorar mundos cuja existência já é conhecida, aprofundar e não descobrir.** (AGASSIZ, 1987, p.22) [grifos nossos]

O que havia em comum na maioria desses viajantes era o fato de terem uma formação nas ciências naturais ou muito próximas disso, esses naturalistas eram botânicos, zoólogos, entomólogos, ictiólogos, geólogos, médicos, enfim, cientistas oriundos muito mais das ciências naturais do que das nascentes ciências humanas. Caberia a esses naturalistas transformar sensações, experiências, e a cada nova espécie de animais e plantas classificá-las e encaixá-las na ordem natural das famílias, teriam de armazenar as espécies encontradas, animais e insetos imersos em álcool, animais empalhados, em herbários, além das descrições detalhadas escritas de modo inteligível em cadernos de viagem.

Conforme Lorelai Kury (2001, p.159), “desde o início do século XIX os naturalistas haviam passado a separar os textos considerados puramente científicos das narrativas de viagem”. A intenção em perfazer uma separação entre estes dois estilos literários consistia em alcançar um público leitor mais amplo. Esta literatura de viagem logo cairia no gosto de um público culto e ávido em conhecer o Novo Mundo. Desses mecanismos em utilizar sempre o recurso da comparação por analogia, traduzia para o leitor o que sua imaginação captava, conforme vemos a afirmação em Carla Lima (2008, p.30) em sua dissertação de mestrado:

De pena em punho estes naturalistas realizaram não apenas descrições técnicas dos seres e da geografia dos lugares que alcançavam. Mas esta literatura procurou traduzir tudo o que os seus olhos viam e testemunhavam, utilizando recursos imagéticos e lingüísticos que fazia parte de sua própria estrutura de mundo e de natureza ocidental.

A necessidade da experiência visual, ressaltada nos relatos de viagens, é uma contante no século XIX, e para o viajante naturalista, a impressão causada pelo olhar é a que fica fornecendo o estatuto de verdade ao relato. O fato de ele ter estado presente, de ter sido testemunha ocular de um evento, ou de um hábito do cotidiano qualquer, garante à sua narrativa o teor incontestável da veracidade de suas informações.

Dentre as principais visões que os viajantes têm em comum seriam em seu primeiro momento o olhar de observadores externos que se enquadram com clareza, quase classificatória, elementos de tipo, costumes, normas de comportamento, etc. Depois de passado algum tempo, a vivência cotidiana leva-os a se misturar ao ambiente visitado, ao tornar íntimos de gente da terra, se familiarizar com as rotinas e os problemas daquele lugar que pode ser uma cidade ou um vilarejo. Reclamam do calor, dos mosquitos, das chuvas torrenciais, da sujeira das ruas, do descaso das autoridades, do tempo que parasse parar nestas terras, pois para os que nela residem tudo pode ficar para o dia seguinte. Nesse movimento, os viajantes “não só figuram um Brasil, como ensinam a figurá-lo, a descrevê-lo.” (SUSSEKIND, 1990, p. 39).

Para a história natural realizada nas instituições européias, ver com os próprios olhos não era regra que deveria sempre ser seguida. Muitas vezes, o coletor e o sistematizador nem sempre eram a mesma pessoa. Dessa forma vemos “a importância que adquirem as instruções para as viagens científicas e a formação de profissionais de diversos tipos, tais como jardineiros coletores, desenhistas e pintores especializados em história natural, preparadores de animais que conheciam os procedimentos de conservação e empalhamento, que acompanhavam ou algumas vezes substituíam os próprios naturalistas.” (KURY, 2001, p.865,866) A problemática da verdade na criação de uma imagem do Brasil enfatiza o papel dos relatos de viajantes, principalmente o dos estudiosos naturalistas. “A escrita em trânsito forneceria o tom de testemunha ocular aos relatos, escritos no estilo simples da verdade; o mesmo tom estaria presente nas aquarelas e desenhos dos pintores que acompanhavam as expedições.” (MAUAD, 1997, p.187).

Jacques Burkhardt que foi o desenhista da expedição Thayer, era eloquente na sua necessidade de tudo registrar, a sua importância para a combinação dos levantamentos de dados da coleta de Agassiz foi crucial para a pesquisa desempenhada pela expedição. “Nas circunavegações do fim do século XVIII e do começo do século XIX, a presença de desenhistas é indispensável: serão eles os “olhos dos viajantes.” (FREITAS, 2012)”. Desta afirmação observamos que a viagem foi em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência.

Em seu excelente livro sobre a influência da narrativa dos viajantes e dos traços dos desenhistas, acompanhantes dos naturalistas, na composição da literatura romântica nas décadas de 1830 e 1840, Flora Sussekind demonstra como essas obras criaram uma imagem do país que se revela na figuração do Império. Corroboradas pelas fotografias de paisagens em chapas de grande formato e pela participação do Brasil nas exposições universais, essa imagem teve como marca aquilo que a autora denominou de a sensação de não estar no todo, iluminar uma parte escurecendo as demais.

A renovação nas formas de abordagens das literaturas de viagens tem apresentado os relatos como importante fonte para se tentar constituir determinada categoria da realidade histórica. Contudo, embora a literatura de viagem se constitua em importante instrumento para a compreensão do passado, deve-se tomar cuidado de não cair na armadilha de apenas considerar todas as informações textuais das narrativas como sendo a única versão dos acontecimentos do passado, a única realidade concreta e, portanto, percebida de forma homogênea por todos os sujeitos de determinada época.

Dessa forma, o texto se constitui numa representação que nada mais é que reinvenções de realidades a partir de uma visão específica dos acontecimentos, a partir das experiências individuais. Devemos considerar também todas as estratégias de escrita, cuja noção abarca a criação autoral da obra, o público ao qual ela se dirige e as formas de produção e recepção da obra.

Grande parte dos viajantes que percorreram a região amazônica em meados do século XIX empreendeu - se em responder algumas inquietações científicas, a partir das quais podemos vislumbrar os princípios reguladores de um tempo de mudanças significativas em andamento, de descobertas e redescobertas de mundos. Assim, viagens empreendidas neste contexto de transformações funcionavam tanto mais como oportunidade para o aprendizado, como um meio eficaz para se reconhecer as potencialidades de mercado e de inserção na nova ordem capitalista industrial do Novo Mundo. Foi nesse contexto que o casal norte-americano Agassiz considerou a região e seus habitantes como um verdadeiro laboratório para suas incursões intelectuais.

É possível perceber a partir da leitura de obras de viajantes naturalistas que passaram pela Amazônia, que ao pesquisarem a flora e a fauna não estavam tão preocupados com o homem que habitava a região amazônica.

Ademais, outro motivo lhes perseguia que era em divulgar os conhecimentos adquiridos a outros cientistas, colegas de profissão, espalhados pelo mundo, dessa maneira Agassiz dialogava com Humboldt, Ritter, Cuvier, dentre outros.

Da mesma maneira, não podemos nos esquecer de que ao trabalharmos com os viajantes naturalistas temos que entendê-los dentro do contexto de sua época, mesmo que nossas motivações, para pesquisa sejam problemas e inquietações do nosso tempo presente. Segundo nos informa o historiador Hideraldo Lima da Costa (1995, p.14) em sua dissertação de mestrado:

Os viajantes que passaram na região amazônica tiveram um grau de proximidade muito grande com o poder, onde por vezes seus discursos mantêm uma similaridade com os documentos oficiais contemporâneos à época de suas passagens, no que tange a percepção de valores e diagnósticos daquela realidade. E mais que isso, muitas de suas conclusões foram incorporadas por segmentos dominantes da região no passado e, ainda hoje, no presente.

Compromissados com suas viagens junto aos objetivos proposto a estes naturalistas, segundo Flora Sussekind caberiam-lhes: “classificar, ordenar, organizar mapas e coleções do que se encontrava pelo caminho” (SUSSEKIND, 1990, p. 45), agindo dessa forma, os naturalistas organizavam o que estavam pesquisando e enviavam o resultado de seus trabalhos às instituições financiadoras na Europa e Estados Unidos, mas é possível observar a partir de análise dos relatos desses viajantes naturalistas que se continham preocupações que transcendiam os objetivos declarados de suas viagens que eram os de estudar a flora e a fauna das regiões pesquisadas, pois estas viagens, mesmo que justificadas em termos científicos teriam como propósito real estender a influência política e econômica de seus países de origem às regiões visitadas.

Além de atenderem às exigências motivadoras de suas viagens os naturalistas também descreveram hábitos, estilos de vida e cultura dos povos habitantes, conferindo-lhes observações críticas, pessoais tomando como referencial o seu mundo de origem, a este respeito podemos citar o exemplo de Agassiz que no

decorrer de sua viagem, passou pelos igarapés, furos e rios da Amazônia, adentrou nas densas florestas, tendo que se instalar por algumas vezes nas pequenas vilas, lugares e cidades por onde coletou os peixes para sua coleção e escreveu suas anotações de pesquisa, nesses momentos ao relacionar-se com a população local, passou a observá-los e a descrevê-los, não se despreocupando com o objetivo inicial de sua viagem, mas ao olhar para as características do homem amazônico, estava ainda assim, sendo conduzido por uma preocupação científica.

Sobre este olhar lançado dos viajantes - naturalistas sobre a Amazônia, no artigo de Sérgio Cardoso (1988, p.348), *O olhar dos viajantes* ele nos diz que “os naturalistas que vieram ao Brasil fizeram a opção de “olhar com seus próprios olhos”, antes de tudo, ele nos diz que primeiramente devemos conhecer a diferença entre o ver e o olhar.” O ver significa a descrição, a passividade diante das coisas, pois, apenas registra e espelha, reflete e grava. Já o olhar faz outra coisa: ele investiga, indaga para além do visto. Diríamos que é o olhar que julga, ordena e classifica as ações e as virtudes do meio que o rodeia, lançando-o com o intuito de indagar e iluminar a paisagem, a realidade. É dentro desta ótica que compreendemos o olhar do viajante naturalista do período dos Oitocentos. Os naturalistas que vieram para o Brasil lançaram seus olhares sobre as paisagens com inquietude, curiosidade e insatisfação; em suas expedições científicas buscavam dar conta das sensações e impressões vivenciadas em suas trajetórias, não só utilizando o desenho e a pintura, mas também principalmente, a narrativa escrita que dá corpo aos seus diários de viagem.

Alexandre von Humboldt, o célebre viajante naturalista que percorreu a América do Sul no final do Setecentos (1799) e início do Oitocentos, foi quem inaugurou essa nova perspectiva literária, cujo relato entrelaça a experiência de viagem, observações e descrições de cunho científico. Ele defendeu a experiência de “ver com os próprios olhos”, como fazendo parte da trajetória da atividade científica, pois não seria possível descrever minúcias dos fenômenos e seres encontrados em paisagens singulares sem que os mesmos não fossem encontrados em seu estado natural.

Nesta perspectiva, Humboldt é a grande referência para os naturalistas que vieram para o Brasil, como os bávaros Spix e Martius e o suíço naturalizado norte-

americano Louis Agassiz. Movidos pelo ideal iluminista, que concebia a viagem como ocasião privilegiada para aprendizado, estes viajantes exaltaram o valor do contato direto com as coisas do mundo, o valor das visões dos seres em sua conexão de relações, enfim, o valor da experiência de viagem para sua formação, tal qual observa Agassiz:

Apreendi também quanto é rico em impressões um só dia neste mundo maravilhoso dos trópicos, por menos que se abra para os tesouros da vida vegetal e animal. **Algumas horas assim passadas no campo**, simplesmente a olhar os animais e as plantas, **ensinam mais sobre a distribuição da vida de que um mês de estudo de gabinete**, pois, em tais condições, as coisas se mostram na completa harmonia de suas relações. (AGASSIZ, 2000, p.351) [grifos nossos]

As regiões Amazônicas assim como outras regiões do Brasil estiveram fechadas ao comércio internacional na década de 1850. A idéia de explorar a região Amazônica e pressionar o Império do Brasil a abrir esse território à inversão e ao comércio norte-americano, conforme nos diz Ernesto Ruiz, foi produto de Matthew Fontaine Maury, Superintendente do Observatório Nacional de Washington, e suas ideias se materializaram com a realização da Expedição de Herdon e Gibbon⁵ ao rio Amazonas. Maury foi um dos mais prestigiosos hidrógrafos da Marinha dos Estados Unidos e suas teorias geopolíticas foram expostas em livros e panfletos publicados vinte anos antes da Guerra Civil americana. Maury concluiu que suas ideias e argumentos sobre a região Amazônica como solução para o problema dos negros dos Estados Unidos, ganhariam força quando viajantes cientistas fizessem expedições pelo rio Amazonas. A esse respeito Ruiz nos detalha com mais informações:

Maury pensou que o destino dos estados escravistas estavam intimamente ligados ao futuro da região amazônica. Não só a população escrava crescia mais rapidamente que a população branca senão também que o sul não poderia emancipar seus escravos sem destruir seu capital. Nos Estados Unidos o território disponível para ser cultivado pelo trabalho escravo foi limitado. Portanto, **o excedente de população negra poderia ser canalizado para** o Brasil. Maury concluiu que a **região Amazônica** poderia transformar-se em uma válvula de segurança para a estabilidade política dos Estados Unidos e um seguro contra um possível conflito racial. (RUIZ, p.86, 2000). [grifos nossos].

⁵O Tenente William Lewis Herdon que já estava no oceano Pacífico encontrou-se com o Tenente Lardner Gibbon em maio de 1851, cujas instruções da expedição já haviam recebido do Secretário da Marinha norte-americana Graham, em Lima no Chile. Herdon seguiu o curso do rio Amazonas navegando até o Pará, explorando também um número importante de tributários, o outro grupo liderado por Gibbon, desde a Bolívia, navegou o rio Madeira, para depois seguir o curso do rio Amazonas.

Como os dados recolhidos por Herdon e Gibbon da expedição em 1853 geraram críticas à colonização negra da região amazônica, após ampla divulgação na imprensa, Maury passou a desacreditar nesse projeto. Além do mais o Brasil adiou a abertura do rio Amazonas ao comércio internacional até dezembro de 1866 e os escravistas sulinos americanos nunca colonizaram a região amazônica, mas um número importante de confederados emigrou ao Brasil ao terminar a Guerra Civil.

Nenhuma outra região brasileira reservava tantos mistérios a serem desvendados por esses homens como a região amazônica⁶, pois, até esse período a cartografia conhecia completamente apenas o litoral do país, enquanto o seu interior permanecia em branco na quase totalidade dos mapas europeus. Logo, o fato de até o final dos Setecentos e início dos Oitocentos, o norte do Brasil ser interditado a estrangeiros veio a cultivar e aguçar ainda mais a curiosidade e as imaginações sobre esta região, motivo que sustenta a necessidade de uma análise mais detalhada sobre os aspectos físicos e humanos da região amazônica, mesmo que estas indagações sejam utilizadas como disfarces pelos estados dominantes para solucionar problemas políticos enfrentados.

Ao encontro desses disfarces, Louis Agassiz, já relatara juntamente com sua esposa Elisabeth sobre a carência de uma população mais numerosa na Amazônia e já deixam por entender mesmo que implicitamente, que sua viagem para a Amazônia obtinha interesses além dos científicos explicitados, estavam também preocupados com a demanda crescente de negros no sul da América do Norte culminando em um dos motivos da Guerra da Secessão, percebeu - se então os interesses políticos por trás da expedição científica como se observa no seguinte trecho quando se refere à região Amazônica:

Chegará necessariamente à época em que a humanidade dele tomará posse, em que, nessas mesmas águas onde só cruzamos com três canoas em seis dias, os navios a vapor e embarcações de toda espécie subirão e descerão continuamente; em que a vida e o trabalho, enfim, animarão estas margens; mas esses dias ainda não chegaram... quando penso na facilidade com que tudo dá aqui, numa terra que nada custa, pergunto-me por que estranha fatalidade uma metade do mundo regurgita por tal forma de habitantes que o pão não chega para todos, enquanto que na outra

⁶Apesar do tratado de abertura dos portos ter sido assinada por D. João, o rio Amazonas continuaria fechado a navegação estrangeira até meados dos Oitocentos. A abertura da livre navegação se deveu em parte ao sucesso da missão diplomática erigida por Agassiz junto ao imperador D. Pedro II, cujo governo, pressionado externa e internamente, resolveu deliberar a abertura do Amazonas e seus afluentes para as nações amigas em 1867.

metade a população é tão escassa que os braços não dão para a colheita! **Não devia a emigração afluir em ondas para essa região tão favorecida pela natureza e tão vazia de homens!**... Infelizmente, as coisas caminham muito lentamente nestas latitudes, e as grandes cidades não se improvisam em meio século, como entre nós. (AGASSIZ, 2000, p.325, 326) [grifos nossos]

Mas não eram somente os interesses geopolíticos que estavam por detrás das viagens para a Amazônia no século XIX, a presença de naturalistas e cientistas que se interessavam pelos estudos sobre a Amazônia se deu de tal forma e importância, pois estes fizeram, sobretudo, importantes descobertas de flora, fauna, rios, populações, dentre outros, atribuindo-se a eles importantes contribuições sobre as variações dos padrões de paisagens e ecologias do território brasileiro.

Ao se incluir informações obtidas por Louis Agassiz e outros naturalistas sobre a Amazônia aprimoram-se o conhecimento pelo espaço geográfico brasileiro. E não somente o suíço naturalizado norte-americano que esteve presente aqui na Amazônia no século XIX, podendo ser citados outros viajantes de tão grande importância como os “Alemães Spix e Martius (1817-1820); Ingleses Henry Walter Bates (1848-1859) e Alfred Russel Wallace (1848-1852); Suíço naturalizado norte-americano Louis Agassiz (1865-1866); Francês Henri Coudeau (1895)”.(COSTA, 1999, p.32).

Entre as principais viagens naturalistas na Amazônia, no início do século XIX, entre 1817 – 1820, destaca-se a do zoólogo Johann Batist Von Spix e do botânico Carl Friedrich Philipp von Martius, permanecendo por 9 meses de excursão, cheia de aventuras, pela imensa Amazônia, conforme nota da tradutora do livro *Viagem pelo Brasil* por Lucia Lehmmeysel⁷. Agassiz já havia estudado os peixes de água doce do Brasil, colecionados por Spix, por incumbência de Martius devido à morte precoce de Spix, antes mesmo de concluírem a obra *Viagem pelo Brasil*, onde narram a sua viagem pela Amazônia.

Disso percebemos que era um jovem estudante quando a convite de Martius, Agassiz terminou e publicou gêneros selecionados de espécies de peixes, juntando as informações que Spix havia coletado, Agassiz então elaborou, descreveu e inseriu as ilustrações sobre uma parte relativa aos peixes do Brasil, que havia sido deixada incompleta pelo companheiro de Martius, devido seu óbito.

⁷ Lucia Lehmmeysel, nota da tradutora do livro *Viagem pelo Brasil* de SPIX, Johann Batist von, e MARTIUS, Carl Friedrich Philipp, von, “*Viagem pelo Brasil*”, 1817-1820 e excertos e ilustrações.

Dentre os principais motivos de vir para o Brasil e empreender uma viagem científica, eis uns dos fatores que o próprio Agassiz nos aponta no prefácio de seu livro *Viagem ao Brasil*, sendo eles: primeiramente, aos vinte anos descreveu os peixes colecionados em Paris por Spix e Martius de sua viagem ao Brasil entre 1817-1820, segundo, pela simpatia que Agassiz nutria pelo Imperador Dom Pedro II e pelo seu trabalho no museu em Neuchâtel, terceiro, devido a sua saúde estar debilitada e por indicações médicas seria bom que ele mudasse de clima.

Sabemos que estes motivos elencados pelo próprio Agassiz não foram os únicos motivadores da sua expedição ao Brasil, há uma série de interesses por trás dessa viagem científica, por trás do discurso público do cientista-viajante tecia-se outro discurso conectado a duas linhas de ações diplomáticas e de interesses que ligava Agassiz aos interesses norte-americanos na Amazônia e dentre esses motivos “ocultos” podemos nos referenciar desses dois elementos muito importantes ressaltados por Maria Helena Machado⁸, mas já citado por outros autores como Arthur César Ferreira Reis⁹ e Nícia Vilela Luz¹⁰ que consiste em primeiro lugar a uma política de navegação fluvial e a abertura do Amazonas à navegação internacional, e um segundo motivo estaria ligado aos projetos de assentamento da população negra sulista norte-americana, como colonos ou aprendizes, na várzea Amazônica.

Um dos motivos que também foi decisivo a Agassiz em adentrar densas matas virgens das margens do rio Amazonas decorre do fato de Humboldt não ter conseguido explorar a bacia do Amazonas. Aproveitando da amizade que já desfrutava com o imperador D. Pedro II, assim como da facilidade de navegação por essa região devido à abertura dos portos amazônicos para navegação, Agassiz percebeu que seria uma ótima oportunidade empreender uma viagem para a Amazônia. Carla Lima descreve que os naturalistas de meados dos Oitocentos

⁸Maria Helena Pereira Toledo Machado nos chama a atenção para os outros motivos reais das expedições estrangeiras para o Brasil que fogem ao olhar heroico, mítico e romantizado que se faz das viagens científicas empreendidas na Amazônia. Podemos observar este aspecto com mais atenção por meio da leitura do seu artigo visto em: MACHADO, M. P.T. “A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista”. In: <http://www.usp.br/revistausp/75/07-mariahelena.pdf>, Acesso em 15/06/2011.

⁹Ver também a esse respeito Arthur César Ferreira Reis, *A Amazônia e a Cobiça Internacional*, Rio de Janeiro, Limitada, 1965, pp.60-85.

¹⁰Ver também em Nícia Vilela Luz, *A Amazônia para os Negros Americanos. Origem de uma Controvérsia Internacional*, Rio de Janeiro, Saga, 1968.

queriam igualar ou superar as realizações das viagens de Humboldt, evidenciavam que “parte do fascínio pela região amazônica resultou de uma intenção consciente de completar a etapa pela qual o grande naturalista alemão deixou de executar, ou, talvez até, igualá-la ou superá-la em grandeza e em extensão de realizações”. (LIMA, 2008, p.115)

A necessidade de “mostrar o mundo”, aliada a uma visão teológica da natureza que misturava elementos de um universo portador de um desígnio e de plenitude, foi levada ao extremo pelos naturalistas-geógrafos. Talvez estivessem mais preocupados que qualquer outro viajante naturalista com questões “filosóficas” concernentes à natureza. É o que lhes permitiu fazer uma Geografia bem mais elaborada do que a construída por seus predecessores. Segundo Inês Freitas “é isto que lhes confere o mérito de poderem ser reconhecidos como naturalistas que assumiram o papel do geógrafo moderno.” (FREITAS, 2009, p.15).

1.4. Os Agassiz e seus Fundamentos Filosóficos.

Entre os anos de 1850 e 1870 a influência do idealismo e do romantismo já vinha se perdendo em prol do evolucionismo proposto por Lamarck e Darwin, mas Agassiz ainda recebe essa influência do romantismo-idealismo, e, como Ritter, acreditava que Deus planejara o desenvolvimento da humanidade. Essa visão teleológica de Ritter conduziu a um tipo de determinismo ambiental, sendo também observadas características semelhantes na obra de Agassiz, *Viagem ao Brasil*, que demonstra que seu autor acreditava na natureza como um “todo” articulado com o homem e com Deus e que propor essas conexões era o principal objetivo da ciência geográfica que se fazia naquele momento.

Milton Santos já destacara que “um Darwinismo mal dirigido orientou numerosos geógrafos para o determinismo, alimentado pelo ideal positivista.” (SANTOS, 1986, p.29). É possível perceber que o determinismo se nutre dessas duas fontes: o evolucionismo e o positivismo. Louis Agassiz será um dos últimos cientistas de meados do século XIX a defender o criacionismo e a teoria do catastrofismo, contrapondo-se ferrenhamente aos darwinistas.

Parte de sua concepção filosófica adquiriu de seu mentor Georges Cuvier, quando estagiou no Museu Nacional de Ciências Naturais de Paris no ano de 1832.

Essas influências ratificaram o caráter idealista-estático do mundo natural e valorizaram a pesquisa empírica. Um pensamento de Agassiz reafirmado também por Cuvier se refere à teoria do Catastrofismo quando este dizia que o mundo havia sofrido inúmeras catástrofes, nas quais as espécies que o povoavam haviam completamente perecido, sendo em seguida outras levantadas e criadas pela mão divina, perspectiva esta discutida por Maria Helena Machado (2005, p.2,3) que sobre Cuvier afirmava:

Cuvier negava a fluidez e a interconexão genética das diferentes espécies entre si, propondo uma classificação do mundo natural em quatro ramos estáticos e não -inter- relacionados. Ao interpretar o mundo natural de forma não- dinâmica, o esquema explicativo concebido por Cuvier pressupunha uma descrição empírica minuciosa dos seres observados, uma vez que cada espécie era única em si mesma e o conhecimento de um não autorizava qualquer injunção sobre a estrutura de outra.

Os cientistas norte-americanos em meados do século XIX passaram a valorizar cada vez mais as hipóteses derivadas do evolucionismo expressando seus posicionamentos através de conferências. Tal posicionamento não fora compartilhado por Agassiz que passou a reagir de maneira discreta e contrária, negando-se a considerar seus colegas que estavam explorando hipóteses que o contradiziam, pois Agassiz tal qual Cuvier acreditou e procurou reafirmar uma crença em Deus para a criação do mundo.

Na ciência, a primeira grande contestação das concepções bíblicas, veio por parte da geologia, o questionamento veio à tona com base em achados fósseis. A resposta dos ortodoxos cristãos a essas questões veio com a teoria chamada catastrofismo, segundo a qual a Terra passou por inúmeros eventos súbitos e devastadores como inundações, terremotos, erupção vulcânica, acontecimentos tão catastróficos quanto o que ocorreu na passagem bíblica da arca de Noé.

Em fins do século XVIII surgiu uma nova teoria sobre a história da Terra que contradizia as premissas bíblicas do catastrofismo a essa teoria deu-se o nome de uniformitarismo, segundo a qual “rios depositaram lodos, criando novas camadas de solo, mares secaram lentamente e, ao longo de milhares de anos, seus leitos elevaram-se formando cadeias montanhosas que continham conchas fossilizadas...

a Terra era muito mais antiga do que jamais se acreditara” (STEFFOFF, 2007, p.28,29). James Hutton em 1788 negava que o estado atual da Terra fosse resultado de convulsões e catástrofes de proporções colossais, segundo Hutton apud Steffoff (2007, p.28) “a Terra seria uma ação lenta e constante de forças conhecidas, no decorrer de um período muito longo (...) a Terra fora moldada por esses processos graduais”.

O grande problema para os não evolucionistas na época de Agassiz era explicar o porquê dos animais fósseis apresentarem características físicas inexistentes do mundo atual. Agassiz, como herdeiro das teorias criacionistas - catastrofistas, baseava suas hipóteses nas premissas bíblicas - científicas, as quais diziam que Deus havia criado e destruído o mundo em vários momentos. Os animais que conhecemos hoje seriam originados de uma criação recente.

Não é a toa que Agassiz ao vir para o Brasil e para a Amazônia tinha como um de seus objetivos da expedição confirmar a teoria Criacionista (além de interesses geopolíticos de seu país residente).

No que concerne à pesquisa ictiológica, o objetivo da expedição *Thayer que liderou Agassiz ao Brasil* era confirmar a teoria criacionista, cujo princípio escorava-sena idéia da existência de uma distribuição peculiar das espécies por região do globo, distribuição esta que espelhava os desígnios divinos quanto à vocação de cada região da Terra. Já a comprovação da glaciação das áreas tropicais viria a referendar a hipótese de Agassiz a respeito da existência de uma série de catástrofes climáticas enfrentadas pela Terra, cujas consequências teriam sido a destruição de todas as espécies e a recriação delas pela vontade divina. A conclusão precípua dessa teoria era a negação da teoria da evolução. (MACHADO, 2005, p.4).

Podemos perceber da leitura de Antônio Robert de Moraes, Roberto Lobato Corrêa, Paul Claval, José Willem Visentini e outros autores que escrevem sobre a história do pensamento geográfico que Humboldt (1769-1859) e Ritter (1779-1859) são considerados os pais da Geografia. Segundo Moraes (1989, p.135) “Carl Ritter divide com Humboldt o papel pioneiro de sistematização da Geografia (...) por isso são considerados seus fundadores”. Afirma-nos ainda em complemento Sandra Lencione (1999 p.24), “que ambos buscaram combinar racionalismo para uma Geografia Geral e romantismo idealismo para uma Geografia Regional”. Nesse aspecto a visão do que seria a Geografia baseia-se numa disciplina que tem por objetivo a unidade da natureza. A Geografia nesse momento segundo Diniz Filho (2009, p. 38), pode ser entendida da seguinte forma:

...a Geografia estuda as leis que integram os fenômenos naturais e humanos num todo coerente cujos temas são: distribuição de elementos naturais e humanos na superfície da Terra, a forma de integração entre esses elementos e a influência da natureza e do espaço sobre os grupos humanos.

Mas devemos sempre nos lembrar do momento histórico em que ambos estavam inseridos, pois como nos diz José Willian Visentini, “Com Ritter e Humboldt a Geografia Moderna surgiu; porém, a construção desta só pôde ocorrer porque praticamente toda a superfície terrestre havia sido conhecida, estudada e mapeada.” (VISENTINI, 2004). Demonstrando-se dessa forma a importância dos viajantes naturalistas para consolidação da Geografia.

Humboldt lançou as bases da Geografia Física e Geografia Geral, principalmente ao fato de ter ido a campo pesquisar trazendo à Geografia esta característica e Ritter exerceu influência maior na Geografia Humana e Regional.

A influência do materialismo racionalista, que afirma a existência de leis naturais para explicar os fenômenos da natureza e valorizar a veracidade das teorias científicas foi fundamental na formação de Humboldt.

Humboldt nasce numa família da nobreza e interessa-se por história natural, botânica e mineralogia. Com a morte de seu pai pode realizar seu sonho que era fazer viagens semelhantes aos que os grandes viajantes fizeram. Mas o que vemos de grande influência na concepção científica de Humboldt também foi o idealismo germânico e o romantismo que surgiram no século XVIII como reações ao racionalismo e ao materialismo da ciência iluminista.

Humboldt é apontado por muitos geógrafos como o pai da Geografia Geral também chamada Geografia Sistemática, “pois ele sistematizou a cartografia com isolinhas, estruturou a fitogeografia e por ser membro de uma família rica, isso lhe propiciou que realizasse viagens,” (DINIZ FILHO, 2009) como a que despendeu à América, reafirmando a Geografia como uma disciplina de campo; então ele uniu suas descrições minuciosas das paisagens que observara aliado a métodos científicos comparativos que lhe renderam preciosas obras como *Cosmos e Quadros da natureza*.

Se nós fossemos considerar uma data como o início da Geografia enquanto conhecimento sistematizado o ano escolhido seria 1845 quando Humboldt publicou

sua obra *Cosmos*. Os cinco volumes da coleção *Cosmos* reflete o elemento quantitativo colhido diretamente na viagem e o qualitativo era a teorização, como nos diz Sodré “ao estabelecer as relações dos fenômenos ou processos de que tais observações eram meros sinais e manifestações, Humboldt começou a fazer Geografia”. (SODRÉ, 1986, p.32).

Humboldt defendia o conceito de unidade da natureza e achava que o objetivo da pesquisa científica deveria sempre ser a descoberta da conexão causal dos fenômenos. Suas técnicas, as que melhoraram como o da representação das estruturas geológicas, ou as que criaram a representação dos climas pelas isotermas marcam também seu engenho. Quanto ao método, ele foi inovador, ao definir a ciência de examinar os fenômenos climáticos, botânicos, geológicos na sua repartição, mas também nas suas relações recíprocas.

Das influências de filósofos que Humboldt recebeu destacamos Goethe, com o conceito de unidade viva da natureza, e Kant ao vislumbrar suas reflexões a importância na diferenciação regional da Terra e o princípio da comparação. Humboldt vai partir da ordem de classificação e corografia das paisagens da superfície terrestre, utilizando as vegetações para o uso do método comparativo.

Segundo Paul Claval (2007, p.64) “Humboldt é, antes de mais, um grande viajante naturalista: enquanto muitos geógrafos do seu tempo permanecem homens de gabinete ele sabe que a pesquisa deve iniciar-se no campo. Os seus conhecimentos de mineralogia, geologia e botânica permitem - lhe desvendar muitos traços interessantes nas paisagens e relacioná-los.” Sandra Lencione nos afirma que em Humboldt introduz-se o conceito base na Geografia Moderna de meio.

Carl Ritter é um geógrafo de formação e de Kant assume o método comparativo que, partindo de uma visão teleológica assume uma noção de recorte paisagístico e materializa a arrumação da superfície terrestre numa ordem de classificação que propicia ao geógrafo organizar sua descrição. A base teleológica de Ritter também parece ter sido herança kantiana. Não obstante, outra inspiração de Ritter que está muito mais próxima com uma visão teleológica da história é a influência de Herder, importante filósofo romancista.

Diferenciando – se de Humboldt e salientando a relevância de Ritter na Geografia afirma Sodré (1986, p.34) que: “Ritter afirmava que a Geografia devia ser mais do que pura descrição, seu objetivo é familiarizar o homem com o cenário de suas atividades, sendo não a descrição, mas a sua relação com o homem”; e segundo Claval (2007, p.67) seguindo a mesma linha de pensamento de Sodré nos afirma também que: “a Geografia deixa de ser uma modesta descrição da Terra e passa a compreender a cena mundial, a dinâmica das civilizações e a maneira através da qual os povos exploram o seu ambiente”.

Sobre o embasamento filosófico de Ritter, pode-se afirmar como se vê em Claval (2011, p.153) que: “Ritter é marcado igualmente pelas idéias românticas então dominantes. Ele é seduzido pela filosofia da natureza de F. Shelling e pelo destaque que coloca no papel da totalidade”. A análise da situação permite-lhe vincular o particular ao todo: relaciona os fenômenos locais ao que se passa na escala do planeta. De Herder assimila a idéia de que a história dos povos reflete os meios onde estes povos vivem.

As viagens de descobrimentos e reconhecimentos científicos desenvolvidos pelos europeus até o começo do século XX acabaram por produzir uma Geografia excepcionalmente descritiva e narrativa dos lugares, verdadeiros “retratos escritos”.

Autores de grande importância do conhecimento científico de abrangência da filosofia e do saber geográfico, principalmente alemães como Emanuel Kant, Carl Ritter, Alexander von Humboldt, e Friedrich Ratzel refletiam a respeito da Filosofia da Natureza e desenvolveram muito bem essas atividades ao nos legarem importantes documentos para entender a relação homem/natureza. Juntando as informações de viajantes naturalistas e as informações obtidas pelos alemães Kant, Humboldt e Ritter caracterizar-se-ão como as primeiras bases de formação da Geografia como ciência. Conforme se observa em Francisco Mendonça, “estas primeiras produções da ciência geográfica caracterizavam-se pelas observações e análises dos componentes do meio natural de maneira não especificamente individualizada, localmente ou regionalmente, mas pelas relações mútuas entre esses componentes e sua repartição mundial.” (MENDONÇA, 1989, p. 32). Era uma Geografia Geral de cunho eminentemente descritivo que predominou na Geografia alemã do século XIX e início do século XX. Nesse momento de descobertas a que

se ressaltar também sobre Louis Agassiz e sua expedição empreendida ao Brasil no século XIX.

Humboldt e Ritter morreram no mesmo ano em 1859, quando Darwin publicou a *Origem das Espécies*. Dez anos antes em 1848, Marx e Engels haviam divulgado *O Manifesto Comunista*. O prestígio de Kant decaíra bastante, enquanto crescia a ciência de Hegel. Era uma fase de mudança, que anunciava o aparecimento do imperialismo, que buscava colocar a Geografia a seu serviço.

1.5. Elisabeth Cary Agassiz e seu papel na Expedição Thayer.

Elisabeth Cabot Cary nasceu em 05 de outubro de 1822, a americana nascida na cidade de Boston era filha de um empresário da região. Tinha saúde debilitada e assim como Agassiz também foi educada em casa e por volta dos 14 anos de idade entrou para a Boston Society. Após o casamento de sua irmã mais velha, ela passou a frequentar reuniões de uma sociedade intelectual na Universidade de Cambridge.¹¹ Nesta ocasião o então carismático professor Louis Agassiz encantou-se pela inteligente, bonita e culta mulher, filha de uma tradicional e rica família de Boston. Casaram-se em 1850.

Para Miriam Moreira Leite, entre as autoras viajantes, a senhora Agassiz se distingue de outras mulheres, não apenas por suas origens sociais (alta camada americana), mas pela função que ocupou dentro de uma expedição científica deste porte. Segundo ainda Moreira Leite, há uma relação de igualdade do casal Agassiz, que pode ser comprovado pelo fato de que juntos participavam da mesma expedição, cumprindo funções diferentes. A escritora viajante se dirige a Agassiz como líder da expedição e aos demais, usando a primeira pessoa do plural. Do levantamento feito por Moreira Leite sobre as narrativas produzidas por mulheres sobre o Brasil, a maioria era de mulheres casadas, entre as quais a narrativa de Elisabeth possui o diferencial de ser o fruto de uma parceria entre a escritora e seu marido Louis Agassiz. Deste modo, apesar de Elisabeth escrever em conformidade às pretensões científicas de Louis Agassiz, ela deixa a sua marca em várias

¹¹Tratava-se de reuniões de grupos unitaristas que pregavam releituras científicas da Bíblia.

passagens do texto, demonstrando a existência de uma relação “estreita e igualitária entre o casal” (LEITE, 1997, p.121).

Mas, contrariando essa imagem de mulher independente e liberal Maria Helena de Toledo Machado (2006, p.132) nos afirma que o estudante e coletor voluntário da expedição Thayer, William James, descreve- a nos seguintes termos:

“Do quarto de Coutinho eu me dirigi para o da Sra. Agassiz. A excelente, porém fútil mulher olhará tudo sob uma luz tão romântica e inatural, que ela não parece andar por sobre o chão sólido. Ela parece imaginar que nós somos meros personagens andando por aí em estranhas fantasias, num palco de cenário apropriado e – pal plus difficile que ça. Ela me disse – que estava toda confusa e raivosa frente a ideia de ir novamente aos pernalongos e piuns do maldito Solimões, ao qual eu me agradava pensando ter dado um eterno adieu, na mais entusiástica forma: “Bem James, você se divertirá muito, não é. Eu o invejo.” Oh, que mulher tola!”

Para William James, a visão da senhora Agassiz sobre a Amazônia estava de acordo com seu papel de mulher da alta burguesia esclarecida, isto é, condenada a um artificialismo e romantismo desmedidos, impedindo-a de desfrutar da experiência de viagem e ver a realidade como ela realmente se apresentava. Diante desses argumentos James prosseguiu:

“A Sra. Agassiz está bem é uma mulher muito boa, porém, como muitas de sua classe em Boston, está tão preocupada em maximizar as oportunidades e tão convicta de compreender que ela está impedida de se divertir nos trópicos. Ela escreve abundantemente. Não sei o que resultará disso, mas temo que seja descritivo demais”. (MACHADO, 2006, p.132).

Esta imagem representada por James também pode ser evidenciada quando a jovem Elisabeth Cabot Cary constitui matrimônio com o professor Louis Agassiz. Elisabeth, obedecendo aos rituais da família burguesa, cumprindo o seu papel de senhora do lar, encarregou-se de organizar o agregado familiar, constituído por três enteados (após a morte de Cécile Braun em 1848, Agassiz manda buscar os filhos) e dois filhos. Louis Agassiz, por sua vez, também reforça a imagem da mulher dedicada ao marido na seguinte passagem do livro Viagem ao Brasil (2000, p.507):

“Sabes que minha mulher” me acompanha; a coragem que ela demonstra em todas as ocasiões, assim como a facilidade com que submete às exigências de qualquer situação, permitem que ela me acompanhe em toda a parte, até nas fronteiras incultas do Peru e no meio dos acampamentos dos índios menos civilizados. Em todas as nossas excursões, prestou-me aos mais assinalados serviços. Ocupado demais em minhas coleções e na direção de todo o meu pessoal, tenho dificilmente tempo para tomar algumas notas sobre os assuntos científicos de que me ocupo, e, sem ela, teria apenas recordações para contar das minhas viagens. “Ela, porém, diariamente, vem tomando notas extensas que nos serão da maior utilidade quando regressarmos...”

Advindo da citação acima se pode observar que será o próprio Louis Agassiz a enfatizar o papel de cronista de sua esposa na expedição, sem a qual “teria apenas recordações para contar das minhas viagens.” “Ela, porém, diariamente, vem tomando notas extensas que nos serão da maior utilidade quando regressarmos”. Mediante esta passagem, podemos acrescentar que Louis Agassiz necessitava da colaboração de Elisabeth, não apenas porque precisava rememorar a experiência de viagem, mas basicamente porque isso servia também para pontuar o tempo que passava. Segundo Carla Lima em sua dissertação de mestrado, por outro lado, tal imagem esconde a mulher que procurou conciliar suas funções domésticas à busca por um espaço próprio na vida pública.

“No ano de 1856, a senhora Elisabeth Cabot Cary Agassiz estabeleceu em sua casa uma escola para meninas em Boston, a qual contou com a ajuda de seu marido. Louis Agassiz e outros professores de Harvard iam para lá e colaboravam dando uma série de palestras. A escola funcionou por sete anos sendo fechada em 1863.” (LIMA, 2008, p.26).

Em 1879, seu engajamento na luta pelos direitos femininos levou-a ao movimento em prol à abertura de vagas para mulheres na Universidade de Harvard, cujo anexo foi fundado no mesmo ano. Dessa forma, reflete-se que a trajetória de vida de Elisabeth Agassiz sinalizava para uma quebra de padrões burgueses de comportamento de gênero, isto é, ao encampar a luta pela causa feminina ela se insere em um número cada vez maior de mulheres de meados do século XIX, principalmente oriundas da classe média e alta, que desejavam “obter para si e para suas descendentes” (PINSKY, 2003, p.275) os mesmos direitos que prevaleciam a seus pais, irmãos, maridos e filhos homens.

A narrativa de viagem do casal Agassiz se configura num relato escrito a duas mãos, cujas preocupações díspares de suas anotações complementam. Carla Lima (2008, p.33) nos afirma:

...enquanto Elisabeth Cary escreve sobre o cotidiano da viagem, constituindo o corpo principal da narrativa, a escrita de Agassiz foi organizada de modo a complementar as impressões de sua esposa, em nota de rodapé, em cartas enviadas às autoridades brasileiras e breves e último capítulo da obra que sintetizou suas impressões sobre a viagem.

Trata-se de uma obra produzida a partir de duas visões da realidade: a primeira, derivada do gosto romântico e pitoresco por paisagens agrestes; a segunda, efeito do processo de ordenação do mundo por meio de uma linguagem taxionômica. Assim, a separação de textos científicos mais pesados da narrativa

literária de tom mais agradável indica uma separação dos papéis sociais de gênero, visto que as mulheres não tinham espaço nos relatos científicos, ao mesmo tempo em que expressa duas perspectivas diferentes do olhar sobre a mesma realidade.

As descrições dos relatos da narrativa “*Viagem ao Brasil*”, não se trata apenas de um gênero literário de divulgação científica, Elisabeth Agassiz soube combinar nos escritos o jogo discursivo entre o pitoresco e o relato científico. Suas descrições demonstram um sentimento sobre a natureza que ressaltam o belo, o sublime, a singularidade das paisagens visitadas. Também não escaparam de seu olhar os hábitos e os costumes da população brasileira. Assim como as paisagens eram ressaltadas “como um dos espetáculos dos mais pitorescos” (KURY, 2007, p.2,3). O espetáculo das paisagens e dos hábitos da população brasileira nos momentos do relato é intercalado com descrições mais empíricas dadas pelas relações das palestras, de notas e das cartas de conteúdo científico de Louis Agassiz.

1.6. Louis Agassiz e sua viagem ao Brasil.

Jean Louis Rodolff Agassiz nasceu em 28 de maio de 1807, era filho de um pastor protestante da paróquia de Montier, Suíça (lado francês do país), e como filho pertencente da classe média europeia recebeu de seus pais quando ainda criança as primeiras noções das letras e da etiqueta social.

Quando chegou a fase entre quinze e dezoito anos, conforme nos diz Michelle Perrot, “ele passou quatro anos no ginásio de Biene concluindo seus estudos em Lausane.” (PERROT, 1991, p.165). Após ter escolhido como carreira a medicina, ele estudou sucessivamente nas Universidades de Zurique, Heidelberg e Munique, utilizando-se dos conhecimentos adquiridos por esses centros de ensino, enriqueceu seu conhecimento em história natural, especialmente botânica. Após Agassiz concluir seus estudos em medicina, em 1829 recebeu o título de doutor em medicina pela Universidade de Zurique, quando tinha apenas 23 anos de idade. Zoólogo, médico, geólogo e paleontólogo, Agassiz foi um dos sistematizadores do estudo da história natural.

Para melhor executar a tarefa a ele confiada por Martius, que era completar o exame de peixes coletados por Spix no Brasil, Agassiz dirigiu-se em fins de 1831 a Paris, para especializar-se. O período em que passou estudando os peixes fósseis do Museu de História Natural de Paris permitiu-lhe também estreitar laços de amizade com o “grandioso” Alexander von Humboldt, a quem deveu grande deferência não apenas por sua grande representatividade no meio naturalista, mas, sobretudo por fazer-lhe uma grande doação em dinheiro, garantindo-lhe a continuidade de seu trabalho como naturalista. (ABER, 2012) Através do apoio de Alexander von Humboldt e Lois Coulon, foi nomeado professor de História Natural em cadeira especialmente criada para a matéria no ginásio de Neuchâtel, na Suíça. Ali atuou 14 anos, transformando a instituição em importante centro de pesquisas científicas. No museu de Neuchâtel possui uma grande coleção de peixes fósseis de Agassiz, conforme informações publicadas por Alberto Silva (2010).

Em Paris, o mais prestigiado zoólogo da época, Georges Cuvier, incumbiu-o da descrição dos peixes fósseis do globo. Nesta cidade, iniciou sua carreira de pesquisador, trabalhando ao lado de Alexander von Humboldt e Georges Cuvier. A partir de 1832, Agassiz passou a estagiar no Museu Nacional de Ciências de Paris – ou Jardim de Plantas – aproximando-se de seu mestre Georges Cuvier, que era conhecido pelos seus métodos empiristas de classificação dos seres e de quem cujas ideias teóricas analíticas retiram bases para sustentação de suas observações sobre o mundo natural, além de fortalecer sua crença na teoria do catastrofismo, norteando seus princípios e fundamentos sobre uma grande “Era do Gelo”.

Seguindo esse caminho de pensamento, Agassiz seguiu com a edição de mais uma obra concluída em 1840, *Etudesurles geleira* considerada o primeiro livro de glaciologia e geomorfologia glacial.¹² Em 1847, ele enriqueceu o tema com mais uma produção e publicação na área com – *O Sistema de Geleiras*. Sua mais nova idéia sobre a recente Idade do Gelo rendeu grande reconhecimento do público por seu trabalho como naturalista.

Em 1845, aos 38 anos de idade, Agassiz passou por uma série de problemas pessoais e estava cheio de dívidas. Foi abandonado por Cécile Braun, que voltara para a Alemanha, com quem teve seu primeiro casamento. Criou também algumas

¹² Para se obter mais informação sobre biografia e obras de Louis Agassiz localizar informações disponíveis em: <http://academic.emporium.edu/aberjame/histgeol/agassiz/agassiz.htm>. Acesso em 12/05/2012.

inimizades no meio científico como Charpentier e Shimper que se sentiram menosprezados depois que Agassiz não lhes fez referência como os pioneiros a usar o termo *Eiseit*, cujo significado quer dizer glacial. Conforme Aber (2012), “Agassiz tinha atingido um ponto crucial de virada em sua vida”. Após esses graves problemas que o acometera, conseguiu uma contribuição em dinheiro no valor de US\$3.000,00,¹³ articulado por meio da ajuda de Alexandre von Humboldt, do rei da Prússia, Frederico IV, para uma expedição científica para os Estados Unidos em 1846. Dessa forma, em 1847 mudou-se para os Estados Unidos a fim de estudar a história natural e a geologia daquele país, além de realizar ciclos de palestras sobre zoologia, no Instituto Lowell de Boston.

Quando Agassiz se percebeu das inúmeras vantagens científicas recebidas nos Estados Unidos, induziram-no a não retornar mais à Europa, permanecendo então no Novo Mundo como professor de zoologia e geologia das Universidades de Cambridge e Harvard. Segundo Marcus Freitas: “Uma vez na rica e cultivada Nova Inglaterra, Agassiz encanta a todos com seu charme, seu conhecimento, seu dom natural para conferências”. Afirma-nos Marcus Freitas (2002, p.51) que “os bostinianos passam a serem frequentadores das conferências públicas que Agassiz ministrava em Lowell Institute sobre a origem da criação”. Em 1861, Agassiz é reconhecido por seu trabalho de naturalista, recebendo a *Medalha Complay da Royal Society* de Londres. Ele agora pertencia a uma elite intelectual que incluía Lyell e Humboldt.

Devido Louis Agassiz conhecer e passar a trabalhar juntamente próximo de Humboldt e Cuvier quando esteve em Paris, esses dois eminentes ictiólogos exerceram extraordinária influência em sua carreira. Um fato que desperta interesse de um âmbito maior ao associar a viagem de Louis Agassiz à Geografia é que tanto Agassiz quanto Humboldt são frutos do seu tempo e passam a realizar descrições sobre o Brasil e a América do Sul respectivamente, que nos servirão como base para se entender o pensamento geográfico brasileiro posterior. Humboldt exerceu grande influência intelectual sobre Louis Agassiz despertando-lhe o interesse em conhecer a região brasileira. Para se entender um pouco melhor dessa ligação da geografia de Humboldt e da geografia de Agassiz, é bom que se conheça um pouco mais sobre a viagem de Louis Agassiz ao Brasil e à Amazônia.

¹³ABER, James S. *História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz*. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/2012.

Durante um ciclo de palestras promovidas pelo professor Louis Agassiz no Lowel Institute, entre 1864-1865, seus temas enfatizavam a importância do estudo da glaciação no hemisfério sul, como forma de comprovar as teorias do criacionismo- catastrofismo, o que mobilizou a atenção da comunidade intelectual daquele período na Universidade de Harvard. Tanto assim que entusiasmou um de seus expectadores mais assíduos, Nathaniel Thayer, a financiar a viagem de uma equipe de naturalistas liderada pelo carismático professor à América do Sul. Para esta missão, Louis Agassiz recrutará desde assistentes profissionais, pertencentes ao quadro do Museu de Zoologia Comparada, a coletores voluntários, estudantes de Harvard, sendo que os últimos deveriam arcar às suas próprias custas com todas as despesas da viagem.

Apaixonado pela ictiologia, Agassiz esteve no Brasil entre 1865 e 1866, quando já tinha 58 anos, chefiando a Expedição Thayer – financiada por Nathaniel Thayer. Esta expedição foi composta por umas 15 pessoas ao todo¹⁴ e quando visitou a região norte do Brasil, fez-se com um grupo do qual faziam parte Elisabeth Agassiz, Walter Hunneweld, William James e o desenhista da expedição Jacques Burkhardt, pesquisando e catalogando os peixes brasileiros principalmente as espécies da bacia amazônica. Agassiz escreveu ao todo 29 obras sobre o Brasil, nos legando informações sobre fauna, geologia e geografia.

Pode-se fazer um esboço do pensamento de Agassiz quando no rol temático de palestras por ele proferido a bordo do navio Colorado. Durante a travessia, dia após dia, os jovens componentes da expedição ouviram, após a prelação do reverendo Potter, palestras proferidas por Agassiz, que tiveram por finalidade “prepará-los para a tarefa que vão executar”. (AGASSIZ, 2000, p.25) Diante da platéia Agassiz discorria sobre os principais temas de suas preocupações: “o objeto das explorações nos tempos modernos”, “distribuição dos peixes nos rios brasileiros”, “a origem das espécies”, “importância dos estudos embriológicos”, “fenômenos glaciários na América do Sul”, “a origem local das espécies”, “os peixes de água doce do país”, “classificação dos peixes à luz da embriologia”, “a teoria das

¹⁴ “Ficaram afastados, assim, todos os obstáculos e fiz os meus preparativos de viagem o mais rápido possível, depois de indicar para me acompanhar as seguintes pessoas: Jacques Burkhardt, desenhista; John G. Anthony, conchiologista; Frederico C. Hartt e Orestes Saint-John, geólogos; John A. Allen, ornitologista, e George Sceva, preparador. A nossa pequenina sociedade foi aumentada pela adjunção ainda de alguns voluntários, Newton Dexter, William James, Edward Copeland, Thomas Ward, Walter Hunnewell S. V.R., Thayer, cujo concurso, por ser espontâneo, não deixou de ser muito ativo e eficiente”. AGASSIZ, Jean Louis Rodolf, 1807-1873. **Viagem ao Brasil 1865-1866**/ Louis e Elisabeth Cary Agassiz, 2000, p.15.

transformações das espécies e independência intelectual e política” (AGASSIZ, 2000, p.25-44). Encerrando assim os temas de suas conferências a bordo do navio.

A importância de Agassiz, segundo a obra *Brasíliana da Biblioteca Nacional*, (2001, p.60) reside no fato de que ele “parece ter sido um dos que demarcaram os limites entre textos científicos e relatos de viagem”. O livro *Viagem ao Brasil* foi escrito por sua esposa Elisabeth Agassiz Cary, a qual registrou os ocorridos do dia a dia compilando os elementos fornecidos pelo esposo naturalista. Conforme nos apresenta na Revista Brasileira de História de 2001, sobre a obra *Viagem ao Brasil*: “Foi redigido por sua esposa Elisabeth, que se encarregou dos detalhes precisos, das descrições de paisagens e da narrativa de suas peripécias”.

Uma questão importante a se frisar é que o relato que o casal Agassiz nos traz se insere no gênero de fontes históricas classificadas por Marc Bloch, de “testemunhos voluntários, isto é, destinados a servir um público leitor”.

Diferentemente de outros tipos de documentos produzidos à época dos Oitocentos – como os relatórios dos presidentes de províncias, cartas e diários de viagens, artigos e livros técnico-científicos, como por exemplo, os tratados botânicos organizados a partir da nomenclatura taxionômica¹⁵ - a descrição de Agassiz teve por finalidade alcançar um público leitor mais amplo, do que aquele circunscrito aos gabinetes de história natural. Isto porque os relatos de viagem, assim como os jornalísticos, se constituíram como mediadores entre a rede científica e a esfera pública, funcionando como legitimadores da autoridade científica e de seu projeto totalizador em escala global. Também, segundo Mary Pratt, a partir da metade do século XVIII viajantes cientistas desenvolveram novos paradigmas de discurso sobre o Novo Mundo, os quais se distinguiram incisivamente de outros tipos de relatos do “gênero popular da literatura de sobrevivência... e suas associações místicas,” (PRATT, 1998, p.48), como por exemplo, as descrições de La Condamine sobre a descida do rio Amazonas havia herdado. (PRATT, 1998, p.63) O que torna imperioso para esta pesquisa seguir o trajeto da edição e circulação das narrativas de Agassiz neste instante.

¹⁵ Segundo Mary Pratt, muitos foram os suportes lingüísticos da empresa científica. Assim devemos pensar que muitas formas de escrita, de fala e de publicações veicularam o conhecimento na esfera pública ao mesmo tempo em que definiram e sustentaram seu valor. PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio H. B. Gutierrez – Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.63.

Das edições escritas em língua materna dos viajantes naturalistas, a narrativa do casal Agassiz teve sua primeira edição no ano de 1868 sob o título *A Journey in Brasil*, Boston: Fields & Osgood, 550 p. Foi com esta publicação que se deu a conhecer aos leitores estadunidenses a famosa *Thayer expedition* (1865-1866), que viajou do Rio de Janeiro ao norte do Brasil até chegar à Amazônia, dirigida por Louis Agassiz, professor em Cambridge e Havard. Após conquistar os leitores estadunidenses, a obra obteve novas edições, alcançando leitores de diferentes nacionalidades e idiomas. Assim como o sucesso editorial alcançado, a obra ganharia uma segunda edição ilustrada em francês, datada do ano de 1869, com o título *Voyage au Brésil* – Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 532 páginas com 54 gravuras e três mapas. Além desses exemplares foram publicadas edições em espanhol – *Viage al Brasil por Agassiz y su esposa*. Barcelona: Tipo-Lithográfico de F. Nascente, 1890 e 1892.¹⁶ Mas embora o foco temático dos relatos fosse o Brasil, os leitores de língua portuguesa só teriam acesso a uma edição em seu idioma no final da década de 1930.

Deveu-se a Edgar Sussekind de Mendonça a tradução da obra para a língua portuguesa no final da década de 1930, cuja versão baseia-se na edição francesa acima citada.

Durante a expedição que dirigiu ao Brasil em 1865-1866, Louis Agassiz conseguiu reunir e envolver muitas pessoas, conseguindo recolher, aproximadamente, 80.000 exemplares de peixes, especialmente peixes oriundos da Amazônia. Dos objetivos da viagem, além da busca por vestígios de glaciação no Brasil, pretendia também duplicar os feitos de Humboldt, objetivo que perseguirá até próximo do fim de sua carreira. Segundo James Aber, ao final da expedição Agassiz chegara à conclusão de que o Brasil tinha sido coberto por uma imensa camada de gelo, fenômeno idêntico ao que ocorrera no hemisfério norte, é o que podemos evidenciar no trecho da carta endereçada a sua mãe:

Deixo o Brasil com grande pesar; nele passei perto de quinze meses, gozando ininterruptamente as belezas dessa incomparável natureza tropical, aprendendo muita coisa que ampliou o círculo das minhas ideias sobre os seres organizados e a estrutura da Terra. **Encontrei traços de geleiras sob este céu escaldante, prova que o nosso globo sofreu mudanças de temperatura ainda mais consideráveis** do que os

¹⁶SILVA, Leonardo Dantas. Textos sobre o Recife. Koster: o mais fiel retratista da paisagem. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.html>. Acesso 06/05/2013.

glacialistas mais avançados ousavam conceber. **Imagine-se, realmente, se possível, gelos flutuando sob o equador, como hoje nas costas da Groenlândia,** e far-se-á provavelmente uma idéia aproximada do aspecto do oceano Atlântico nessa época. (AGASSIZ, 2000, p.495). [grifos nossos]

Agassiz acabou caindo em descrédito diante da comunidade científica da época com esta afirmação. Um dos objetivos propostos por Agassiz em sua viagem era a comprovação da glaciação das áreas tropicais o que viria a referendar a sua hipótese a respeito da existência de uma série de catástrofes climáticas enfrentadas pela Terra, cujas consequências teriam sido a destruição de todas as espécies e a recriação delas pela vontade divina. Um fato que demonstra seus pesares por não ter conseguido êxito em ir até os Andes para ter mais fatos palpáveis para sua pesquisa neste quesito é apontado por sua esposa Elisabeth Cary com a seguinte citação:

...quando tivermos chegado a Tabatinga. Agassiz está muito preocupado com isso; o tempo que podemos despender é muito curto e os assuntos a estudar numerosos e importantes. Deve ele renunciar ao projeto de continuar a estudar em pessoa os peixes do Amazonas superior e, deixando a alguns de seus companheiros a tarefa das coleções, prosseguir na sua rota até o Peru, **a fim de visitar pelo menos o primeiro espigão dos Andes, para certificar-se de que nos vales se encontram vestígios de geleiras** e fazer, ao mesmo tempo, uma coleção dos peixes próprios aos cursos d'água das montanhas? Ou, então, renunciará a fazer essa viagem ao Peru e se contentará em fazer uma estação de um ou dois meses em qualquer lugar da região em que nos encontramos, a fim de completar, como for possível, as suas investigações sobre a distribuição e o desenvolvimento dos peixes no Solimões? Se indo ao Peru ele tivesse certeza de chegar a um resultado, seria fácil decidir-se; **mas, com toda a probabilidade, as chuvas torrenciais desta latitude decompuseram a superfície das rochas e fizeram desaparecer todos os vestígios de geleiras, supondo-se que hajam existido em nível tão baixo.** (AGASSIZ, 2000, p.203, 204) [grifos nossos]

Talvez por conta do grande desconforto causado pelos resultados da missão, de acordo com Maria Helena Machado, “Agassiz nunca chegou a publicar qualquer trabalho que monta sobre os estudos empreendidos em sua viagem ao Brasil”. (MACHADO, 2006, p.130) Continua a afirmar que, contudo, sua mulher “Elisabeth Cary Agassiz, que tinha funcionado como uma cronista da expedição organizou e publicou suas anotações em *Journey in Brasil*”. (MACHADO, 2006, p.130) O livro que fora escrito em linguagem literária, em tom coloquial, alcançou grande sucesso editorial, caindo no gosto popular desde a sua primeira edição saída em 1868. Entretanto, a obra também fora mal recebida pelos membros da comunidade

científica, já que a leitura¹⁷de seus escritos tratava de forma romântica, superficial e reacionária a experiência de viagem pela Amazônia.

Posteriormente, a ida de Agassiz ao Brasil realizou uma nova expedição, tendo como rota algumas regiões norte-americanas, desta vez encontrou provas inequívocas de glaciação em torno dos grandes rios Ohio, Mississipi e Missouri. Em 1871, realizou sua última viagem naturalista, percorrendo a partir do Caribe, todo o litoral da América do Sul até a Califórnia, tentou com isso reinventar a viagem de Darwin a bordo do Beagle, mas com pretensões criacionistas. De volta a Boston, empenhou todas as suas energias na manutenção do funcionamento do Museu de Zoologia Comparada de Harvard, que ajudara a construir. Em dezembro de 1873 caiu doente, falecendo subitamente no dia 14 do mesmo mês aos 66 anos de idade.

Para melhor entendermos como se procedeu a Expedição Thayer à Amazônia, fazemos em seguida uma análise das paisagens naturais e humanas vistas e descritas pelo casal Agassiz e posteriormente um breve relato do seu trajeto de viagem pela Amazônia, destacando seus principais pontos de parada.

¹⁷William James tece sérias críticas ao trabalho desenvolvido por Elisabeth Cary e essa acusação também pode ser percebida nos seus escritos pessoais quando nos diz: *“O jovem Thies apareceu aqui na noite passada me trazendo um livro da sra. Agassiz, o qual ele havia emprestado do dentista. Folheei-o por mais ou menos uma hora e fiquei muito bem impressionado, pois espera acha-lo mais pesado e maçante. Apesar disso, acho que muito mais se poderia fazer sobre o tema – ela não consegue descrever a paisagem, ou de fato, nada que valha alguma coisa”.* (MACHADO, 2006, p.131-132).

CAPÍTULO 2

A PAISAGEM DO INÍCIO DA GEOGRAFIA CIENTÍFICA E A PAISAGEM AMAZÔNICA NA VISÃO DOS AGASSIZ.

A Expedição Thayer que fora realizada por meio de financiamento de cunho particular e com auxílio do governo norte-americano, foi financiada principalmente por Nathaniel Thayer, um pastor congregacional e rico ministro unitarista. Essa expedição chefiada por Louis Agassiz percorreu o Brasil entre os anos de 1865 e 1866. Nos relatos da viagem redigidos por sua esposa Elisabeth Cary Agassiz, a cronista da expedição nos esclarece sobre os objetivos da viagem e nos traz notas especiais sobre as paisagens naturais e humanas brasileiras.

Ao vir para o Brasil para realizar a pesquisa de campo de tamanha abrangência, Agassiz contava com uma equipe de cerca de dez cientistas, em sua maioria geólogos. Belluzzo nos diz que para dar conta do território, que em sua extensão já é grandioso por demais, os viajantes partem em grupo.

O primeiro grupo, em direção a Minas Gerais, é formado por Oreste Saint-John, John Allen, George Sceva e Thomas Ward. Exploram as bacias dos rios Doce, Jequitinhonha, São Francisco, Tocantins, Paraíba do Norte, formando também uma coleção de fósseis em Lagoa Santa, no Estado de Minas Gerais. O segundo grupo, formado por Charles F. Hartt e Eduard Copeland dedicam-se à exploração de todo o litoral do Rio de Janeiro à Bahia. O terceiro grupo, **chefiado por Agassiz, Walter Hunneweld, William James e o desenhista da expedição Jacques Burkhardt, dirige-se ao Amazonas de navio, com escala nas diversas capitais do Nordeste brasileiro, chegando a Belém.** Eles exploram todo o curso do Amazonas e alguns de seus afluentes até a divisa com o Peru, recolhendo durante a viagem cerca de 1800 espécies de peixes. (BELUZZO, 2000, p. 146) [grifos nossos].

O grupo principal liderado por Agassiz saiu do Rio de Janeiro em 25 de julho de 1865, atravessando o nordeste brasileiro até chegar a Belém do Pará e depois seguir rumo a Amazônia.

A expedição Thayer ao viajar pela Amazônia e realizar descrições sobre o que viu, sentiu e percebeu da região norte nos legou um vasto material erigido no livro Viagem ao Brasil. À paisagem amazônica é marcante na visão dos Agassiz; destas paisagens naturais e humanas há que se destacar quanto aos momentos mais importantes vistos e descritos pelo casal. Louis Agassiz, tal quais seus contemporâneos, também estava preocupado em fazer descrições dos lugares por ele percorridos e para isso contava com uma equipe de cientistas de diversas áreas como geologia, botânica, ictiologia, pintura, fotografia.

Neste capítulo consideraremos uma discussão em que constarão os diferentes pontos de vista sobre o conceito de paisagem, revisitando a origem e os antecedentes deste termo no momento da sistematização efetiva da geografia como ciência pela escola alemã até as discussões mais recentes sobre a paisagem entendida no geossistema e também na abordagem da Geografia Cultural.

Ademais, citaremos exemplos de paisagens naturais e humanas descritas pelo casal Agassiz contextualizando-o com sua viagem à Amazônia no século XIX e apresentando a paisagem como categoria geográfica de análise da viagem de Louis Agassiz à Amazônia nos períodos de 1865-1866.

A origem do conceito de paisagem está fortemente relacionada com as expedições europeias realizadas na América e em outros continentes nos séculos XVIII e XIX. Pozzo e Vidal (2010, p.111) atribuem o primeiro uso geográfico deste conceito ao cientista e viajante Alexander von Humboldt, cuja viagem à América Latina, realizada entre 1799 e 1804 constitui, ela mesma, uma espécie de ato fundador da Geografia Moderna. O interessante aqui é notar que o conceito de paisagem acompanha a Geografia desde o princípio, constituindo-se numa preocupação básica dos primeiros tempos desta ciência. Os viajantes, ao avistarem e adentrarem terras estranhas deparava - se com questões que já se fazia presente nas pesquisas geográficas que naquele momento se inseriam como conhecimentos científicos naturais.

Segundo La Blache citado por Santos (2006), foi Humboldt quem ofereceu a visão de conjunto da paisagem. Quanto à origem do termo na literatura geográfica propriamente dita, Milton Santos observa que:

Como bem colocou Tricart, a palavra “paisagem” apareceu na Europa com várias traduções, como *Landschaft* em alemão, *landscape* em inglês, *Paysage* em francês. Todas tinham em comum o fato de não possuírem nenhuma utilização científica em particular, até o aparecimento da Geografia Alemã, em que o termo se tornou erudito (SANTOS, 2006, p. 101-102).

A discussão em torno do conceito de paisagem é um tema antigo. Segundo Dias (2009, p.2) “Desde a sistematização da Geografia como ciência no século XIX, se discute a paisagem para a efetiva compreensão das relações sociais e naturais de um determinado espaço.” Em diferentes regiões do planeta o conceito de paisagem é utilizado, divergindo dentro de múltiplas abordagens.

Este capítulo não pretende realizar uma análise profunda da visão dos viajantes que percorreram pela a Amazônia, mas apenas apresentar algumas das representações da paisagem amazônica na visão do casal Agassiz ao longo do século XIX empreendida nesta região, discutindo a utilização dos relatos de viajantes como fonte para a pesquisa histórico-geográfica, partindo de algumas considerações históricas e epistemológicas sobre o significado do conceito de paisagem.

2.1. A Paisagem na Geografia Clássica

A paisagem surge com a formação do nosso planeta e o conceito de paisagem surge por volta do século XV no Renascimento. O surgimento da representação da paisagem no Ocidente, segundo Roger aparece na laicização dos elementos naturais; árvores, rochedos, rios, etc. Outra condição era a organização desses mesmos elementos naturais em um grupo autônomo e coerente. (ROGER, apud MENESES, 1996, p.144). Os estudos das paisagens, inicialmente muito focados na descrição das formas físicas das superfícies terrestres, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo, com a individualização do que se convencionaram a denominar de paisagens culturais face às paisagens naturais, sem nunca perder de vista as interligações mútuas.

Jean Marc Besse buscou demonstrar como a paisagem, antes de ser uma experiência ligada a um gênero de pintura, era primordialmente relacionada a uma experiência territorial e geográfica. Para ele a paisagem tinha um sentido pragmático e instrumental no século XVI, relacionada à representação cartográfica, muito próxima das representações artísticas da pintura. Portanto, segundo Besse: “A pintura e a corografia tinham em comum um objeto: a paisagem. A ideia de Terra como uma "paisagem mundo" é posta pela Geografia (cartografia e corografia) e pela pintura”. (BESSE, 2006, p. 144).

A pintura de paisagens levou as pessoas a olharem a natureza com outros olhos, pois ao fazer da natureza temas de quadros, objetos e condições da beleza, valorizou o território como espetáculo estético (RONAI, 1976). É importante

referenciar que as paisagens representadas pelas pinturas eram paisagens idealizadas e, mesmo quando revelavam observações minuciosas do real, as reuniões dos elementos apresentados não tinham correspondência direta com a natureza. O mesmo pode ser percebido quando Teresa Salgueiro (2001, p.39) nos diz que: “No século XIX, os pintores continuam a produzir paisagens bucólicas ignorando totalmente as transformações que, entretanto ocorriam no real”.

Para Jean Marc Besse (2006) a paisagem após o século XVIII não era apenas vista como um meio a partir do qual se produzia uma imagem do mundo, o mundo como imagem dada a um observador distanciado e deslocado, mas também como imagem de uma representação; a paisagem segundo ele podia ser esclarecida por mais de um prisma, relacionando essas múltiplas significações da paisagem às particularidades do olhar, do sujeito que olha: o cientista, o engenheiro, o geógrafo, o religioso. Uma observação que se torna interessante de trazer a luz é quando extrai a concepção de paisagem dos relatos de viagem de Goethe e nos diz que:

“A paisagem é vista como passível de reconciliar interior e exterior, visível e invisível; imagem idílica, evocação nostálgica e revelação da eternidade. Mas à diversidade do mundo que se apresenta ao olhar impõe-se um recorte seletivo pictórico, "uma cultura do olhar"; assim a paisagem torna-se representação na "transposição pictórica da percepção da natureza". Mas, a paisagem, como mundo do olhar, também representa o reencontro da razão com a emoção, um olhar sensível.” (BESSE, 2006, 145).

Segundo Salgueiro (2001, p.37), “a paisagem surge na pintura como resultado da ruptura com a visão teológica medieval, e ocupa lugar proeminente na Geografia por herança da estética naturalista e do romantismo, e por representar os aspectos visíveis do espaço geográfico.” A partir deste rompimento com a representação ocidental cristã do mundo do medievo, surge um novo posicionamento do homem perante o ambiente, pois este passa a considerar as relações que se estabelecem ao seu redor com um olhar mais emotivo voltado para a natureza, para o belo, enfim, para representar o que vê e o que sente sem o rigor punitivo da cultura cristã medieval.

A Geografia, entre outros campos do saber, mantém ainda no século XIX essa relação profunda da ciência e da arte através da paisagem. É nesse sentido que a Geografia, no século XIX, tendo a paisagem como objeto específico, busca apreendê-la, reforçando para Besse a tese de que a paisagem não se reduz a uma representação. Sobre o conceito de paisagem Vitte (2007) afirma que: “A paisagem, uma construção cultural, vai além de uma representação estética, embora sua

origem tenha sido na pintura. A paisagem é uma representação, da qual participam os materiais e histórico-sociais.” (VITTE, 2007, p.14). Percebemos que a paisagem é além do visível, ela engloba uma série de princípios de quem a está observando e descrevendo-a através de uma tela, ou uma pintura, por exemplo.

Efetivamente, o aparecimento da paisagem foi acompanhado de uma revolução científica e técnica que libertou a natureza do concurso divino tornando-a objeto de conhecimento e abrindo caminho à sua manipulação e transformação com diversos fins. Deve-se destacar também importante consideração tecida por Salgueiro (2001, p.39), quando nos diz que “o conceito de paisagem, em seu sentido pictórico, antecede e acompanha o surgimento e a vida da ciência geográfica, e em um sentido mais amplo, ele se liga à própria cultura burguesa em formação. Por outro lado, ele não só é fruto de uma nova concepção filosófica do mundo ou de uma nova concepção de arte (o romantismo), mas tem em suas raízes o próprio desenvolvimento das ciências cujos avanços proporcionaram novas possibilidades à imaginação, mudando também o olhar do homem sobre o seu mundo”. Segundo Pozzo e Vidal (2010, p.114):

A história do planeta vai se deixando revelar com o surgimento das ciências naturais, com a Geologia o planeta Terra deixam de ter os 4000 anos pretendidos pela Igreja, através de cálculos feitos a partir da expectativa de vida dos patriarcas bíblicos. Sua paisagem passa a ter uma história, que se estende ao passado e ao futuro.

Ao lado do desenvolvimento experimentado no campo das ciências e das artes, o período de que se trata marca também a gênese do capitalismo europeu, em que as expedições para o Novo Mundo cumprem o papel de, por um lado, responder à ânsia de ampliação do âmbito de conhecimento científico, mas principalmente, de tornarem mais conhecidos os recursos destes territórios do ponto de vista do interesse econômico das potências européias, num momento em que estas procuram ampliar seus espaços de atuação para além das fronteiras nacionais.

O estudo da paisagem se constitui num dos mais antigos métodos de estudo do meio natural pertencente à Geografia, destacando-se à Geografia Física, inicialmente, onde foram focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, sendo que progressivamente foram sendo incorporadas as ações do homem no transcurso do tempo.

Os geógrafos se interessaram pelas paisagens desde que sua disciplina foi constituída e é através delas que os viajantes, que se utilizam da Geografia, apreendem a natureza das regiões que percorrem. De qualquer modo, com os viajantes o conceito de paisagem ganha tons mais científicos, passando paulatinamente a se traduzir na expressão visível da ordem natural do mundo, que ao manifestar-se em diferentes formas para diferentes regiões, dá ensejo à formulação de estudos comparativos que são à base da Geografia Moderna, como demonstra o trabalho pioneiro de Humboldt sobre a “Geografia das plantas”, baseado em observações efetuadas em distintas latitudes e altitudes.

Apesar do rigor científico, ainda é notável entre estes viajantes a influência do romantismo, ou seja, equivale dizer que uma paisagem exterior está em íntima relação com a vida interior do indivíduo, causadora de determinadas emoções.

De certo de que dessa herança do Renascimento, com sua estética romântica naturalista, a paisagem ocupa lugar na Geografia, quando esta se constitui como ciência, no século XIX, através de geógrafos alemães e franceses. As obras “Cosmos” de Alexander Von Humboldt e a “Antropogeografia” de Friederich Ratzel são exemplos de clássicos onde o conceito de paisagem foi inserido e utilizado como método de análise e entendimento da superfície terrestre, além de transcrição de dados sobre áreas distintas do planeta.

Conforme se observa em Dias (2009) “No início da sistematização da Geografia, Humboldt forjou a categoria paisagem com um caráter naturalista, baseado na morfologia do terreno. Essa concepção marcou a gênese da Geografia como ciência.” Humboldt destacou-se por sua visão holística da paisagem, de forma que associava elementos diversos da natureza e da ação humana, sistematizando, assim, a ciência geográfica. Silveira Dias continua a dizer sobre Humboldt que este utiliza o termo “paisagens naturais, designando áreas homogêneas caracterizadas essencialmente pela morfologia do terreno e a cobertura vegetal que lhe conferia uma fisionomia própria.” (DIAS, 2009, p.6).

Seus estudos se concretizaram com viagens realizadas no final do século XVIII, quando por meio do termo *Landschaft*, a noção de paisagem constituiu-se como categoria de análise.

A paisagem, no entanto, não era o principal objeto de estudos de Ritter. Friedrich Ratzel, diferentemente de Humboldt, utilizou o conceito da paisagem em

uma forma antropogênica, demonstrando que ela é o resultado do distanciamento do espírito humano do seu meio natural. Desta forma, descreve uma dialética entre os elementos fixos da paisagem natural, como o solo, os rios, etc., com os elementos móveis, em geral humanos. Na sua abordagem, este distanciamento é importante porque inicia um processo de libertação cultural do meio natural, pela transferência de artefatos entre os povos, ou seja, pela migração destes, contrariando bastante a visão comumente propagada que Ratzel pode ser apontado como geo – determinista, pois Ratzel não destaca a paisagem como uma forma local e delimitada, que exerce uma influência direta na sua cultura, mas utiliza o termo em forma genérica misturando-o com o termo “terra”.

Nesse mesmo contexto, onde a Geografia constitui-se como ciência é preciso considerar ainda, a contribuição de Paul Vidal de La Blache, contemporâneo de Ratzel, para o qual o conceito de paisagem assume uma conotação de região, visto que seus estudos privilegiavam a inter-relação entre os elementos naturais e humanos. Os sucessores de La Blache vêm na paisagem meramente um conjunto estável de elementos, como se propagou no começo do século XX até os anos 50. Humboldt e La Blache com seus aportes iniciais possibilitam uma aceitação cada vez maior dentro da comunidade científica, em especial na Geografia, do estudo da paisagem como categoria espacial.

O conceito de paisagem foi evoluindo desde uma posição muito próxima da Geografia Física, até revelar maiores preocupações com os processos econômicos e culturais, procurando abarcar a totalidade dos fenômenos no espaço estudado. Paisagens são, em quase todas as abordagens dos séculos XIX e XX, entidades espaciais que dependem da história econômica, cultural e ideológica de cada grupo regional e de cada sociedade e, se compreendidos como portadoras de funções sociais, não são produtos, mas processos de conferir ao espaço significados ideológicos ou finalidades sociais com base nos padrões econômicos, políticos e culturais vigentes.

No primeiro período da Geografia Científica (século XIX e início do século XX), podemos identificar dois métodos de análise e compreensão da paisagem por parte dos geógrafos. Houve muitos debates e divergências acerca do conceito geográfico de paisagem em meados destes séculos acima mencionados. Em meio aos debates estabelecidos evidencia-se que para uns geógrafos, a paisagem é vista

como uma fisionomia caracterizada por formas e seu estudo se dá basicamente pelo método morfológico, enquanto que para outros, o estudo da paisagem privilegia as características de uma área expressa nos seus atributos físico-naturais e humanos, com suas respectivas inter-relações.

O percurso do desenvolvimento da Geografia no início do século XX foi marcado por diferenças entre as escolas alemã e francesa, que facilitou uma significativa diferença no uso dos termos paisagem. Assim, percebemos na leitura de Pozzo e Vidal (2010, p.31) que:

(...) na literatura francesa a “*paysage*” não ganhará ares científicos, sendo o conceito mesmo criticado por geógrafos da estatura de André Cholley – que nele viam a manifestação de uma Geografia meramente descritiva, pouco dinâmica – e preterida em detrimento de outros termos como “região”, e principalmente “meio” (*milieu*).

Por outro lado, a Geografia alemã, principalmente a partir do trabalho de C. Troll insistirá no uso do termo *Landschaft*, delimitando-o conceitualmente até chegar à idéia de “entidade visual e espacial total do espaço vivido pelo homem” (TROLL, 1971, *apud* VEADO, 2006), ou seja, um complexo natural totalmente relacionado à ação humana (paisagem cultural). Então a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de uma determinada área ou complexo geográfico de certo tipo, na qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural¹⁸.

Esta idéia se aproxima do uso da noção de paisagem feito mais tarde pela escola de geossistema. Segundo Tricart (1981, p.7):

Para os geógrafos alemães, geralmente nutridos pelas ciências naturais, a paisagem compõe-se de diversos elementos concretos do ambiente: relevo, plantas, solos. Mas eles não registram as modificações introduzidas pelo homem e, se for o caso, eles distinguem entre paisagem natural e paisagem humanizada.

Essa noção de paisagem como sistema que Tricart se refere, efetiva-se no século XX, quando o conceito de geossistema é desenvolvido. Também G. Bertrand desenvolve uma análise da paisagem enquadrada nesta linha, tornando o conceito de geossistema mais difundido na Geografia. Concebendo a paisagem a partir de uma visão sistêmica, o autor apresenta sua definição:

¹⁸ A noção de paisagem cultural foi apresentada à geografia americana por Carl O. Sauer Ver o seu “Morfology of Landscape” (*University of California Publications in Geography*), vol. II, n.2 [1925]. Os antecedentes das interpretações de Sauer aparecem principalmente em trabalhos de Siegfried Passarge, como por exemplo, *Grundlagem der Landschaftskund* (3 vols. ; Hamburgo: Friederichsen, 1919-1921) e *Vergleichende Landschaftskunde* (5 vols. ; Berlim: Reimer, 1921-1930).

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, em uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução em bloco. (BERTRAND, 1972, p.141).

Para esse entendimento de paisagem enquanto sistema Bertrand considerou o tripé: potencial ecológico (geologia, geomorfologia, clima), exploração biológica (vegetação e solo) e ação antrópica, buscando a inter-relação entre cada um dos elementos, buscando ressaltar o papel desempenhado por cada um na configuração da paisagem, como demonstrado na (fig. 01). A ecologia de paisagem e o geossistema são modelos teóricos de análise da paisagem que nos dias atuais respondem melhor as transformações espaciais que o homem empreende e que refletem na organização espacial e na diferenciação das paisagens.

O desenvolvimento da biogeografia e de alguns aspectos da geomorfologia mais próximos da ecologia, segundo Salgueiro (2003, p. 43) “estão na base de uma ciência da paisagem de caráter ecológico e profundamente naturalista tendo como referência Bertrand e a escola de Toulouse na França, bem como Wieber e a escola de Besaçon na Espanha que, em termos metodológicos, se aproximam da teoria dos sistemas.”

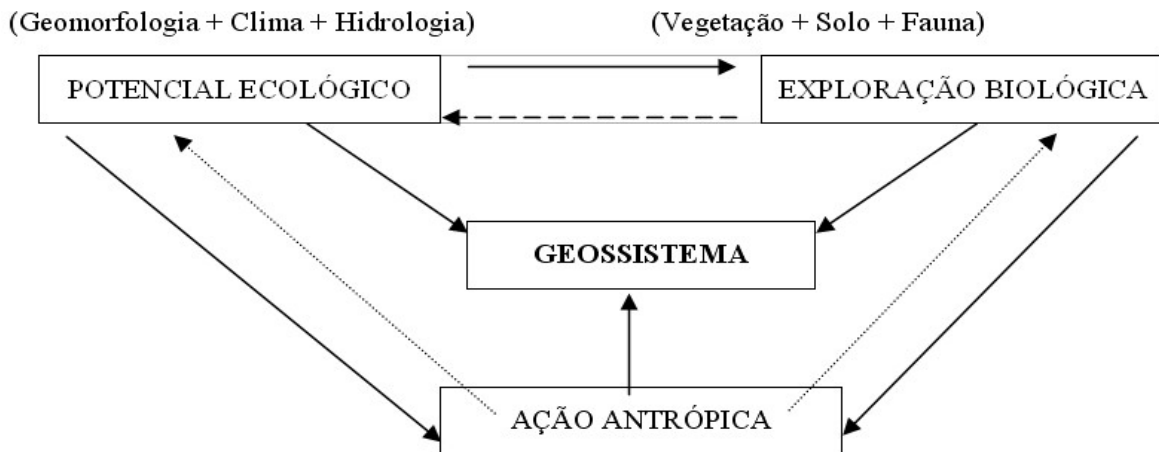


Fig.1: Modelo de entendimento de Paisagem proposto por Bertrand. Fonte: geografia. igeo.uerj.br/ acesso em 21.04.12

Em uma abordagem mais atual sobre o conceito de paisagem, têm-se a obra de José Manuel Mateo Rodrigues, a qual nos leva a pensar que para a paisagem ser concebida como um sistema de conceitos, ela se faz formando-se por uma base num trinômio: “paisagem natural, paisagem social e paisagem cultural” (RODRIGUES, 2010, p.6), tendo-se na paisagem natural o conceito básico da geoecologia.

Nos relatos do casal Agassiz nós vimos à utilização da descrição da paisagem natural. Entendemos este a partir de Mateo, quando o eminente geógrafo afirma que:

A paisagem natural concebe-se como uma realidade, cujos elementos estão dispostos de tal maneira que subsiste desde o todo e este todo subsiste desde os elementos, não como se estivessem caoticamente mesclados, mas sim, como conexões harmônicas de estrutura e função. A paisagem é assim, um espaço físico e um sistema de recursos naturais aos quais se integram as sociedades em uma binômia inseparável Sociedade/Natureza. (RODRIGUES, 2010, p.7).

Dessa forma, quando concebemos a paisagem natural como um sistema, devemos ter em mente a percepção do todo, compreendendo as inter-relações entre as partes nesse sistema, que se apresentando como um fenômeno integrado não pode se referir a ela de forma fragmentada, mas sim colocando sua totalidade.

O geógrafo Arturo García Romero (2002, p.23), destaca também que a interação entre os elementos naturais e antrópicos é essencial no entendimento da paisagem, quando afirma que: “A dinâmica da paisagem se define por sua complexidade, pela integração de todas as partes numa única unidade que existe e age em conjunto”.

As preocupações que fazem parte do aporte conceitual sobre paisagem levantado pela geógrafa Edvânia Gomes, que observa as relações dos indivíduos entre si e destes com a natureza é uma preocupação basilar da Geografia contemporânea e nasce da premissa a idéia de que a percepção da natureza é mutável, isto é, histórica e culturalmente vão se atribuindo e se agregando novos valores aos seus elementos conforme se observa:

...novos valores vão sendo agregados à noção de natureza a cada novo empreendimento, novos objetos sobrepujam os remanescentes, elaborando raridades, subestimando elementos onipresentes e, numa teia de simulacro, novas inventividades artificiais, tomaram lugar dos “naturalmente” dados, atingindo-se o ponto de não identificarmos “desvios éticos e morais” nessas condutas, ou sequer nos induzirmos a reflexão sobre a possibilidade de se fazer diferente. (GOMES, 2001, p.51).

A paisagem denota o processo de captura e representação do meio ambiente. Neste sentido, a paisagem depende da “apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez, é condicionado por filtros fisiológicos, psicológicos, socioculturais e econômicos e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente” (GOMES, 2001, p.56). Seguindo este raciocínio, podemos dizer que a paisagem depende do

indivíduo, pois é ele que organiza, seleciona, apreende, e dá significado aos elementos que compõem o espaço. Mas se por um lado deve-se ao indivíduo a atribuição de significado e/ou valores à paisagem, por outro, observa-se que a construção de uma paisagem coletiva está mais ligada aos “níveis de convencimento e sensibilização cultural e evocativa do agente impulsionador que cria e reproduz sua representação em larga escala, bem como, entre outros fatores, da reelaboração da imagem como memória” (GOMES, 2001, p.57).

A paisagem aparece identificada, pelo menos desde o século XVIII, com a fisionomia de uma dada área, a sua expressão visível. A moda das viagens e a grande divulgação dada aos relatos no século XIX favoreceram, segundo Luginbuhl (1992), a associação da paisagem às características de um dado território, traduzidos na combinação local dos elementos naturais e humanos, devido ao modo particular como se aproveitam localmente os recursos, portanto base das especificidades regionais. Os viajantes naturalistas que analisaram as paisagens dos lugares o qual percorreram tiveram como possibilidades multiplicar os pontos de vistas, olharem o relevo de perto e de longe, desde a base das cadeias e desde seus picos, e construir, a partir daí, uma imagem sintética da região que analisaram.

Podemos encontrar diferentes formas de representar a paisagem, já que encontramos registros desde testemunhos pictóricos a narrativos. “Mas é nos relatos e nas crônicas dos viajantes que ela encontra sua expressão mais privilegiada, já que a estes últimos deve-se a primazia das representações do Novo Mundo.” (LIMA, 2008, p.46).

Visando apreender mais sobre o olhar das paisagens naturais amazônicas no contexto da viagem naturalista do casal Agassiz, no próximo item iremos tratar com mais detalhes dando-se ênfase aos elementos que compõem os aspectos físicos de geologia/geomorfologia, botânica e hidrologia, e clima amazônico na percepção dos autores viajantes e trazendo correlações com concepções teóricas discutidas na Geografia Moderna sobre estes temas.

Enfim, este percurso pela bibliografia geográfica clássica sobre a paisagem revela como a importância deste conceito variou no tempo e está ligada a diferentes escolas de pensamento. Mostrou também que sempre existiu ambiguidade em torno do conceito de paisagem, tradicionalmente imputada ao duplo sentido da

palavra alemã, mas que deriva também da diferença entre aquilo que se vê (a realidade) e o modo como é visto.

2.2. A Paisagem Natural Amazônica na Visão dos Agassiz.

No Brasil, assim como em toda América, expedições artístico-científicas foram realizadas desde a época da conquista no século XVI até o século XIX, com destaque para a produção deste último século. Essas expedições, sejam elas consideradas artísticas ou científicas, contribuíram muito para o conhecimento geográfico das regiões percorridas.

No que concerne às contribuições pioneiras dos viajantes naturalistas houve um crescente acúmulo de conhecimentos sobre o território brasileiro. A partir desses viajantes - investigadores que visitaram nosso país, principalmente nos séculos XIX e século XX, a paisagem brasileira, tanto a paisagem da natureza quanto a paisagem dos homens, passaram a ser alvos de pesquisas e descrições revelando ao mundo moderno aspectos geológicos, climatológicos, geomorfológicos, ictiológicos, fisiográficos, ecológicos, etnológicos, dentre outros, sobre o território e sobre a população brasileira dos séculos XIX e XX. Boa parte dos trabalhos produzidos nesse período foi sobre os aspectos físicos das paisagens, que mais tarde foram aproveitados como conteúdo do que se denominou de Geografia Física.

A Geografia vista e descrita no século XIX era voltada mais para uma abordagem das paisagens naturais físicas propriamente ditas, pois o que os naturalistas e viajantes descreviam eram relatos das apreciações que faziam dos lugares percorridos. A Geografia que se iniciou mais voltada para práticas realizadas em campo e depois sistematizadas, se efetivou com maior vivacidade a partir de Alexander von Humboldt, após seus trabalhos de campo aliados aos seus conhecimentos científicos sistematizando a Geografia enquanto disciplina.

As narrativas de navegadores, mercadores, conquistadores, constituem preciosos documentos de conhecimentos geográficos. Os chamados descobrimentos, isto é, o contato do europeu com terras e gentes distantes, prossegue no século XVII, XVIII e XIX. As expedições e explorações legaram para a

Geografia novas informações com dados não somente de áreas desconhecidas, mas também com descrições do meio ambiente de áreas conhecidas, como exemplo, temos a viagem de Louis Agassiz e de Charpentier que vão dar consistência à teoria glaciária, devido suas viagens a esses locais.

Para demonstrar quais os elementos naturais na obra *Viagem ao Brasil*, fazemos aqui uma separação e classificação das paisagens naturais amazônicas vistas pelo casal. Identificando-as e relacionando-as com os conceitos estabelecidos dentro a Geografia científica posterior ao período da viagem de Agassiz pela Amazônia. Não podemos perder de vista que a Geografia de agora é diferente daquela conhecida por Agassiz e seus contemporâneos.

Dessa forma, utilizaremos citações de algumas paisagens naturais vistas pelos Agassiz afim de que haja uma bibliografia mais ampla aos pesquisadores quando estes sentirem a necessidade de voltar ao passado e revir que particularidades das paisagens amazônicas foram priorizadas pelo casal em suas descrições, o que possivelmente reflete a visão de ciência de sua época.

Fazemos uma identificação classificatória de alguns temas que se fizeram presentes na obra *Viagem ao Brasil*, e para isso utilizaremos suas descrições abordadas durante sua obra.

O que se pretende demonstrar aqui é uma análise bibliográfica, primeiramente descrevendo, separando e classificando cada aspecto físico seja de ordem da Geologia, Botânica, Geomorfologia, Hidrologia, Climatologia, para depois juntá-los numa análise mais ampla de caráter geográfico, demonstrando dessa forma quais foram às influências recebidas de Agassiz por Humboldt no momento da consolidação da Geografia científica no século XIX.

É possível perceber na obra do casal Agassiz, *Viagem ao Brasil*, o predomínio de uma visão natural das paisagens brasileiras e mais particularmente das paisagens amazônicas. Seus relatos são enfáticos nas descrições das paisagens naturais como bem descreve seu olhar para a Geografia dos lugares mencionando suas características e atributos físicos naturais que observamos no seguinte trecho:

Primeiro domingo sobre o rio Amazonas – **Problema geográfico**. 20 de agosto – a bordo do *Icamiaba*, se discute a **questão** de saber **se os dois grandes canais que contornam a ilha de Marajó devem ser**

considerados como os braços do grande rio, é impossível (...) não sentir que se entrou no **Amazonas**. (AGASSIZ, 2000, p.163) [grifos nossos].

Os problemas geográficos acima ao quais os autores se referem é de ordem de uma classificação da hidrologia dos dois canais de rios já demonstrando uma preocupação com as questões geográficas ali então assinaladas. Ao ler e analisar a obra dos Agassiz sobre a Amazônia, as descrições que estes fizeram da nossa região a partir de suas análises das paisagens, torna-se perceptível reconhecer que já se tinha um entendimento diferente dos relevos dos lugares. Dessa forma, trago em seguida aspectos geomorfológico da paisagem em Monte Alegre vislumbrado na seguinte passagem:

Monte Alegre está assentada no alto duma **encosta** que se afasta das margens do rio em declive suave, e tira o seu nome dum **morro** situado a quatro léguas ao nordeste. O terreno é mais acidentado e irregular do que o tem sido até agora; mas, apesar disso, o local não me parece merecer a denominação que lhe foi dada. O aspecto desse distrito se me afigura antes um tanto triste; **o solo é todo areia, a floresta baixa**, interrompida de quando em quando **por campinas baixa e pantanosas cobertas de ervas grosseiras**.... Pouco mais adiante, **a colina é talhada a pique e, do alto, se descortina uma grande planície coberta por floresta baixa que se estende até o monte a que a vila deve o seu nome**. Voltando-nos para o **sul, temos em frente uma série de lagos**, separados uns dos outros por **terras de aluvião** muito pouco elevadas **que formam** esses **campos pantanosos** de que acima falei. (AGASSIZ, 2000, p.176-177) [grifos nossos].

Dentre muitos outros pontos de abordagem do livro da viagem de Louis Agassiz à Amazônia é possível observarmos como a visão dos Agassiz sobre a paisagem natural amazônica ganha destaque à medida que ele avança cada vez mais ao interior da Província do Amazonas. Características da paisagem concebidas como: geológicos, geomorfológicos, climatológicos, e também aspectos da economia, etnologia e sociedade amazônicas observadas e descritas por sua esposa Elisabeth Agassiz Cary e pelo próprio Louis Agassiz. Observe na citação abaixo de Agassiz a riqueza dos detalhes que ele nos traz sobre a geomorfologia amazônica:

Convém assinalar que **o vale amazônico** não é propriamente um vale no sentido corrente da palavra; não está encaixado entre altas paredes que contenham as suas águas; **é**, pelo contrário, **uma vasta planície de cerca de 1.200 quilômetros de largura** (7.000 a 8.000 milhas inglesas) e 4.000 (2.000 a 3.000 milhas) de comprimento, com um declive tão fraco que a média não excede dezenove centímetros por miriâmetro (um pé inglês por dez milhas). Entre Óbidos e o litoral, a distância é de aproximadamente 1.300 quilômetros (800 milhas) e a inclinação é apenas de 13 metros e 70 centímetros (45 pés). De Tabatinga ao oceano, há em linha reta mais de 3.200 quilômetros (2.000 milhas); a diferença de nível é de cerca de 60

metros (200 pés). **A impressão à primeira vista é, portanto, a de uma perfeita planície e o escoamento das águas é tão lento que apenas pode ser notado em muitos pontos do rio.** Este, contudo, apresenta uma marcha lenta, porém incessante para leste, e **corre ao longo da imensa planície suavemente inclinada dos Andes para o mar, ajudado pelo afluxo intermitente dos tributários das duas margens** que impelem a massa d'água para o norte durante os meses do nosso inverno e a fazem refluir para o sul na época do nosso verão. Dessas alternativas, resulta que o fundo do vale se desloca constantemente; há tendência para a formação de canais indo do grande leito aos seus tributários; como vimos entre o Solimões, o Negro e como refere Humboldt entre o Japurá e o Amazonas. Efetivamente, todos esses rios se ligam entre si por uma rede de canais formando um enredado de vias de comunicação que tornarão para sempre, em grande parte, inúteis às vias terrestres. (AGASSIZ, 2000, p.332) [grifos nossos]

O olhar que o casal Agassiz se dirige para a natureza, ora se dirige para a vida social e para os costumes do homem amazônico, analisando a situação política, econômica, social, bem como a história dos lugares visitados, ora se traduz como descrições geológicas, mapas e medidas da Terra, bem como hidrografia (a geografia desta época, enfim). Uma das passagens deste casal nos traz informações sobre o caráter da paisagem do local em que está em comparação a outros cientistas que já ali estiveram presente, fazendo-se comparação das águas do rio Negro com o rio Amazonas sendo destacada da seguinte forma:

É curioso que **o rio Negro, sendo um afluente do Amazonas, receba ramificações do grande rio.** Um pouco acima de sua junção com o Solimões, este lhe envia as pequenas ramificações em frente às quais ontem passamos; **o contraste das águas leitosas destas correntes com a coloração negro-âmbar do rio em que se lançam,** tornam-nas facilmente reconhecíveis. Não é, todavia, o único exemplo desse modo singular de formação de um rio nesse gigantesco sistema de águas doces. **Humboldt, com efeito, falando da dupla comunicação que existe entre o Caciquire e o Negro** do grande número de ramificações pelas quais os rios Branco e Japurá se comunicam com o Negro e o Amazonas, diz: “Na confluência do Japurá observa-se um fenômeno ainda mais extraordinário. Antes que esse rio se junte ao Amazonas, este, que é o reservatório geral, envia três ramos, o Uaranapu, o Manhama e o Avateparaná, ao Japurá, que entretanto não passa de um seu tributário. O astrônomo português Ribeiro demonstrou esse importante fato. O Amazonas fornece assim águas ao Japurá antes de receber em seu seio esse afluente.” **A fisionomia desse rio é muito particular e difere muito das do Amazonas e do Solimões.** As margens se recortam em numerosos promontórios que, de distância em distância, estreitam- lhe o curso, formando baías profundas; parecia que subindo a corrente percorríamos uma série de barras, enseadas e lagos. (AGASSIZ, 2000, p.310-311) [grifos nossos]

Pode-se comparar a viagem de Agassiz à Amazônia com a viagem de Humboldt à América quando do trecho de seu livro Quadros da Natureza nos traz a seguinte descrição sobre o rio Maú:

Segundo as informações que pude colher, o **Maú** nasce ao norte do sopé dos montes Pacaraima, cuja elevação é só de 487 metros na sua parte oriental. Então **as nascentes situadas num planalto onde o rio forma uma formosa cascata**, chamada a Coroa. Caminhávamos para visitá-la quando, ao terceiro dia da nossa excursão através das montanhas, a indisposição de um de nossos companheiros nos obrigou a regressar à estação do lago Amacu. **São negras, isto é, cor de café, as águas do Maú**; e a sua corrente é mais forte do que a do Rupununi. (HUMBOLDT, 1950, p.249) [grifos nossos]

O casal Agassiz tal qual Humboldt em sua descrição sobre as águas desta região também nos trazem a paisagem vista ao fazer comparações com as águas dos rios pelos quais passou, remetendo-nos a seguinte observação sobre o rio Xingu: “As suas águas são perfeitamente azuis e parecem negras quando comparadas com as ondas lamacentas do Amazonas.” (AGASSIZ, 2000, p.174) Ou mesmo quando nos traz uma rica descrição sobre o encontro das águas pretas do rio Negro com as águas barrentas do Rio Amazonas evidenciado na seguinte passagem:

Ontem pela manhã, **entramos no rio Negro** e observamos o **conflito de suas águas calmas e quase pretas com as ondas amareladas e apressadas do Solimões**, como é denominado o médio Amazonas. Os índios chamam-nos admiravelmente: “o rio vivo e o rio morto”. O Solimões vem encontrar a corrente escura e lenta do rio Negro com uma força tão irresistível, tão viva que este último parece bem, ao lado dele, uma coisa inerte. (...) O mesmo não se dá na época das cheias; então o enorme rio comprime com tal superioridade a embocadura do rio Negro que nem uma gota de suas águas, pretas como tintas, parece se misturar à massa d’água amarelada do interruptor; este atravessa o seu afluente e passa, barrando-o completamente. **Não se pense, pela mudança do nome, que o Solimões seja outra coisa que o Amazonas: é o mesmo rio, porém acima de Manaus**; do mesmo modo, o que se chama Marañón é ainda o mesmo rio acima de Nauta, além das fronteiras brasileiras. (AGASSIZ, 2000, p.193) [grifos nossos]

Quando o casal Agassiz visita alguns povoados indígenas próximos a Manaus, ao que parece ser um vilarejo, logo se hospedam em um sítio, cuja lagoa em suas proximidades lhes causa admiração e nos trazem o seguinte relato da paisagem local:

Paisagem. **Do seio da lagoa, onde escondem e afundam as suas raízes, emergem grupos de grandes árvores**; ou, então, são troncos mortos e enegrecidos que se erguem no meio das águas com suas formas bizarras e fantásticas. (...) Aqui e ali, beirando as margens, a nossa vista penetra nos recessos da mata e fixa-se na estranha roupagem das lianas, das trepadeiras, dos cipós parasitas que se enlaçam aos troncos ou se balançam entre dois galhos vizinhos como cordas flutuantes. Na maioria dos casos, **a margem da lagoa é um talude em declive suave, coberto de vegetação** tão fofa e tão vivaz que até parece que a terra recebeu, graças ao seu longo batismo de seis meses, um segundo nascimento e retornou à vida por uma nova criação. (...) Mais adiante, **o terreno se alteia e ondula** em linhas acidentadas onde a vista, **acostumada com a**

paisagem uniformemente chata do alto Amazonas, repousa com prazer. Vindo a época das chuvas, o igarapé, aumentado pela cheia do rio, banhará quase a base da pequena construção que, de cima da colina, domina atualmente o vale e o leito encravado desse estreito curso d'água, **tão grande é a diferença de aspectos dos mesmos lugares nas estações seca e chuvosa**. (AGASSIZ, 2000, p. 265) [grifos nossos].

Os relatos de Elisabeth Agassiz já apresentam preocupações claramente científicas, como a descrição dos tipos de rocha que afloram nas margens do rio Amazonas e seus graus de decomposição, os tipos de solos dentre outros aspectos geológicos que podem ser evidenciados na seguinte passagem:

Sabe-se ainda muito **pouco a respeito da estrutura geológica das serras amazonenses de Santarém, Monte Alegre e de Almeirim**. Geralmente têm sido consideradas como prolongamentos ou do planalto das Guianas, ao norte, ou do planalto brasileiro, ao sul. Agassiz pensa que não pertencem nem a um nem a outro e que a sua formação se liga diretamente à do próprio vale. É a solução deste problema que ele procura na atual excursão; o Sr. Coutinho, que se munuiu de barômetros, propõe-se mais especialmente determinar a altura daqueles morros. Quanto a mim, passo alguns dias aqui aplicando-me em nada perder duma paisagem que, com razão, passa por ser a mais pitoresca das margens do Amazonas. Não somente contemplam-se vastos panoramas, como também **a natureza friável do solo, que se decompõe facilmente**, permitiram que as fortes chuvas formassem um número tão grande quanto variado de formosas ondulações, cobertas de rochedos, ensombradas pelas árvores, no fundo das quais brotam as fontes d'água com frequência. (AGASSIZ, 2000, p.344) [grifos nossos]

A partir desta citação acima podemos perceber como fora importante a viagem de Agassiz à Amazônia, e os conhecimentos empreendidos por sua equipe de pesquisa que nos legou preciosas informações científicas sobre a geologia, lembrando que num período em que não se existia os recursos de satélites, radares e GPS, galgou-se, dessa forma, bons resultados sendo de extrema importância o campo para observação que era essencial. O início dos conhecimentos geológicos amazônicos data do século XIX, quando etnógrafos e naturalistas adentraram as áreas a norte e a sul do grande rio Amazonas, através de seus afluentes, realizando observações valiosas tanto no campo científico quanto histórico. Segundo se observa, “dentre estes pesquisadores pioneiros destacam-se o nomes de: W. Chandless, C.F. Hartt, L. Agassiz.”¹⁹

Em seu retorno a Manaus de mais um de seus roteiros de pesquisa, nos relatam como foi essa volta com a seguinte descrição: Volta a Manaus. “À volta, a remo, pelo lago e pelo igarapé foi deliciosa; o sol se deitara havia muito quando saímos do pequeno canal, e o rio Negro, largamente aberto sobre o Amazonas,

¹⁹ Conforme textos sobre geologia, relevo e hidrografia contidos em: Geografia do Brasil/ Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Diretoria de Geociências. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

parecia um mar de prata.” (AGASSIZ, 2000, p. 263). Dentre os atributos naturais da paisagem, a paisagem das margens dos rios é a que chama mais a atenção de Elisabeth, como a demonstrada na pintura de Jacques Burkhardt abaixo (fig. 02 e fig.03) do rio Negro em Manaus e da vitória régia.



Fig.02: O rio Negro em Manaus. Fonte: (AGASSIZ, 2000, p.192).



Fig.03: Vitória Régia. Fonte: (AGASSIZ, 2000, p. 337).

Com características e aspectos das paisagens amazônicas, há muitas passagens do livro dos quais os autores mencionam aspectos naturais, sendo importante salientar alguns desses pontos, fazemos por isso, em seguida, uma breve descrição de características dessas paisagens apontadas pelo casal Agassiz como a que se fez presente quando a expedição estava em festa campestre na Casa dos Educandos no dia 20 de novembro de 1865, no qual o Sr. Dr. Epaminondas, residente da província, completou as suas gentilezas dando uma encantadora festa em honra de Agassiz, em cujas amáveis atenções o casal

Agassiz deve ter sido duplamente agradável à estada da expedição em Manaus. Percebemos isso quando do momento da festa Agassiz nos diz:

O tempo nos foi favorável. A chuva, que caiu durante a noite, refrescou a atmosfera e o céu, ligeiramente coberto, e a **temperatura fresca nos davam as condições de tempo mais de desejar, neste clima**, para uma festa ao ar livre como essa. (AGASSIZ, 2000, p. 275) [grifos nossos].

Elisabeth Agassiz nos traz um contraponto a se pensar sobre clima e temperatura revelando que naquele momento a preocupação principal não eram os pormenores que a climatologia científica de hoje nos traz, mas fazer uma relação comparativa do clima amazônico com o clima estadunidense.

Compreendemos hoje, a partir de estudos climáticos contemporâneos que para sabermos com exatidão qual o clima de determinado local, é preciso que se observe o comportamento do tempo atmosférico durante um período de aproximadamente trinta anos, e a expedição de Agassiz ao Amazonas não ficou por todo esse período, dessa maneira então como auferir ao certo o clima do local pelo qual passou? Bom, o casal Agassiz se debruçou nos escritos de naturalistas que anteriormente já haviam passado pela região Amazônica como Henry Bates e pode a partir daí tirar suas conclusões somando-se com a experiência em campo.

Não podemos nos esquecer de que os dados coletados pela expedição de Agassiz nos servem como apoio a pesquisa e não propriamente como condição climática, pois a Geografia neste momento, ainda estava se consolidando enquanto ciência e os pesquisadores naturalistas neste momento realizavam mais coletas de dados do que a ciência propriamente dita.

O livro *Viagem ao Brasil* nos traz algumas informações que podem vir a servir como indicadores de clima e temperatura do Amazonas do século XIX, num período que antecede ao *boom* da borracha e ao crescimento da cidade de Manaus. No decurso do livro observamos que as florestas eram mais abundantes que atualmente e o clima mais ameno, pois o homem ainda não havia alterado radicalmente a paisagem, pois neste momento da viagem de Agassiz ao Brasil, a industrialização ainda não era amplamente apregoada na região norte brasileiro, principalmente na Amazônia. Seguem-se a seguinte passagem referente a clima quando de sua chegada ao estado do Pará na capital Belém:

Clima. 14 de agosto – O clima que estamos desfrutando nos causa uma surpresa das mais agradáveis. Esperei, logo que nos achássemos **na região amazônica**, sob um calor acabrunhante, ininterrupto, intolerável. Longe disso, **as manhãs são frescas** e é uma delícia passear-se pelas

manhãs, quer a pé quer a cavalo, entre seis e oito horas. Se no **meio do dia, o calor é muito grande**, ele vai diminuindo por volta das quatro horas... e a **temperatura das noites** não é **nunca incômoda**.(AGASSIZ, 2000, p. 145) [grifos nossos]

É extremamente expressivo quando os autores nos colocam sobre o forte calor que apresenta na Amazônia, principalmente nos horários vespertinos, mas nos relembrando sempre que oportuno, que nas noites a temperatura estava de forma agradável.

Neste mundo sempre verde, onde nada muda de aspecto e, de século em século, nenhuma diferença se assinala a não ser um pouco mais, um pouco menos de humanidade ou de calor, lembro-me com gratidão do inverno e da primavera, do verão e do outono. Parece-me incompleto o ciclo da natureza, e, **dentro desta úmida e morna atmosfera, tenho pelas brumas do nosso céu uma recordação afetuosa. É rigorosamente verdade que não se podem dar dez passos sem transpirar. Isto, aliás, faz com que o calor não seja irritante**, e não descobri motivo para modificar a minha primeira impressão: que, em suma, a temperatura daqui é muito menos prostrante do que tínhamos, **sendo as noites** invariavelmente **frescas**. (AGASSIZ, 2000, p. 327) [grifos nossos]

José Ribamar Freire (1993, p.159-173) afirma que em Manaus criou-se o que a antropóloga Berta Ribeiro classificou de “civilização da palha”, resultado de uma experiência milenar e coletiva dos povos indígenas. As habitações indígenas eram de madeira, cobertas de palha e não havia nenhuma pedra nem cobertura de telas. Para Simone Villanova (2010, p.108) essa “civilização de palha começava a fazer parte de um passado que deveria ser substituído e esquecido, principalmente com o advento de uma ideologia estrangeira, baseada no modo de vida urbano e na industrialização”. Nesse contexto de ideias, uma cidade como Manaus passava a ser vista como atrasada, embora a palha e a madeira tenham contribuído para soluções inteligentes e criativas nas várias formas de aprimorar e habitar o espaço amazônico.

Em face das observações acima expostas o historiador José Ribamar Freire (1993, p. 159-178) corrobora com a ideia de que “com um clima quente e úmido, a palha foi, durante muito tempo, uma excelente alternativa para abrigar o clima sufocante da região”. As impressões percebidas pelo casal Agassiz em relação às habitações indígenas são as melhores possíveis quando expressas das seguintes formas:

Em geral, as palhoças dos índios são mais bem tratadas do que as casas dos brancos, e possuem um certo atrativo pitoresco que conserva sempre a mesma sedução. Depois de um ligeiro descanso, retomamos o nosso passeio pela aldeia. Os sítios são dispersos, separados por grandes distâncias e tão completamente cercados de árvores que parecem absolutamente isolados no seio da floresta. Dizem que os índios são

preguiçosos! São positivamente fantasiosos, incapazes de se submeterem aos hábitos regulares de trabalho; entretanto, em quase todas as suas habitações, sempre se encontra, em via de execução alguma ocupação característica. (AGASSIZ, 2000, p. 345).

Ou ainda quando falam mais sobre as habitações indígenas e seus hábitos de higiene corporal:

As salas recebem ar por todos os lados, tendo os índios grande asseio corporal; podem ser desleixados em outras coisas, mas tomam banho uma ou duas vezes ao dia, ou mesmo mais, e lavam suas vestimentas freqüentemente. O ambiente que se respira em suas moradias é, portanto mais fresco e mais puro do que naquela em que vivem as pessoas muito pobres em nossos países. Nunca ao entrar numa choça de índios fomos chocados por cheiro desagradável (...). (AGASSIZ, 2000, p. 255).

A experiência de viagem narrada em meados do século XIX se diferencia das crônicas de viagem do século XV e XVI, cujos relatos deram mais ênfase às riquezas materiais (sobretudo metais preciosos, como conta a lenda do Eldorado) que os exploradores ou cronistas do século XVII acreditavam ter visto. Por isso, longe de ficarem decepcionados por não encontrar nem cedro, nem ouro, nem diamantes, lamentaram mesmo não prosseguir até os elevados planaltos do Brasil central onde desejavam apreciar e estudar as paisagens naturais que para lá se afiguravam no horizonte; depreende-se deste fato que, diferentemente dos interesses de outras personagens de fronteira, podemos observar a imagem “benigna e letrada” de Agassiz e Elisabeth correndo pelo interior da Amazônia “armados com nada mais do que uma bolsa de colecionador, um caderno de notas e alguns frascos de espécimes, não desejando nada mais do que pacíficas horas com insetos e flores” (PRATT, 1999, p.108). A natureza é, neste aspecto, reproduzida e fixada por meio de uma descrição estética. Não foi, portanto, o Eldorado que os naturalistas pretendiam encontrar, mas sim espécies raras, verdadeiros tesouros da natureza, as quais dão sentido à empreitada, e recompensam todos os esforços, padecimentos sofridos na solidão da floresta. Foi, portanto, para olhar e admirar a imagem de um luxuriante e fértil mundo natural que os passos desses viajantes foram movidos. Com este objetivo, o viajante ao mergulhar na floresta, considera tudo passível de exame tal qual quando Elisabeth Agassiz faz a seguinte descrição:

(...) depois de ter subido o rio, encontrei-me próximo da serra, desembarquei e atravessei os campos a pé. **Penetrei, então, numa região inteiramente diferente, uma planície seca e descoberta, onde a vegetação era rara. As plantas mais notáveis eram** as moitas de cactos e **tufos de palmeira curuá**, uma espécie sem caule, baixa, de folhas largas e elegantes que saem do solo e formam uma urna graciosa. Nesses campos secos de areias, que se elevam gradualmente em direção à serra, observei nas ravinas cavadas pelas chuvas copiosas a argila folhosa que por toda

parte forma as bases dos estratos amazonenses. ...Ao me aproximar da serra, repetia para mim mesmo como, nas circunstâncias as mais diversas, traços semelhantes podem por toda a parte se reproduzir na natureza. Deparou-se-me de repente uma **pequena angra orlada da habitual vegetação dos cursos d'água** sem grande profundidade; nas margens estava uma galinhola que abriu o voo com a minha chegada, soltando o seu grito peculiar tão parecido com o que todos conhecem entre nós que, só em ouvi-lo, eu teria reconhecido a ave sem a ver. (AGASSIZ, 2000, p. 350-351).

Com os olhos voltados para os tesouros da vida vegetal e animal, dialogando dessa maneira com os ensinamentos de Goethe, Schelling e Humboldt, Agassiz e Elisabeth ressaltam a importância de se olhar as plantas e animais em suas conexões de relações, já que simplesmente olhar os dados da natureza em seu local de origem “ensinam mais sobre a distribuição da vida de que um mês de estudo de gabinete, pois, em tais condições, as coisas se mostram na completa harmonia de suas relações” (AGASSIZ, 2000, p. 302-303). É deste modo que podemos compreender o olhar panorâmico de Elisabeth Agassiz sobre a paisagem amazônica, quando ela e todos os componentes da expedição Thayer puderam olhar e admirar pela primeira vez a dimensão da bacia do Amazonas:

Hoje é impossível fazer outra coisa que não seja olhar e admirar. Agassiz se mostra surpreso: **Este rio não parece um rio**; a corrente geral, neste **mar de água doce**, é dificilmente perceptível à vista e mais se parece com as vagas dum oceano do que com o movimento dum curso d'água mediterrâneo. Entretanto, é verdade que estamos constantemente entre duas margens; mas essas margens não são as do grande rio, mas sim os bordos das ilhas inumeráveis que se acham espalhadas sobre a superfície de sua imensa extensão... Atravessando este arquipélago, é um encanto para nós contemplar a **vegetação estranha** com que queremos ainda nos familiarizar. **A planta que atrai logo a nossa vista** e se alteia nessa massa de verdura, com maravilhosa majestade e graça, **é a esbelta e elegante palmeira açai**, coroada por um penacho de folhas ligeiras, sob o qual os tufos de seus frutos, semelhando bagas, pendem num galho quase horizontalmente projetado. (AGASSIZ, 2000, p.164) [grifos nossos]

O fragmento acima evidencia o valor da visão do observador que julga e aprecia a paisagem ordenando-a a partir de seu ponto de vista privilegiado. Contudo, à medida que o viajante se familiariza e aprofunda o olhar em relação ao mundo natural, nota-se que o impacto visual é acrescido de outras formas sensoriais que traduzem o ineditismo da paisagem, como por exemplo, o impacto da impressão visual:

A quantidade de **plantas arrancadas pelas águas**, arbustos, ervas, etc., que passam diante da nossa embarcação parada é incrível; são verdadeiros **jardins flutuantes**, às vezes de meio acre de extensão. **Algumas** dessas jangadas verdejantes **são habitadas**; aves aquáticas nelas embarcam e de vez em quando animais de grande porte são arrastados com elas pela correnteza abaixo (...). As principais plantas destacadas das margens são: a canarana (espécie de caniço-selvagem), grande variedade de *Aroidea*

aquáticas, *Pistea*, *Ecornia* e uma porção de graciosas Marsileáceas flutuantes. (AGASSIZ, 2000, p. 333-334). [grifos nossos]

Sendo assim a passagem acima demonstra claramente a tentativa de produzir uma pintura verbal de modo que transmita ao expectador a mesma sensação de prazer sentida pelo observador-viajante. Há ainda o a sensação do olfativo:

Encontrávamo-nos na foz do rio Ramos. (...) As margens desse canal são das mais lindas; **a floresta se animava das mais ricas cores, e o ar estava todo carregado do perfume das flores**. Ainda não era a estação destas quando chegamos, há seis meses, na Amazônia. **Ficamos também impressionados com a abundância e variedade das palmeiras**, muito mais numerosas no curso inferior do Amazonas do que no do Solimões. (AGASSIZ, 2000, p. 293) [grifos nossos]

Os ruídos oriundos dos animais e das plantas movidos pelos ventos também geram um impacto auditivo atraindo o viajante e causando-lhe prazer e admiração:

E como não se deixar tentar pelo sombrio frescor, pelo cheiro dos musgos e das filicíneas, pelo perfume das flores? **A mata é cheia de vida e de ruídos; o zumbido** dos insetos, **os sons** estrídulos dos gafanhotos, **o grito** dos papagaios, **as vozes** inquietas dos macacos, **tudo isso faz a floresta falar**. Estes últimos animais devem ser de muito difícil aproximação, pois eu os ouço frequentemente e ainda não os pude avistar; (AGASSIZ, 2000, p.222) [grifos nossos]

Em uma das passagens quando o casal Agassiz passa pelo lago de José Açu, que fica localizado em Vila Bela (atual Parintins), da outra margem do rio Amazonas, o qual passa em frente a atual cidade de Óbidos, Pará, nos traz uma rica demonstração da paisagem vista quando nos diz que:

(...) nada tira do **encanto da paisagem: verdes muralhas**, que se elevam de ambos os lados e nos aprisionam, fogem diante de nós, como verdes colunas, **grandes árvores possantes** vestidas de frágeis cipós até em cima, e cujos perfis se recortam soberbamente no céu da manhã, **flores escondidas enchem o ar de perfumes; longas raízes avançam para as águas** e, às vezes, um tronco flutuante estreita a passagem, deixando apenas o espaço necessário para a canoas. (AGASSIZ, 2000, p. 181-182) [grifos nossos].

Podemos perceber, dessa forma, que o olhar de Elisabeth Agassiz estava treinado para ver paisagens ideais, em conformidade a um padrão ditado por pintores, paisagistas e pela filosofia poética. A singularidade da paisagem, a variedade das aparências, se reúne num quadro que diante do olhar do expectador lhe estimula as sensações e lhe desperta as emoções.

O olhar dos viajantes estava condicionado pela representação de uma natureza pitoresca, buscando no meio ambiente amazônico a “conformidade com um padrão preconcebido ou modelo aceito de harmonia estética” (THOMAS, 1988,

p.316). De acordo com Thomas, a apreciação consciente de uma paisagem também dependia do grau de instrução e conhecimento prévio de pinturas paisagísticas. As cenas que observamos da natureza ou do campo tornam-se, então, pitorescas por recordarem uma pintura. Dessa forma, Carla Lima (2008, p.129) ainda nos diz que: “O termo paisagem (landscape) era usado apenas porque recordava uma vista (landskip) pintada. Foram estas representações artísticas que moldaram o gosto das classes educadas européias.” Nos termos dessa afirmação expressa, podemos compreender o motivo de Elisabeth Agassiz representar a paisagem como uma vista pintada. Um quadro no qual o espectador precisa tomar determinada distância para observar os diferentes ângulos de um local e relacioná-las entre si.

A tarde deste mesmo dia foi a mais agradável de quantas já passamos no rio Amazonas. Estávamos sentados na proa do navio, sob a cobertura, quando o sol flamejante baixou no horizonte. Sua grande imagem de um **vermelho-fogo, refletindo-se n'água**, cedeu lugar rapidamente aos **pálidos e trêmulos raios do crescente lunar**; mas, mesmo depois de desaparecido, **largas faixas róseas**, elevando-se até o zênite, atestavam ainda o seu poder e emprestavam algo do seu brilho à massa **enorme de nuvens brancas** que enchiam o oriente; estas, **refletindo a luz sobre o rio, transmutavam em pura prata a superfície amarelo-sujo de suas águas**, enquanto que, por cima das colinas de Almeirim, **o azul profundo do céu** parecia ainda mais forte no meio desses clarões. (AGASSIZ, 2000, p. 176) [grifos nossos]

Por meio de uma descrição que mais parece à visualização de um quadro de cores, tudo parece estar em perfeita conexão. Dessa forma percebemos que uma das maiores preocupações de Elisabeth Agassiz era narrar o mundo tal qual ele era, e para isso era necessário encaixar cada elemento da natureza no formato de sua folha de papel, sem hesitar em distorcer a paisagem para fazê-lo entrar no quadro escolhido. Para Inês Freitas (2004) era algo mais do que uma simples representação no quadro da folha, era no quadro mental do Ocidente que se tratava de fazê-los entrar na representação, para ela é a partir desse grupo de viajantes “que se dará origem às mais bela pranchas naturalistas realizadas até então, apropriou-se cientificamente do mundo e da natureza a partir da representação que puderam dela construir, apoiando-se sobre seus diferentes sentidos (mais particularmente na visão)”.

Segundo Argan (1995, p.18), foi Goethe, em fins do século XVIII ao lançar sua teoria das cores, ressaltando a atividade do olho e não da luz, em franca oposição a Newton que abriu o campo da ligação entre o subjetivismo romântico e a objetividade da ciência. Nesta perspectiva a natureza não deve ser apenas fonte de

sentimento, ela deve induzir o indivíduo a pensar, dessa forma, o olhar naturalista não se encerra no romantismo. Se pelo lado de Elisabeth, observamos uma preocupação em exaltar a beleza e a singularidade da paisagem em seu estado natural, comungando com um estilo estético de descrição do fato, o outro olhar, o de Agassiz, sobre o mesmo objeto, se alinha ao sistema de classificação taxionômica, fixada pelo suíço Carl Linneo.

Embora o impulso inquiridor dos naturalistas tenha levado a uma nova mentalidade sobre o meio natural, nos relatos de Elisabeth é possível ainda encontrar recorrências ao imaginário de substrato mítico, de tal modo que Elisabeth ao ver diante de si um curioso cogumelo descreve suas impressões do seguinte modo:

Um destes últimos dias, indo à cidade, descobrimos na erva úmida da parte baixa da avenida um cogumelo, o mais admirável que já vi. A haste inteiramente branca, da grossura de meia polegada, e de três, ou quatro de altura, era ensimada por um chapéu em forma de clava, pardo escuro com uma ponta azul. Da base do chapéu pendia até uma polegada mais ou menos do solo um fileto branco com largas malhas extremamente delicadas, verdadeira renda de fada tecida pela rainha Mab em pessoa (AGASSIZ, 2000, p. 156-157).

Cabe então a Agassiz, em nota de rodapé, interromper as reminiscências de sua esposa com aquela percepção antiga:

Esse cogumelo pertence ao gênero *Phallus* e parece não ter sido ainda descrito. Conservei-o em álcool, mas não me foi possível obter um desenho dele enquanto ainda duravam o seu viço e a sua beleza. De manhã bem cedo, quando a relva ainda estava úmida, encontramos às vezes um caramujo todo especial, uma espécie de *Bulimus* arrastando-se pela beira do caminho. A forma da parte anterior do pé não se parecia com a de nenhuma espécie até agora conhecida nesse grupo. Fatos como esse mostram quanto é para desejar que se desenhem as partes moles desses animais tanto quanto os seus invólucros sólidos. (AGASSIZ, 2000, p. 157)

Ao descortinar o mundo amazônico, do mesmo modo que outras viajantes mulheres, Elisabeth não possuía as mesmas obrigações que os outros membros da expedição que era revelar fatos para a história natural. Para Carla Lima o sentido da viagem para Elisabeth não tinha o mesmo significado exploratório e científico dos outros viajantes. “Ora passeios, ora sentada a observar os estranhos contornos das matas, rios e fisionomias, a cronista da expedição Thayer descreve detalhadamente a paisagem” (LIMA, 2008, p.132). Embora utilizasse uma linguagem romântica, em muitas ocasiões fora interrompida pela rotina dos trabalhos de história natural apresentados por seu marido e pelas circunstâncias mais realísticas de sua experiência de viagem, deste modo cumprindo seu papel de cronista da expedição:

Depois do almoço, dispersamo-nos; uns se estiraram nas redes, outros foram para a pesca ou para a caça: quanto a Agassiz, ficou absorvido no exame dos peixes – Tucanarés (*Cichla*), Acarás (*Heros* e outros gêneros), Curimatás (*Anodus*), Surubins (*Platystoma*), etc. – que acabaram de pescar na lagoa para ele. Reconhece também aqui ainda o que cada exploração constantemente lhe tem indicado, isto é, a localização distinta de espécies particulares em cada diferente bacia, rio, lago, igarapé ou qualquer pequena porção d'água na floresta. (AGASSIZ, 2000, p. 252).

Não que ela não estivesse familiarizada com a linguagem taxionômica, pois em muitas passagens ela foi suficientemente capaz de sintetizar os objetivos naturalistas da expedição e realizar descrições da paisagem conforme os cânones científicos da história natural. Mas estava claro que tudo o que escreveu não veio de suas próprias conclusões, ela escreve a partir de interferências advindas de seu marido ou de outros membros da expedição, como por exemplo, o Major Coutinho.

Se o nosso naturalista foi feliz em suas coleções zoológicas, o Major Coutinho não o foi menos nas geológicas, meteorológicas e hidrográficas. A sua cooperação é de valor inapreciável, e Agassiz não se cansa de bendizer o dia em que, tendo tido a sorte de encontrá-lo no palácio imperial, teve a idéia de convidá-lo a reunir-se à expedição. Os seus conhecimentos científicos, sua compreensão perfeita da linguagem dos índios (“língua geral”) e a sua grande familiaridade com os usos dessas gentes fazem dele o mais importante dos colaboradores. Graças a ele, pôde-se iniciar uma espécie de diário em que, ao lado do nome científico de cada exemplar, o major menciona o nome vulgar e local dado pelos índios e tudo o que é possível se saber sobre o habitat dos animais. (AGASSIZ, 2000, p. 158-149)

Segundo Carla Lima “os princípios de Linneo foram desenvolvidos em 1735 e visaram instrumentalizar qualquer pessoa para dispor de maneira correta os seres de acordo com a classe e a ordem correta”. (LIMA, 2008, p.123) Assim, desde que Linneo criou os princípios que sistematizaram os estudos botânicos, zoológicos e mineralógicos, a literatura de viagem jamais seria a mesma. Usando terminologias em latim para designar plantas e outros seres conhecidos ou desconhecidos, atribuíra um padrão universal normativo de descrição da natureza.

Observamos essa classificação taxionômica novamente em Elisabeth Agassiz quando esta descreve os diferentes tipos de plantas que sua equipe encontrou nas mediações da Vila de Breves, do seu *delicioso prazer de olhar as sombrias profundezas* das margens do rio Amazonas, onde encontram *povoações isoladas*, notando-se mais a abundância das palmeiras que se desenvolveram naturalmente de acordo com vários fatores como clima, tipo de solo, hidrografia e relevo. Caracterizando uma linguagem visual e emotiva, é acrescido por uma descrição que visa demonstrar a rotina sistemática das investigações científicas:

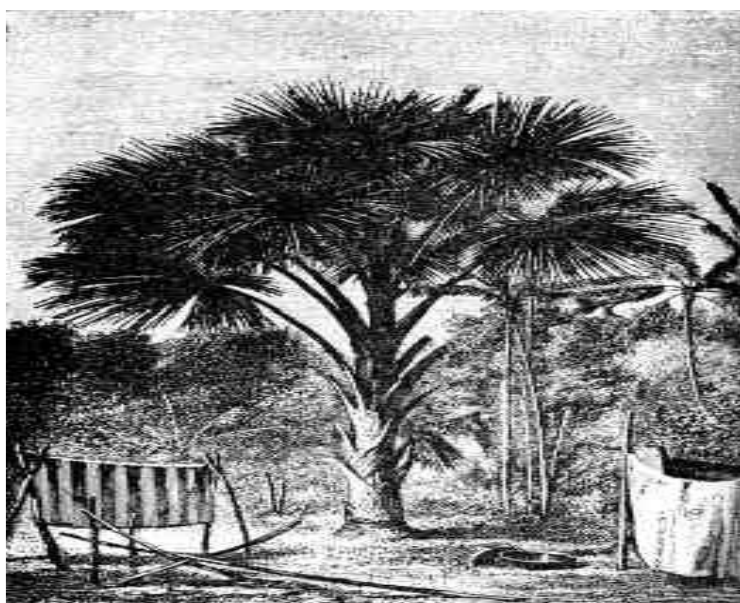


Fig. 04. Palmeira Miriti, AGASSIZ, 2000, p.166.

A princípio a mais frequente era a Açai, porém agora se confunde no número das outras. **A Miriti (*Mauritia*)** é uma das mais belas, com seus cachos pendentes de frutos avermelhados e suas enormes folhas abertas, em forma de leque, cortadas em fitas, cada uma das quais, na opinião de Wallace, constituindo a carga de um homem. **A Jupati (*Rhaphia*)**, com suas folhas em forma de plumas, às vezes de 40 a 50 pés de comprimento, parece, por causa do seu caule curto, brotar quase do solo. O seu porte, semelhando uma jarra, é particularmente gracioso e simétrico. **A Buçu (*Manicaria*)**, com folhas rígidas e inteiriças, de 30 pés de comprimento, mais eretas e fechadas no seu modo de crescimento, e serrilhadas nos bordos. O caule dessa palmeira é relativamente curto. As margens desse trecho do rio são geralmente ornadas por duas espécies vegetais, formando algumas vezes uma como que muralha ao longo da praia; por exemplo, **a Aninga (*Arum*)**, com suas folhas largas, cordiformes, em cima de grandes caules, e a **Murici** mais baixa, justamente à beira d'água. (AGASSIZ, 2000, p. 167) [grifos nossos]

As florestas brasileiras, onde os vegetais se confundem e se misturam uns com os outros, são frequentemente retratadas com imagens (fig. 04) e palavras, e se tornavam segundo Kury uma espécie de passagem obrigatória nas descrições de viagens a países da floresta tropical úmida. O botânico Auguste de Saint-Hilaire (1830, p.11) sublinha esse aspecto, quando retrata sua percepção da Mata Atlântica no seguinte trecho assinalado por Lorelai Kury:

...nada aqui lembra a cansativa monotonia de nossas florestas de carvalhos e de pinheiros; cada árvore tem, por assim dizer, um porte que lhe é próprio; cada uma tem sua folhagem e oferece frequentemente uma tonalidade de verde diferente das árvores vizinhas. Vegetais, que pertencem a famílias distantes mistura seus galhos e confundem suas folhas. (SAINT-HILAIRE, 1830, apud KURY, 2001, p.866).

O mais marcante da abordagem humboldtiana, independentemente da qualidade artística das representações, é o estudo das fisionomias das paisagens. Por exemplo: certas regiões da Europa se distinguem pelas florestas de pinheiros que acompanham as montanhas. O pinheiro é uma planta social, ou seja, sempre há grande número de indivíduos da mesma espécie juntos. Já a floresta tropical se caracteriza pela combinação de plantas não sociais, isto é, uma mesma paisagem compõe-se de enorme variedade de espécies diferentes. De igual modo Agassiz também traz uma concepção semelhante a Saint-Hilaire na observação da vegetação e da floresta amazônica evidenciado na seguinte passagem:

É, entretanto, impossível discernir todos os tipos de árvores **dessas maravilhosas florestas amazônicas**. Isto em parte provém da sua extraordinária mistura. **Na zona temperada temos florestas de pinheiros, florestas de carvalhos**, de bétulas, faias, bordos, a mesma espécie cobrindo a mesma área. **Nada de parecido se dá aqui; há a mais surpreendente diversidade na combinação das plantas**, e é muito raro se ver uma dada extensão de terras ocupada exclusivamente por única espécie de árvores. Grande número das que formam essas florestas são desconhecidas ainda da ciência, mas, não obstante isso, os índios, esses botânicos e zoólogos práticos têm um conhecimento perfeito não apenas de suas formas exteriores, mas também de suas diferentes propriedades. (AGASSIZ, 2000, p.324) [grifos nossos]

Para os viajantes estrangeiros que alcançaram o Brasil de meados dos Oitocentos, o desejo de conhecer a região amazônica quase inexplorada, fora impulsionada pelas representações de imagens no formato de quadros, ilustrações, aquarelas e fotografias realizadas por viajantes que para a Amazônia vieram anteriormente. O Brasil passou a ser definido a partir de elementos que compõem sua paisagem natural: bananeiras, palmeiras, densas florestas virgens, ou seja, representação de uma natureza tropical.

De tal modo, que a palmeira, descrita pela primeira vez por Humboldt, venha a ser tema constante da icnografia do período sobre a paisagem brasileira. Spix e Martius não fugiram desta regra de representação já que exploraram a região mais rica em palmeiras do mundo, a Amazônia, e após retornarem a Europa: “incluíram a palmeira no pensamento botânico contemporâneo.” (MANTHORME, 1996, p.60). Agassiz de igual modo, também descreveu as palmeiras amazônicas; ao atravessar o arquipélago de Marajó, logo se deparou a contemplar o que para ele seria uma vegetação estranha com a qual ainda teriam de se familiarizar. Segundo ele “A planta que atrai logo a nossa vista e se alteia nessa massa de verdura, com

maravilhosa majestade e graça, é a esbelta e elegante palmeira açai, coroada por um penacho de folhas ligeiras, sob o qual os tufos de seus frutos, semelhando bagas, pendem num galho quase horizontalmente projetado.” (AGASSIZ, 2000, p.164).

Homens e natureza são estreitamente relacionados nas concepções científicas de Agassiz, assim como o eram para Humboldt. Este último afirmava, por exemplo, que:

Mesmo que o começo desta civilização (do gênero humano) não seja unicamente determinado pelas relações físicas, ao menos sua direção, o caráter dos povos e as disposições alegres ou sérias dos homens dependem quase inteiramente da influência do clima. ... A influência do mundo físico sobre o moral, esta ação recíproca e misteriosa do material e do imaterial, dão ao estudo da natureza, quando a contemplamos de um ponto de vista elevado, um atrativo particular ainda muito pouco conhecido. (HUMBOLDT, 1828, p.23-26)

Agassiz acreditava de forma diferente á Humboldt, neste aspecto, que todos os seres fossem organizados de acordo com determinações geográficas, já que para Agassiz segundo Lorelay Kury (2005, p.4). “existiria uma ligação essencial entre os seres e os lugares que habitavam. As diferenças de clima não seriam suficientes para explicar a distribuição das espécies, pois em climas similares existem formas de vida diferentes.”

2.3. A Paisagem Humana Amazônica na Visão dos Agassiz.

O naturalista Louis Agassiz acompanhado de sua esposa Elisabeth Agassiz, ao liderar a expedição Thayer, à Amazônia, numa tentativa de encontrar elementos que pudessem lhe dar aportes suficientes para contrapor a idéia defendida por Charles Darwin, de seleção natural, acabou por nos proporcionar manuscritos que foram além de suas propostas iniciais, no que tange a distribuição geográfica das espécies, uma vez que, realizaram uma significativa descrição da Amazônia em seus diversos aspectos físicos e humanos, descrevendo o homem amazônico em suas minucias culturais, seus vilarejos, sua população e fatos do cotidiano e o modo de vida às margens do rio Amazonas.

De antemão, não podemos deixar de enfatizar a percepção dos Agassiz sobre o principal agente amazônico, ou seja, o indígena e suas ações, que no relato de

Elisabeth é descrito da maneira mais natural possível, mesmo que a cronista teça suas próprias percepções e em outros momentos realize paralelos com os indígenas da América do norte como nas seguintes notas: “Admiro-me sempre da ingênua afabilidade dessa gente tão diferente dos nossos índios do Norte, tristes e carrancudos, não gostando de conversar com os estrangeiros. A cordialidade de seu acolhimento depende, porém, muito da maneira por que são abordados.” (AGASSIZ, 2000, p. 223).

Logo, de posse desses relatos, é fácil notar como o índio se portava diante da natureza e do espaço que ocupava em seus mais diversos aspectos, principalmente, no que tange as relações sociais estabelecidas em decorrência do “trabalho” realizado nas aldeias indígenas. Interessante destacar o termo, trabalho, utilizado pela cronista, pois o indígena em sua essência cultural não visualiza seus afazeres, sobretudo, no que se refere a sua subsistência como um trabalho, tal qual foi convencionalizado pelas sociedades europeias e difundido ao restante do globo de que para sobrevivência, o homem depende de uma moeda para adquirir o que comer.

O homem nativo da Amazônia, em meados do século XIX, cujo período de industrialização foi decisivo para a transformação social e econômica dos lugares ainda mantinha suas características naturais, como bem relatou Elisabeth Agassiz (2000, p.221) ao perceber que:

E os hábitos dos índios são tão pouco regulares, eles ligam tão pouca importância ao dinheiro, tendo meios para viver quase sem fazer nada, que quando se consegue contratar um deles é mais do que provável que se suma no dia seguinte. Um homem dessa raça é muito mais sensível ao bom trato, à oferta dum bom copo de caxaça [*sic*], que ao ordenado que se lhe oferece e que não tem valor algum a seus olhos.

O viajante naturalista ao vir de sua terra natal em que muitas vezes a maior parte das pessoas tem de conviver com a escassez alimentar, a fome e a luta constante para sobreviver ao trabalhar por inúmeras horas diárias, e vir para uma terra em que a natureza por si só garante aos seus habitantes tudo de que precisavam para sobreviver, impressionavam - se com esse modo de vida. Louis Agassiz demonstra seu espanto quanto à relação estabelecida entre o homem, a natureza e o trabalho na Amazônia, quando nos diz:

Quando me lembro de quantas pessoas paupérrimas vi na Suíça, curvadas sobre um mecanismo de relógio ou num tear de rendas, ousando erguer os olhos a custo do seu trabalho, e isso do nascer do sol até pela noite

adentro, sem conseguir, mesmo assim, ganhar o necessário para sua subsistência, quando penso na facilidade com que tudo dá aqui, numa terra que nada custa, pergunto-me por que estranha fatalidade uma metade do mundo regurgita por tal forma de habitantes que o pão não chega para todos, enquanto que na outra metade a população é tão escassa que os braços não dão para a colheita! (AGASSIZ, 2000, p. 325).

Esse choque é natural e compreensivo, todavia não se pode deixar de levar em consideração que a dinâmica da vida amazônica é completamente diferente da dinâmica de vida, até então enfrentada pelo casal Agassiz, estes em muitos momentos de suas descrições, chamavam a atenção para esse modo de vida como verificamos nas duas discussões:

É nas excursões como essa que a gente se dá conta da fascinação exercida sobre um povo, cuja civilização se acha apenas em esboço, por esse gênero de vida em que as sensações são extremamente fortes sem que nada desperte a inteligência. Muito cedo em atividade, já na pesca ou na caça desde muito antes do nascer do sol, o amazonense volta no meio do dia, deita-se em sua rede, fuma enquanto dura o calor, depois se levanta para cozinhar o peixe, e, a não ser que se sinta doente, não conhece apreensões nem necessidades. (AGASSIZ, 2000, p. 229)

Outro ponto importante levantado por Agassiz se refere à pequena quantidade populacional existente na Amazônia, tendo em vista que nos relatos parece-nos haver uma quantidade expressiva de mulheres em detrimento da quantidade de homens, sobretudo índios. Elisabeth Agassiz, nos remete ao papel desempenhado por cada gênero na tribo em que o homem pesca e caça, cabendo à mulher cuidar da casa, das crianças, do cultivo e de outros afazeres pertinentes à tribo, conforme relato transcrito abaixo:

O homem, como todos os índios das margens do Amazonas, é pescador e, com exceção dos cuidados exigidos pela sua pequena plantação tem como exclusiva preocupação a pesca. Nunca se vê um índio trabalhar nos cuidados internos da casa, não carrega água, nem lenha, e não pega nem mesmo nas coisas mais pesadas. Ora, como a pesca só se dá em determinadas estações do ano, ele gasta a seu bel-prazer a maior parte do seu tempo. As mulheres, ao contrário, são muito laboriosas, segundo dizem, e aquelas que temos diante dos nossos olhos justificam perfeitamente essa boa opinião. (AGASSIZ, 2000, p. 186)

Sobre a quantidade populacional amazônica, a impressão que teve Agassiz era de parecer ainda estar bem longe o dia em que uma população numerosa venha se fixar nas margens do Amazonas. Devido Manaus ser ainda a capital de uma província com uma pequena população, sua economia baseava-se na extração de produtos da floresta e numa pequena agricultura e comércio de pouco destaque.

As impressões do viajante quanto à população amazônica se pauta em dois pontos que os próprios autores dizem ser de urgência sua solução para o desenvolvimento da região. A primeira fora citada anteriormente neste mesmo trabalho, no capítulo primeiro, p.38, e se trata da escassez populacional para uma região tão vasta, a outra se refere à falta de moralidade dos brancos. Para Elisabeth era necessário que a população da cidade começasse a se civilizar e para isso seria imperativa a vinda de maior número de pessoas de etnia branca aos lugares amazônicos, para que tal empreendimento fosse alcançado. Porém o que mais decepcionou Elisabeth foi perceber a falta de um comportamento moral entre os brancos dessa região e a falta de um interesse maior em “civilizá-los” conforme os preceitos e regras europeus, mesmo assim, Elisabeth não deixou de perceber o modo como os portugueses colonizaram ou pouco fizeram com relação aos indígenas “... a população branca fez bem pouco para civilizar os índios; ela se limita a iniciá-los em algumas práticas externas da religião.” (AGASSIZ, 2000, p. 223). Contudo, além da população branca ser escassa, faltava-lhe como ela mesma dizia moralidade. Acrescenta ainda que se apresentasse ali: “o singular fenômeno duma raça superior recebendo o cunho duma raça inferior, duma classe civilizada adotando os hábitos e rebaixando-se ao nível dos selvagens” (AGASSIZ, 2000, p. 237-238).

A viajante percebeu que a aristocracia branca, ao mesmo tempo em que explorava os indígenas nos trabalhos, iludindo-os e enganando-os, adotavam certos hábitos da população local. No que se refere, por exemplo, aos modos de comer e servir: “(...) sentam-se no chão e comem com as mãos rebaixando-se ao nível dos selvagens” (AGASSIZ, 2000, p.239), observa Elisabeth horrorizada.

Elisabeth Agassiz que não possui uma visão flexível da realidade amazonense lembra que essa exploração do trabalho por meio da escravidão não é muito diferente da exploração que os ingleses realizavam com os naturais dos países que estavam colonizando. Mas, em compensação, os ingleses e norte-americanos não se rebaixavam adotando os costumes de uma “classe inferior”, (como ela mesma refere aos mestiços), como faziam os portugueses. Isso para ela fazia toda a diferença.

De acordo com a visão de Agassiz, um dos motivos para que a população branca fosse tão restrita era que faltava concorrência comercial e financeira entre essa população. Em sua concepção capitalista, era necessário abrir grandes vias fluviais e abolir todo entrave à livre navegação do Amazonas para ativar a ambição e concorrência entre os que aqui viviam, pois essa realidade já era comum a todos os povos. Dessa forma, Agassiz não perdeu a oportunidade de realizar uma missão política delicada que era pressionar amigavelmente o governo brasileiro para abrir a navegação da Amazônia aos navios estrangeiros. E Dom Pedro II, o qual já trocava correspondências com Agassiz desde 1863 sobre os projetos de abertura da Amazônia, assim o fez, com a promessa de abertura da navegação que foi realizada pelo decreto de 7 de setembro de 1866.

É importante esclarecer que no tempo em que Louis Agassiz e sua equipe viajaram pelo rio Amazonas, a cidade de Manaus já tinha sido elevada à categoria de capital da província desde 1850. Nessa época, a região amazônica passou a despertar um interesse internacional crescente, fazendo com que a presença de viajantes se tornasse constante.²⁰ As descrições feitas pelo naturalista e sua esposa nos dão um pouco da dimensão dessas pequenas cidades, que na verdade não eram mais do que pequenas vilas, com populações predominantemente mestiça e indígena.

De certo, a Amazônia, no momento histórico visitado por Agassiz sofria com baixos índices populacionais, uma vez ser um momento pós Guerra do Paraguai, mas principalmente ser um período Pós-Cabanagem, responsável por grande matança na região.

Quando Agassiz e sua equipe de viagem aportaram em Manaus, a capital provinciana, a população que ali residia constituía-se em sua maioria de indígenas e mestiços, sendo o elemento branco a minoria. Ao tentar reproduzir na Amazônia os costumes de uma classe branca dominante, pode-se facilmente constatar em suas práticas cotidianas um exemplo demonstrado pelos viajantes quando estes foram

²⁰ Sobre esta questão já fora relatado no capítulo primeiro, na página 41, sobre os interesses norte-americanos nas terras amazonenses como receptores de uma população negra vindas do sul estadunidense, por detrás de todo um discurso político podem advir outros interesses como da exploração da floresta amazônica, que logo estaria fornecendo ao mundo a riqueza da extração da borracha. Para mais detalhes ver mais na obra de Arthur Cezar Ferreira Reis “A Amazônia e a Cobiça Internacional.”

num baile realizado em Manaus, no dia 08 de novembro de 1865, oferecido em homenagem a Tavares Bastos. Elizabeth faz o seguinte comentário quanto aos participantes da festa:

Era grande a variedade de toaletes; sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades, do negro ao branco, sem contar as cores acobreadas dos índios e dos mestiços. Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça. Uma mulher preta — admitindo-se, já se vê que seja livre — é tratada com tanta consideração e obtém tanta atenção quanto uma branca. (AGASSIZ, 2000, p.270)

Percebemos que nesse mesmo baile constituíra-se como num ponto de identificação com os valores dos europeus e norte-americanos e de uma elite que já havia se formado no Brasil, onde a etiqueta dos padrões da Europa era sinônima de status e poder. Nesse baile descrito por Elisabeth, “se pode apreender o fato de que em Manaus, ou seja, no urbano da época, a composição étnica da população dessa cidade, como no restante da Amazônia, era bastante heterogênea”, (CASTRO, 2007), pois para Agassiz (2000, p.270) “... é raro encontrar-se na sociedade uma pessoa que seja absolutamente de pura raça negra, mas veem-se numerosos mulatos e mamelucos, como chamam os mestiços de índio e negro”.

Marcos Castro (2007, p.5) afirma que o hibridismo narrado era visto como algo negativo, de acordo com o que se pode aferir da declaração de Elisabeth, visto que, ao mencionar o termo “de pura raça”, dava-se a ideia de que o mestiço não era negro ou branco, sendo, portanto, coisa alguma.

Uma das maiores preocupações do casal Agassiz com relação às raças que considerava inferiores era a possibilidade da mestiçagem. Durante sua estadia na Amazônia, puderam observar diversos cruzamentos raciais que nunca tinham visto antes. O casal Agassiz ficou bastante impressionado com as possibilidades existentes para os estudos raciais na Amazônia. Elisabeth afirmou:

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura de tipos, pois aí os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos produziram, por suas alianças, uma confusão que à primeira vista parece impossível destrinchar. (AGASSIZ, 2000, p.284)

O método usado por Agassiz para destrinchar esse emaranhado é o que chamou de “método da história natural”. Para Lorelai Kury “O método de trabalho de Agassiz é o de um zoólogo: compara pessoas de diferentes “raças” como se comparasse exemplares de diferentes espécies animais.” (KURY, 2007, p.166) Segundo Agassiz o fato de diferirem por traços constantes e permanentes basta, por

si, para justificar uma comparação entre as raças humanas e as espécies animais. Na relação aos seus estudos comparativos sobre as raças humanas e o espetáculo da miscigenação que se lhe oferecem, o casal Agassiz expõe suas conclusões usando os seguintes termos:

Nos lugares em que existem as raças puras, é raro se encontrarem filhos provenientes da união de mameluco com mameluca, de cafuzo com cafuza ou de mulato com mulata, ao passo que os filhos nascidos da união entre branco, negro ou índio e mulato, entre branco, negro ou índio e mameluco, ou entre cafuzo e uma das três raças puras formam a base dessas populações heterogêneas. O resultado de ininterruptas alianças entre pessoas de sangue misturado é uma classe de indivíduos em que o tipo puro desapareceu, e com ele todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando cruzados que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça o companheiro e o animal predileto do homem civilizado. (AGASSIZ, 2000, p. 147)

Como podemos evidenciar, Agassiz classificava as diferentes fisionomias que encontrava do mesmo modo com que descrevia novas espécies de flora e fauna. Portanto, o olhar classificatório do naturalista é lançado para o campo humano onde através de seus estudos comparativos, ele segregava a humanidade. Diferenciando a cor de cada tez, das formas cranianas e das dimensões corporais, justificava a escala de superioridade e inferioridade biológica de cada raça. E neste volume de estudos comparativos, considerou a mistura de raças, as formas híbridas, o fenômeno da mestiçagem, um processo de degeneração biológica, por apagar os caracteres inatos, aspectos que eram tão preciosos aos criacionistas que pensavam por meio de imutabilidade das formas.

Para melhor compreendermos determinados relatos e posicionamentos mentais e científicos de Louis Agassiz e sua esposa, Elisabeth, devemos destacar que antes de qualquer análise racial, social, moral e política proposta pelo casal, lembraremos que estes moravam nos Estados Unidos da América, em meio a uma sociedade excludente e segregadora, cuja concepção mental de sociedade fundamentava-se no domínio da raça branca sobre todas as outras, em todos os aspectos, diminuindo e desvalorizando outro, o diferente, em todos os sentidos.

De posse dessa observação não fica complicado identificar o quanto suas impressões estão ligadas a uma mistura de cientificismo racial com uma interpretação criacionista hierarquizante no que se refere ao índio “selvagem”, o branco “amoral” e o negro e suas “formas”. Essas observações e impressões

chocam ainda mais o naturalista ao perceber que na Amazônia, não existe preconceito de raça e que a mistura, a miscigenação ocorre de maneira paulatina e latente.

A miscigenação brasileira suscitada por Louis Agassiz foi uma das principais vertentes de estudo, enfrentada por este viajante, principalmente se levarmos em consideração que o líder da expedição Thayer ao rivalizar com o Evolucionismo Darwiniano, passou a acreditar que no Brasil poderia obter respostas para corroborar a teoria poligênica, cuja concepção baseava-se na idéia de que a humanidade era formada por diferentes espécies, separadas hierarquicamente, após os seres mais desenvolvidos terem passado por uma escala mais rudimentar até chegar a seu estágio ideal de desenvolvimento imutável, enquanto que outros seres tidos inferiores, jamais chegariam a um estágio de desenvolvimento superior permanecendo inferior, sendo dominado por uma raça mais forte. Isso se torna mais evidente quando descreve nitidamente sobre cada uma das suas consideradas “raças”. Segundo Agassiz:

O negro e o branco produzem o mulato, o índio e o branco o mameluco, o negro e o índio o cafuzo, e essas três qualidades de mestiços não formam qualquer ligação entre as raças puras; estão para com seus pais nas mesmas relações dos híbridos para com os produtores. O mameluco é positivamente um meio-sangue entre o branco e o índio, o cafuzo um meio-sangue entre o índio e o negro, o mulato entre o branco e o negro. Todos apresentam particularidades igualmente do pai e da mãe e, embora a fecundidade seja entre eles maior do que nas outras famílias do reino animal, há em todos eles uma tendência constante para voltar aos tipos primitivos; isso num país em que as três raças distintas estão em contínua promiscuidade, porquanto os híbridos se misturam mais voluntariamente com uma das raças originárias do que uns com outros. (AGASSIZ, 2000, p.146)

Logo, essa corrente nos remete a idéia de que para a manutenção ideal das raças em suas posições, seja superior ou inferior, suas essências não podem ser corrompidas, misturadas entre si, devem estar eternamente separadas em sua totalidade, como as tranquilas águas do rio Negro e as nervosas águas do rio Solimões / Amazonas.

Para os Agassiz conviver com a mistura de raças, a miscigenação, é algo inconcebível, pois para o viajante, uma vez, misturadas, as raças perdem as melhores características de seus ancestrais, aflorando uma progressiva degenerescência.

Importante destacar que esta preocupação de Agassiz quanto ao estudo das raças se dá principalmente, após sua estada nos E.U.A, sobremaneira, após abraçar

as correntes do Poligenismo e do Degeneracionismo, as quais de maneira rápida e sucinta podem ser explicadas sobre a visão de que raças distintas, ou seja negros e brancos, jamais poderiam habitar o mesmo espaço, sendo necessário extirpar a raça inferior, os negros, do convívio com a raça superior, os brancos, na visão de Agassiz, para que não ocorresse a mestiçagem e conseqüentemente a degeneração da raça superior.

Por isso a viagem ao Brasil, terra da mestiçagem, e à Amazônia, foi de extrema importância para o desenvolvimento e concretização de seu raciocínio quanto ao racismo científico, cuja ideologia excludente e segregadora sem encaixava na ideia de que o Brasil era o verdadeiro contraponto de seu país adotivo, seria algo que este jamais poderia se tornar.

Há de se revelar que muitos escritores de meados dos Oitocentos defendiam a ideia de que estas obras carregam um preconceito sobre a população brasileira já que no contexto histórico, para o mundo europeu o Brasil estava por civilizar e o europeu por se considerar uma raça superior teria as condições necessárias para dar o refinamento cultural ao brasileiro. Dessa forma o contato com o outro seria estimulado para confirmar a condição de superioridade do visitante face ao visitado, abrindo ao viajante a possibilidade de renascer do interior da maior floresta tropical brasileira, disto é importante salientar:

Mas essas narrativas precisam ser lidas com cuidado porque carregam uma marca de determinados preconceitos europeus. A ideia da superioridade do complexo cultural europeu transparece nas opiniões dos viajantes, a miúdo negativas, sobre as gentes do Brasil. Opiniões e comentários maledicentes que estavam associados às concepções em voga sobre a inferioridade das raças de cor e de seus descendentes (MARTINS, 2007, p.66).

Entretanto, esta pesquisa tenta ressaltar não somente o olhar do casal Agassiz para as populações amazônicas, mas também a riqueza dos detalhes envoltos nos aspectos econômicos referidos pelo casal.

Na descrição econômica sobre as povoações amazônicas que o casal Agassiz percorreu podemos exemplificar nas seguintes cidades: Em Monte Alegre estiveram parados por algumas horas numa fazenda de criação, situada perto do rio, de onde observaram que levaram para bordo certo número de bois e vacas destinados ao mercado de Manaus, considerando-se então a criação de gado para abastecimento de carne às populações amazônicas. Ainda sobre a economia deste

local nos diz: “Parece que uma das principais indústrias da localidade é a criação de gado; com a salga do peixe, a venda de cacau e borracha, constitui o comércio da praça.” (AGASSIZ, 2000, p. 177). Sobre a economia local entre as cidades de Santarém e Óbidos nos relata que é na floresta que estão às pequenas plantações de cacau e mandioca: “planta cuja raiz fornece ao índio a sua farinha – e às vezes também de seringueiras (árvore da borracha)” (AGASSIZ, 2000, p. 180) e em Vila de Breves volta a nos relatar sobre a vantagem do comércio da borracha empreendido naquele local: “Os índios retalham as árvores para extrair-lhes a seiva como nós o fazemos com as nossas *maples* fornecedoras de açúcar, e trocam o produto delas por vários artigos do nosso uso doméstico.” (AGASSIZ, 2000, p. 167). Em Maués trata do guaraná como principal artigo econômico do qual se fazem uma bebida semelhante à que se fazia na América do Norte com a amora. (AGASSIZ, 2000, p. 295).

Agassiz não pode deixar de relatar sobre a presença dos comerciantes ambulantes que levam as mercadorias pelos rios amazônicos, numa forma econômica que garante também o abastecimento de suprimentos para a população moradora às margens dos rios por um período precioso nas florestas. Sobre esses comerciantes nos afirma que se tratam dos “vendedores ambulantes chamados “regatões”. Esses vendedores são muito conhecidos por todas as margens do Amazonas e seus tributários; são segundo se diz, da mais completa má - fé no seu comércio com os índios, e estes não deixam de cair ingenuamente em todos os seus contos” (AGASSIZ, 2000, p.229). Relata-nos também sobre a dificuldade dos comerciantes portugueses que não se arriscam em adentrar as florestas virgens, nos extremos dos rios sem fim, na busca de compradores para suas mercadorias a não ser o regatão “menos bárbaro sem dúvida que o índio, porém mais corrompido. Esse sabe bem onde encontrá-lo; encontra-o e, sob o pretexto de negociar com ele, deprava-o e desonra-o!” (AGASSIZ, 2000, p.299).

Destarte, a paisagem amazônica quanto as suas povoações e habitações nos revelam as condições, as dificuldades e o modo de viver amazônico observado pelo viajante Agassiz em cada cidade ou vila pelo qual passou. Assim, trataremos no próximo capítulo da elaboração e análise do caminho percorrido pela expedição Thayer, liderada por Louis Agassiz, ilustrando-a por meio de um mapa de pontos de paradas exposto a seguir.

CAPÍTULO III

A EXPEDIÇÃO THAYER NAVEGA PELA À AMAZÔNIA.

A Expedição Thayer chefiada por Louis Agassiz percorreu o Brasil entre os anos de 1865 e 1866.

O grupo principal liderado por Agassiz saiu do Rio de Janeiro em 25 de julho de 1865, atravessando o nordeste brasileiro até chegar a Belém do Pará. Antes de partir em direção à Amazônia, a comitiva fora ainda acrescida de dois novos personagens: D. Bourget, naturalista francês que vivia no Rio de Janeiro e o Major João Martins da Silva Coutinho, engenheiro do exército, geólogo e naturalista com experiência de exploração do Purus, que fora convocado pelo imperador para servir de guia da expedição. Os demais componentes do grupo especializado eram: o desenhista Burkhardt, e os estudantes Hunnewell e William James.

No dia 25 de julho despediram-se da capital do Império a bordo do navio a vapor *Cruzeiro do Sul*, que pertencia à esquadra militar brasileira. Seguindo o plano de viagem, quando a comitiva chegasse à Bahia reunir-se-ia com os assistentes “*Dexter e Thayer, dois membros do nosso primitivo grupo, que subiam a costa antes de nós e se ocuparam, durante duas ou três semanas, em formar coleções na Bahia e suas vizinhas*”. (AGASSIZ, 2000, p. 141). O navio *Cruzeiro do Sul* tinha sido concedido pelo imperador e foi usado como transporte de tropas para o Sul na Guerra do Paraguai. A bordo dele, Elisabeth relata as condições precárias de suas instalações, estando “*abarrotado de passageiros que se destinavam às províncias do Norte*” (AGASSIZ, 2000, p. 141), mas, segundo ela, as autoridades tinha lhe prometido melhores instalações e “*dentre de alguns dias, pois grande número de passageiros deve desembarcar em Bahia e Pernambuco*”. (AGASSIZ, 2000, p.141). Mesmo nestas precárias condições, a expedição seguiu a rota planejada no *Cruzeiro do Sul* durante 14 dias de viagem. Chegaram à Bahia no dia 28 de julho, daí passaram rapidamente pelas Províncias de Alagoas, Pernambuco, Paraíba do Norte, Ceará e Maranhão, alcançando a Província do Pará no dia 11 de agosto.

Na Província do Pará após três meses de viagem pelo litoral brasileiro, Agassiz e sua equipe de viagem seguiram para o rio Solimões, no médio e alto Amazonas. A Província do Pará se constituía no ponto de entrada de todos os viajantes que tivessem por destino penetrar para o interior da região amazônica como demonstra no mapa feito pela equipe da expedição Thayer abaixo (Fig.05):

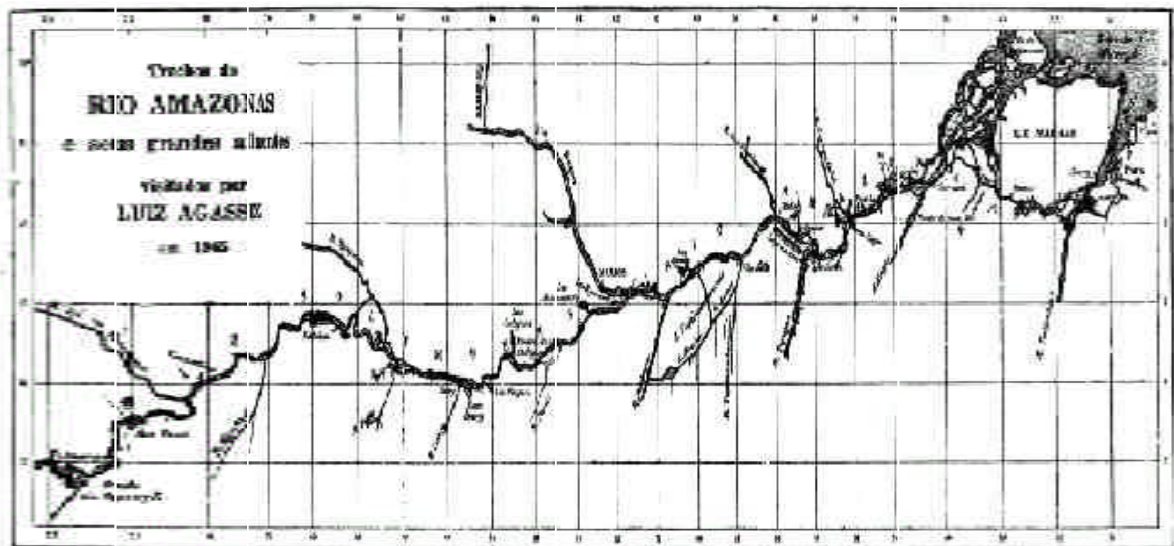


Fig. 05: Trajeto do rio Amazonas. Fonte: AGASSIZ, 2000, p.166.

Foi neste momento que o último membro da equipe, o brasileiro Talismã Figueiredo de Vasconcelos, oficial da Companhia de Navegação a Vapor da Amazônia, se agrupou à expedição. No Pará, embora contasse com a solícita ajuda do Presidente Couto de Magalhães e Pimenta Bueno, diretor da companhia brasileira dos navios a vapor que iam do Pará a Tabatinga, foi destacado como uma das personalidades que mais ajudou a expedição durante o percurso à região amazônica. Desde o primeiro contato com Agassiz, Pimenta Bueno colocou-lhe à disposição, além de sua residência, “grandes salas de maneira a constituir um admirável laboratório” e exemplares que se viram aflorar de “todos os cantos”; mas nenhum desses expedientes fora tão importante para expedição quanto à generosa oferta de prover a equipe com novas instalações no trajeto até Manaus em “um navio, por um mês, entre Pará e Manaus. Só levaria a nós como passageiros, e vai provido de tudo o que se possa ser necessário durante esse período de tempo: alimentos, criadagem, etc.” (AGASSIZ, 2000, p. 157).

Segundo a historiadora Carla Lima a liberalidade externada por Pimenta Bueno não representava apenas um amor pessoal às causas da ciência. “Por ser ele o assessor na região amazônica do presidente da Companhia de Navegação a Vapor da Amazônia, o Barão de Mauá, sua atitude estava sendo de acordo com as determinações de interesses políticos superiores” (LIMA, 2008, p.95). O historiador Almir Chaiban El-Kareh (2003) também acrescenta que “a Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas, sob a presidência de Mauá, fora criada na década em 1852, para coibir a cobiça estrangeira, sobretudo norte-americana, em

relação à região amazônica”. Na década de 1860, o temor em relação às fronteiras foi tranquilizado, sobretudo, em razão das pressões internacionais e do fortalecimento da corrente liberal favorável à abertura do Amazonas às nações amigas, e, ao fim da subvenção do Estado ou limitação dos lucros da companhia.

Como podemos perceber o clima de desconfiança em relação aos norte-americanos já estava chegando ao fim e como provas têm-se a viagem de Agassiz e todos os auxílios prestados da Coroa Portuguesa para sua viagem.

Nesse sentido, Carla Lima (2008, p.95) nos refere que “devemos pensar o papel de Bueno neste contexto, como mediador de interesses entre Mauá e a elite local (a qual vira na companhia o fim de seu isolamento espacial e produtivo) e destes com nova ordem insurgida”. Do mesmo modo, o Presidente da província, Couto de Magalhães, “não cansou de prodigalizar Agassiz durante a estada no Amazonas, com atenções de toda sorte” (AGASSIZ, 2000, p. 155). Assim, o Presidente da província, José Vieira Couto de Magalhães, além de facilitar os meios da expedição, determinando o itinerário de viagem por onde as primeiras excursões às imediações do Pará deveriam passar, arregimentou homens para guiá-los através dos rios e matas, favoreceu, por último, a Agassiz com uma “considerável coleção feita sob sua direção”. (AGASSIZ, 2000, p. 181).

Em 20 de agosto, já a bordo do confortabilíssimo vapor Icamiaba, seguem viagem percorrendo as costas da Ilha de Marajó “no que se chama rio Pará”, daí percorrendo vários vilarejos no curso do rio Amazonas e seus afluentes Xingú e Tapajós, como por Vila de Breves em 21 de agosto, por Vila de Gurupá em 23 de agosto no rio Xingú, por Vila de Almeirim em 24 de agosto, e por Monte Alegre em 25 de agosto.

Para adentrar o rio Amazonas e seus tributários, o viajante deveria tomar uma embarcação desde Belém, contornar o litoral da ilha de Marajó, atravessar esse estreito canal que forma a comunicação entre os rios Pará e Amazonas, penetrando-se até a bacia principal do rio- mar, sendo o primeiro porto de ancoragem a cidade de Santarém, na barra do rio Tapajós.

Em Santarém, na embocadura do rio Tapajós, os voluntários James e Dexter “juntamente com um moço brasileiro, Sr. Talisman” (AGASSIZ, 2000, p. 179) foram

aí destacados a subir sozinhos o rio e efetuar coleções. Do mesmo modo, se separaram da expedição em Santarém, Bourget e Hunnewel. De Santarém, o restante da equipe continuou subindo o Amazonas em direção a Óbidos em 27 de agosto e daí a Vila Bela (atual Parintins) onde explorou suas vizinhanças, nos lagos José Açu e Máximo.

Neste último vilarejo, os viajantes foram recebidos pelo Dr. Marcos, amigo epistolar de Agassiz, o qual mandara exemplares da fauna amazônica em diversas ocasiões ao Museu de Cambridge. Neste lugar, como em outras paradas obrigatórias para efetivar coleções, pode-se visualizar o cotidiano das excursões. Deixando, quando necessário, o conforto de suas instalações do navio a vapor, para seguir por entre lagos da região em pequenas canoas:

Eram duas canoas; numa estavam o Sr. Burkhardt, Agassiz e eu; a outra era ocupada pelo Major Coutinho, o Dr. Marcos e o Sr. Thayer. A primeira, talvez um pouco maior, tinha na popa uma pequenina câmara de seis pés de comprimento por três de altura, coberta de madeira; a segunda tinha apenas um abrigo de folhas de palmeira. A maior recebeu a nossa bagagem, a mais reduzida possível e as provisões vivas: um carneiro, um peru, algumas galinhas; colocaram-se nela também um certo número de barris e bocais cheios de álcool para as coleções. O capitão nos proveu não somente do necessário como de todo o luxo possível para uma viagem de uma semana. (AGASSIZ, 2000, p. 181).

Mas além dos expedicionários e de seus suprimentos, fazia parte da cena, mesmo que implicitamente revelados – já que Elisabeth Agassiz os omitiu aqui -, os remadores índios, cuja mão de obra era empregada em todos os trabalhos braçais da expedição como caçar, pescar, carregar suprimentos, e, sobretudo, serviam como guias.

Deste modo, podemos visualizar o casal Agassiz em canoas abarrotadas de gente, suprimentos e exemplares da fauna, percorrendo igarapés, conduzidos por índios. Mas falta ainda completar a cena com um elemento de dificuldade sentido pela autora nestas viagens interiores: os desconfortos da jornada, entre os quais Elisabeth evidenciou o calor intenso “que nos acabrunhava e com ele o cansaço” (AGASSIZ, 2000, p. 189); e as legiões de mosquitos, que os atacavam como o evento ocorrido ao “infatigável senhor Burkhardt” quando fazia suas aquarelas e “os mosquitos rondavam em volta dele fazendo ouvir seu estridente zumbindo sem fim e tornando por vezes a sua situação intolerável” (AGASSIZ, 2000, p. 191).

Agassiz não fugiu a regra de determinar Manaus, onde os rios Negro e Solimões se encontram como o ponto sede para o avanço de suas incursões. Chegaram a Manaus em 05 de setembro, e logo contaram com a “previdência habitual” do Major Coutinho, que havia mandado “preparar para nós” uma residência. Aí permanecendo por “uma semana de repouso, aguardando o vapor que se destina a Tabatinga” (AGASSIZ, 2000, p. 194), uma vez que Agassiz “não se preocupou em colecionar animais na localidade... deixou para a volta do rio Negro” (AGASSIZ, 2000, p. 194) Nesse momento juntou-se a eles novamente James, Dexter, Talisman, Bourget e Hunnewel que haviam voltado do Tapajós com novas coleções. Seguindo o plano de expedição, o novo vapor seguiria em direção ao rio Negro e rio Madeira, até Tabatinga, e então faria:

Animado pelos resultados já obtidos até aqui, penso que, caso nos sejam favoráveis às circunstâncias, ao chegarmos a Tabatinga, faremos um esforço para atingir a parte inferior do Peru, enquanto os nossos companheiros explorarão os rios intermediários entre essa cidade e Tefé; assim sendo, provavelmente não estaremos de volta a Manaus antes dos fins de outubro. (AGASSIZ, 2000, p. 196).

Em 12 de setembro, a expedição de Agassiz saíra de Manaus com destino certo a Tabatinga, sendo o primeiro porto de parada o povoado de Barreira de Cudajás (Codajás) em 13 de setembro; seguindo-se para Cuari (Coari) e depois chegando a Tefé (ou Ega) no dia 14 de setembro. No dia 16 de setembro passam por Fonte Boa e em pontos nestas proximidades com regiões com muitos lagos, em 17 de setembro passam por Tonantins, e em proximidade abaixo de Tonantins, em 18 de setembro passam por São Paulo de Olivença onde relatam desmoronamentos de terras, fenômeno esse conhecido pelo nome de terras caídas.

Há que se fazer menção que Agassiz não relata muito sobre as terras caídas diferente de Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace podendo significar como um dos motivos à diferença das embarcações entre esses viajantes. Enquanto a expedição Thayer de Agassiz realizou-se em navios confortáveis e movidos a vapor, Bates e Wallace contava com embarcações menores, margeando os rios e dessa forma observando com mais riqueza de detalhes o fenômeno típico das margens dos rios amazônicos que recebem o nome de terras caídas.²¹ No dia 20 de setembro

²¹Segundo a dissertação de mestrado de Jose Alberto Lima de Carvalho, o fenômeno das terras caídas trata-se de um fenômeno resultante de processos de erosão fluvial muito frequente na região da bacia amazônica, compreendendo um processo que abarca uma série de fatores como: escorregamento, deslizamento, desmoronamento, e desabamento que acontece às vezes em escala quase que imperceptível, pontual, recorrente e não raro, catastróficas, afetando em muitos casos

chegam a Tabatinga, vila fronteiriça entre Brasil e Peru. Nesta etapa de viagem, Agassiz, devido ao curto tempo que dispunha para estudar tantas coleções, resolveu renunciar ao seu ambicioso plano de subir até o Peru, onde pretendia encontrar vestígios de geleiras. Ao refazer o caminho no sentido de orientação a Manaus, no caminho de volta, param em Tefé, e nesta vila Agassiz permaneceu por um bom tempo, quase um mês, de 25 de setembro a 21 de outubro, arrecadando uma quantidade de peixes numerosos para suas coleções. Mas em Tefé contou com um achado decisivo que deu novos rumos à expedição. Em carta ao imperador D. Pedro II relatou qual seria esse achado, segundo Agassiz:

Ao chegar esta manhã aqui, tive a mais agradável e inesperada das surpresas. O primeiro peixe que me trouxeram foi o Acará, que Vossa Majestade houve por bem permitir que lhe dedicasse, e, por sua sorte inaudita, era a época da postura e tinha ele a boca cheia de filhotes vivos, em via de desenvolvimento. Eis, pois, plenamente confirmado, o fato mais incrível da embriologia, e só me resta estudar com vagar e minúcia todas as mudanças que sofrem esses filhotes até o momento em que deixam o seu singular ninho, para poder publicar uma descrição completa dessa história invulgar. As minhas previsões sobre a distribuição dos peixes se confirmam: o rio é habitado por várias faunas ictiológicas muito bem distintas que têm apenas como laço comum um pequeníssimo número de espécies, que se encontram em toda parte. Resta agora precisar os limites de tais regiões ictiológicas e talvez seja levado a consagrar algum tempo a esse estudo, se encontrar meios para tanto. Há presentemente uma questão que se torna muito interessante, é a de saber até que ponto o mesmo fenômeno se reproduz em cada um dos afluentes do rio Amazonas, ou, em outras palavras, se os peixes das regiões superiores dos rios Madeira, Negro, etc., são os mesmos do curso inferior desses rios. Quanto à diversidade mesma dos peixes de toda a bacia as minhas previsões foram totalmente ultrapassadas. Antes de chegar a Manaus, já havia eu recolhido para mais de trezentas espécies, isto é, o triplo das espécies conhecidas, pelo menos até agora. Perto da metade pôde ser aquarelada do natural pelo Sr. Burkhardt; de sorte que, se consigo publicar todos esses documentos, as informações que poderei proporcionar sobre o assunto excederão de muito tudo o que se tem até agora publicado. (AGASSIZ, 2000, p.202)

Sendo assim, Agassiz, visando encontrar novas e definitivas provas da fixidez e limitações geográficas da espécie, propõem um novo esquema de exploração para sua equipe: “Por conseguinte Agassiz voltará para Tefé com o desenhista e dois ou três auxiliares; o Sr. Bourget ficará em Tabatinga com o nosso pescador índio para colher exemplares; finalmente, os Srs. James e Talisman se dirigirão primeiro ao rio Içá ou Putumaio e em seguida ao Jutá, com o mesmo objetivo”. (AGASSIZ, 2000, p. 204). A mudança de planos evidencia mais uma vez que o principal objetivo da

distâncias quilométricas. Ver mais em CARVALHO, José Alberto Lima de. Terras Caídas e Consequências Sociais: Costa do Miracauera – Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara – AM, Brasil. Dissertação de Mestrado, UFAM, PPGSCA, 2006.

viagem de Agassiz era encontrar provas definitivas que desbancassem o evolucionismo, renovando, por estes meios, o seu prestígio diante da comunidade científica cujas expectativas aguardavam uma resposta do mais famoso naturalista da época em relação aos escritos de Darwin.

Percebemos a partir dessa citação de Agassiz que a expedição pela Amazônia deu destaque à sua atividade científica e reforçou as estratégias de legitimação de suas teorias raciais e biogeográficas. Segundo Lorelei Kury “Os peixes do Amazonas e seus afluentes são utilizados para solidificar os argumentos dos criacionistas contra os evolucionistas, além de possibilitarem a defesa de uma biogeografia estática, onde cada ser teria sido designado para habitar uma região específica do planeta.” (KURY, 2001, p.157).

A melhor impressão das cidades amazônicas que encantam Agassiz se refere ao povoado de Tefé (fig. 06 e fig. 07), não obstante as construções de barro cobertas com folhas de palmeira que tanto espanto causava aos estrangeiros, principalmente aos europeus:

De todas as pequenas povoações que vimos na Amazônia, Tefé é aquela cujo aspecto é mais risonho e agradável. (...) As casas, geralmente construídas de barro e caiadas de branco, são cobertas de telhas ou folhas de palmeira. Quase todas são rodeadas por pequeno pomar, cercado de estacas e plantado de laranjeiras e palmeiras tais como coqueiros, açais, pupunhas e outras plantas. (AGASSIZ, 2000, p.210)

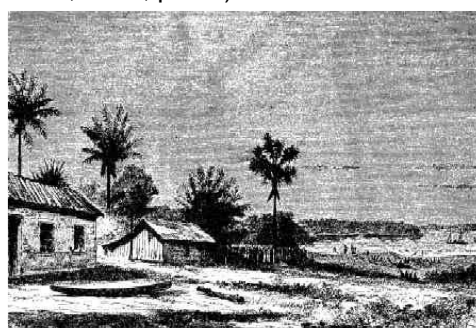


Fig. 06: Choça de índio em Tefé. Fonte: (AGASSIZ, 2000, p.212). Fig. 07: O porto de Tefé. Fonte:(AGASSIZ, 2000, p.217).

De volta a Manaus, em 24 de outubro, Agassiz dá continuidade ao plano que organizou para determinar os limites da distribuição das espécies. Assim, enquanto ele e alguns de seus auxiliares colecionavam nas vizinhanças de Manaus, ele manda parte da equipe em excursões parciais para três lugares diferentes no prazo de seis semanas: Talisman e Dexter vão para os rios Negro e Branco, por um prazo de 6 semanas, - Thayer e Bourget vão para a Lago de Codajás, por um período de 10 dias, - William James e mais um guia indígena vão para Manacapuru, por um período de 10 dias e o casal Agassiz, Coutinho e Burkhardt vão para Maués.

É importante ressaltar que os dois meses de permanência entre idas e vindas a Manaus renderam-lhe ainda novas descobertas, não apenas no campo da fauna e da geologia, mas, sobretudo, em relação aos seus estudos comparativos sobre as raças humanas e o espetáculo da mestiçagem que aí se oferecem. Elisabeth ressalta este acontecimento na seguinte passagem: *“É uma demora que Agassiz não lastima; ela lhe permitirá prosseguir os seus estudos comparativos sobre raças, que as circunstâncias favorecem de maneira inesperada.”* (AGASSIZ, 2000, p. 272). Ao lado dos estudos da fauna marítima e da geologia, uma das preocupações de Agassiz ligava-se ao estudo das raças humanas, segundo M. Helena Machado “Era este o crucial problema da raça e o envolvimento do líder da expedição com o racismo em sua forma mais virulenta, caracterizado pelo poligenismo, hibridismo, segregacionismo e expulsão dos afro-americanos do território norte-americano.” (MACHADO, 2009, p.70). Nesse sentido, a viagem de Agassiz ao Brasil adquire novos significados. Além da antiga vinculação ideológica de Agassiz aos projetos expansionistas, que na década de 1850 haviam visualizado a imigração forçada ou voluntária de negros do Sul dos EUA para áreas tropicais da América Latina, especialmente para a Amazônia, como solução para o problema interno da raça, o Brasil oferecia também oportunidade para que Agassiz, em sua estadia, recolhesse provas materiais da degeneração provocadas pelo “mulatismo”, tão comuns na população brasileira, fortemente miscigenada.

A cidade de Manaus por estar situada exatamente no encontro do rio Solimões- Amazonas com o rio Negro (seu maior afluente na margem esquerda) e ser recortada por uma rede de canais, denominados igarapés, que ficam sujeitos à dinâmica de cheia e vazante do rio Negro. Segundo Ab’Sáber (2004) “Esses cursos d’água acabam separando a cidade em blocos.” Quando os Agassiz se referem sobre a localidade de edificação da cidade de Manaus (fig. 08 e fig. 09), os autores nos dão uma explicação muito importante sobre a construção da cidade no local em que se efetivou. E que ainda nos dias atuais se levantam questões sobre a posição de edificação da cidade. Observe o que escreveu em nota de rodapé:

A situação da cidade de Manaus, na junção do rio Negro, do Amazonas e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. Viajantes ingleses criticaram a posição da cidade e lastimaram que não fosse construída mais abaixo, precisamente na junção dos rios. Mas **a situação que Manaus ocupa é a preferível; o porto, afastado das correntes violentas devidas ao conflito do Amazonas e do rio Negro, apresenta muito maior segurança.** (AGASSIZ, 2000, p. 196) [grifos nossos]

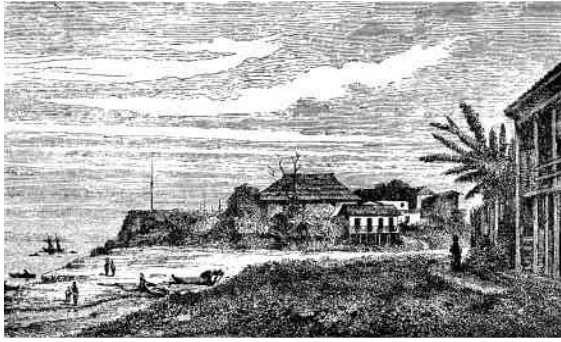


Fig. 08: Manaus, praia e cidade. Fonte: (AGASSIZ, 2000, p.241).

Fig. 09: Manaus Fonte: (AGASSIZ, 2000, p.264).

A paisagem da cidade de Manaus, na visão dos Agassiz era desprovida dos atrativos urbanos à qual estavam habituados. Segundo Marcos Castro (2007, p.8) “Agassiz e sua mulher, como todas as pessoas, possuíam seu padrão cultural como referência de julgamento do outro enquanto pessoa e enquanto espaço.”. De fato, nos relatos de viagens constata-se a caracterização da paisagem amazônica quase sempre de um ponto de vista europeu, que, no entanto revela como eram as ruas, as casas, as igrejas, os edifícios públicos e os habitantes do espaço urbano em um período que antecedeu às transformações ocorridas na capital devido ao período áureo da borracha.

Em relação à estrutura urbana de Manaus, a descrição da cidade feita pelo casal é de desânimo e de surpresa, visto que estavam acostumadas as grandes metrópoles europeias e norte- americanas. Elisabeth Agassiz ao descrever a cidade, analisa Manaus como um aglomerado de casas, segundo Elisabeth (...):

É uma pequena reunião de casas, a metade das quais parece prestes a cair em ruínas, e não se pode deixar de sorrir ao ver os castelos oscilantes decorados com o nome de edifícios públicos: Tesouraria, Câmara legislativa, Correios, Alfândega, Presidência. Entretanto, a situação da cidade, na junção do rio Negro, do Amazonas e do Solimões, foi das mais felizes na escolha. Insignificante hoje, Manaus se tornará, sem dúvida, um grande centro de comércio e navegação. (AGASSIZ, 2000, p.196)

Manaus, porém, não se resumia a parte urbana que se visualizava, fazia-lhe parte também as cascatas e cachoeiras em cujos locais a população utilizava em momentos de lazer e diversão como os banhos públicos das cachoeiras e igarapés. Segundo Agassiz, os habitantes da Barra não só se utilizavam dos banhos como se orgulhavam de tê-los pelos arredores da cidade. Isso quer dizer que, longe de parecer um hábito e costume indígena condenável e nada civilizado, tanto os moradores como a própria elite de Manaus se alegrava em possuir de tão bela a

paisagem para o desfrute de todos os moradores. Podemos observar o valor desses lazeres na descrição de um determinado local chamado *Cascatinha*:

Chama-se a “cascatinha”, para distinguir este lugar dum outro mais pitoresco ainda, segundo dizem, situado a meia légua do outro lado da cidade, e onde existe uma queda d’água mais considerável. Em trinta minutos, os remadores nos conduziram, através dos caprichosos meandros do rio, a uma espécie de barragem natural feita pelos rochedos; as águas se precipitam com grande ruído sobre as partes baixas do rio, formando corredeiras. Desembarcamos aí e, metendo-nos pelas árvores adentro numa trilha estreita que margeia o igarapé, atingimos as “banheiras”, como aqui são chamadas. (...) Grandes árvores os cercam de todos os lados; longas cortinas de vegetação os separam uns dos outros, formando numerosas bacias isoladas e discretas onde a água, de uma frescura deliciosa, saltando de piscina em piscina, vai caindo de uma para outra em pequeninas cachoeiras. Enquanto a cheia do rio, na época das chuvas, não vem inundar e cobrir, por seis meses, essas termas da floresta, os habitantes de Manaus fazem o maior uso delas; nós mesmos não resistimos ao prazer de mergulhar nessa água que atrai de fato. (AGASSIZ, 2000, p. 246)

Com a volta dos auxiliares a Manaus, Agassiz prepara um novo plano de viagem, segundo o qual: “descendo o rio, deixar uma turma em Serpa (Itacoatiara), outra em Óbidos, uma terceira em Santarém, enquanto que ele seguirá para o rio Maués que une o Amazonas ao Madeira” (AGASSIZ, 2000, p. 284). Pretendia com isso refazer coleções nos mesmos lugares que outrora estivera para provar que as faunas distintas das localidades não resultavam de migrações. Destarte, a bordo do vapor Ibicuí, concedido pelo governo imperial especialmente para que a excursão cumprisse todo o trajeto do rio Amazonas, no dia 12 de dezembro, partiu de Manaus com destino a Maués. A tripulação contava ainda com o ilustre Presidente da Província do Amazonas, Epaminondas, que visitava pela primeira vez a região, juntamente com o tenente coronel da guarda nacional, o Sr. Michelis, o Major Coutinho e o Sr. Burkhardt.

De acordo com os Agassiz, o povoado de Maués foi escolhido em razão de estar localizado na margem meridional do Amazonas, já que sua sede está tanto próxima a Manaus quanto a Serpa (atual Itacoatiara), constituindo-se em importante ponto de observação da distribuição geográfica de espécies na rede fluvial que liga o rio Madeira ao Amazonas.

No trajeto para Maués, no dia 13 de dezembro, passaram pela foz do rio Ramos, depois para o rio Maués: num trecho de terra compreendido entre os 4 rios – o Madeira ao oeste, o Amazonas ao norte, o Ramos e o Maués ao sul, que fora indicado nos mapas pelo nome de Ilha Tupinambaranas, no outro dia

empreenderam uma excursão à Mucajatuba com a finalidade de conhecerem os Mundurucuns.

Após excursionarem pela região do Madeira, retornaram pela última vez a Manaus, onde, mais uma vez, foram homenageados pelas autoridades locais, passearam pelos arredores da cidade e completaram suas coleções. Suas últimas incursões ao rio Negro, no período de 29 de dezembro, renderam-lhes ainda uma última descoberta em Vila de Pedreira, pequena aldeia com 20 casas, com blocos de pedra onde encontraram mais indícios de *drift*²² (espécie de argila vermelha), segundo o que acreditava ser fonte de comprovação de um período de glaciação na Amazônia. Desejavam ir do rio Negro até a confluência com o rio Branco, mas dado o período do ano, o rio estava seco demais, o impedindo de prosseguir viagem, tendo como opção fazer o caminho de volta a Manaus vinda do rio Negro, em 31 de dezembro de 1865.

Mas faltava-lhe cumprir a última etapa do plano e retornar ao baixo Amazonas para refazer as coleções em Óbidos, Santarém, Monte Alegre, Porto-Moz, Gurupá e Belém. Com este objetivo, despediram-se da paisagem da capital da Província do Amazonas, após três meses de permanência, e, tomaram novamente passagem no Ibicuí, para descer o rio Amazonas com destino ao Pará, com o firme propósito de encontrar a confirmação da limitação das espécies em áreas específicas, já que na sua hipótese considerava:

Se a experiência confirma que, no Pará e nas localidades intermediárias, após um intervalo de seis meses, as espécies são absolutamente as mesmas que as encontradas quando subimos o rio, teremos um fortíssimo argumento contra o preconceito das migrações longínquas dos peixes amazônicos. A notável limitação das espécies em áreas definidas não exclui, entretanto a presença simultânea de certas espécies em toda a bacia do Amazonas; desde o Peru até Pará, por exemplo, encontra-se o pirarucu espalhado por todos os pontos. (AGASSIZ, 2000, p. 330)

O navio Ibicuí aportou na cidade de Belém no dia 4 de fevereiro de 1866. Ao dia 28 de fevereiro realizou após sair de Belém uma excursão a Marajó, passando em Soure, que fica a frente de Marajó. No outro dia, atravessaram o rio Pará e na entrada da baía de Marajó ficaram na cidade de Vigia, empreendendo uma última

²²De acordo com Marcus Freitas “a palavra drift define as camadas geológicas encontradas na superfície de uma determinada região, mas não apresentam relação com a rocha subjacente. Essa ausência de relação entre a superfície e as rochas subjacentes significa que o material exposto não se originaria de decomposição das rochas do próprio local. Ou seja, trata-se de um material transportado daí a palavra drift”. Cf. FREITAS, Marcus V. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de D. Pedro II...*p.74

excursão pela baía de Marajó, na Ilha de Tatuaba, que ficava ha cerca de 10 km da cidade do Pará, no dia 5 de março de 1866. Depois deixaram o Pará em 26 de março e chegaram ao Ceará em 31 de março. Em todo o trajeto Agassiz e suas equipe de viagem efetuaram coleções as quais iam sendo comparadas com as antigas. Foi através dessa dupla coleção que Agassiz finalmente encontrou a confirmação de sua hipótese da fixidez das espécies: as faunas ictiológicas existentes no curso superior e inferior do rio Amazonas se distinguiam inteiramente uma da outra. Do mesmo modo, ficou convencido de que havia resquícios na Amazônia de antigas geleiras, cujos vestígios foram encontrados no Rio de Janeiro. Convencido da grandeza do seu trabalho, já que seus olhos selecionaram somente aquilo que não contrariasse suas expectativas, Agassiz acreditava firmemente ter reunido elementos importantes para desbancar a tese evolucionista. Mas, como se sabe, seu cálculo não pudera ser mais errôneo, pois a “única evidência daí resultante foi o fato de que suas certezas advinham de suas motivações ideológicas e de carreira”. (LIMA, 2008, p.101). Para usarmos as palavras de Karen Lisboa (1997, p.208) sobre a trajetória de Martius no Brasil, ele não “conseguiu desfazer-se de si mesmo para observar o outro”. Mas que isso, ele não estava preparado para abdicar de seu status superior, cuja imagem o homem criou para si mesmo. Ele representava, sobretudo, “as forças da tradição que impunha todas as energias para contradizer forças revolucionárias de pensamento e de ação” (HOBSBAWN, 1996). Como podemos perceber, o seu olhar ambíguo representava também um período de transição iniciado pela revolução científica. Para Carla Lima (2008, p.101) “o que Agassiz buscava, na realidade, era a convenção dos fatos e não a verdade. Sendo assim, a convenção o afastou da realidade de tal modo que o tornara cego”. Esse pensamento também foi compartilhado por Janice Theodoro ao afirmar que “para Agassiz o mundo era pensado a partir de uma linguagem dissociativa, ou seja, ao classificar por meios de estudos comparativos ele identificava o mundo natural através das diferenças. Portanto, em vez de unir, de observar a totalidade, ele segregava as coisas”. (THEODORO, 1996, p. 83).

Para visualizarmos o panorama rural/urbano, que se constituía do momento da viagem do casal Agassiz à Amazônia, é importante tomarmos como entendimento a diferenciação da selva, lugar desconhecido, que se torna o contraponto da cidade. Na leitura de Renata Malcher de Araújo, o setor da natureza não urbanizado, mas controlado pelo homem é o campo. O campo para ela funciona

no reformismo, atuando em todas as estruturas do Estado, ao programar uma relação política e social diferenciada, na economia e educação.” (ALVES, 2010, p.155).

Para melhor visualizarmos o trajeto de viagem percorrido pela expedição Thayer pela Amazônia representamos através de um mapa que identificou os locais por onde o viajante naturalista Agassiz passou durante as suas pesquisas no período de 1865 – 1866. Para tal confecção e geração de mapa foram necessárias pesquisas documentais na qual foram extraídos relatos e mapas descritos tanto em suas obras como nas obras de outros autores que mostraram as localidades por onde o mesmo passou. O embasamento teórico para a confecção do mapa abaixo com os pontos de parada da equipe de Agassiz à Amazônia baseou-se em relatos dos viajantes, Spix e Martius, Auguste de Saint-Hilaire, Biard, Wallace, Bates e Agassiz devido à maior riqueza de detalhes referentes aos aspectos físicos, econômicos, sociais e culturais da então Província Amazônica presentes em suas obras.

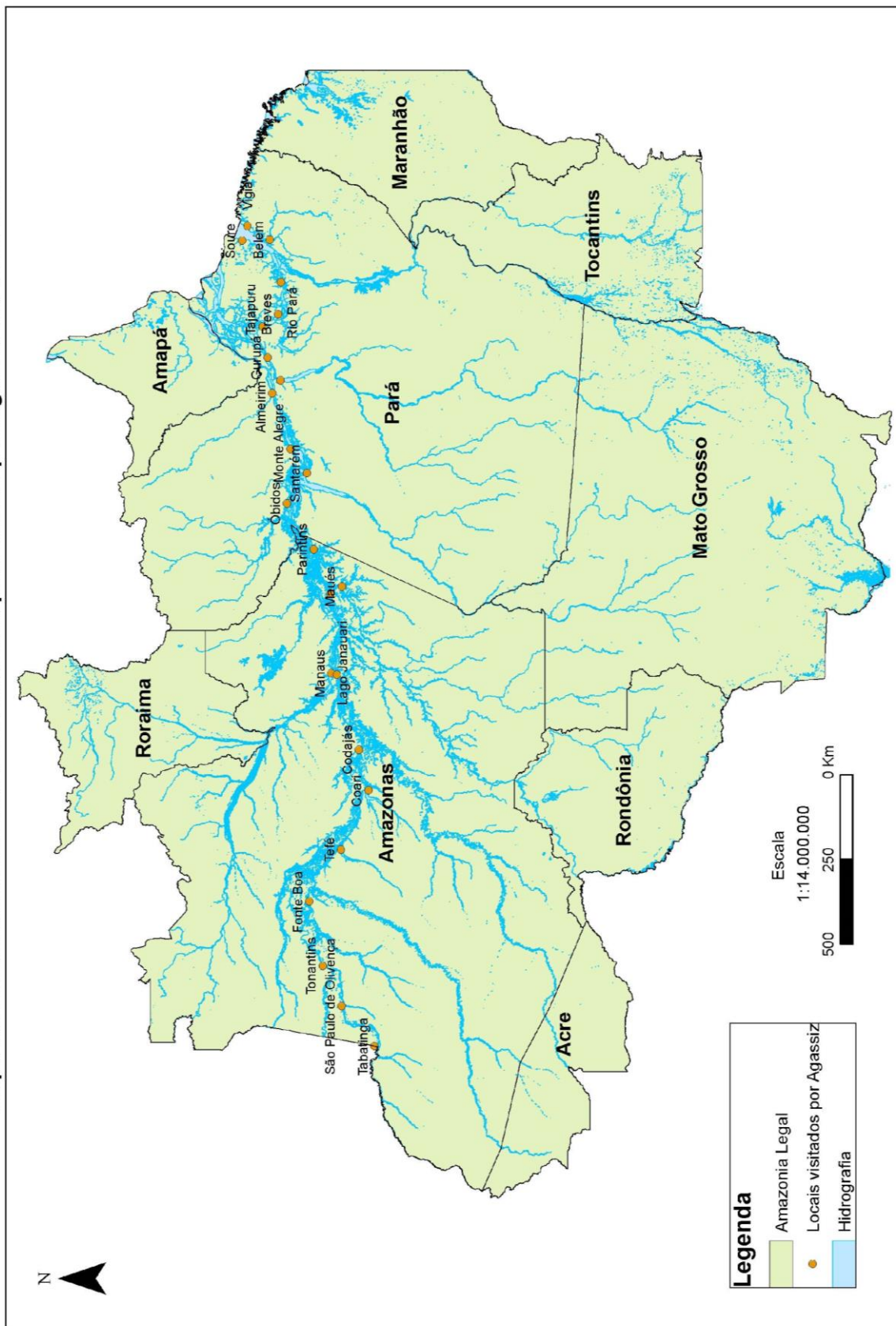
Primeiramente foi realizado estudo detalhado dos caminhos percorridos pelos viajantes e naturalistas. Além disso, foi realizado levantamento de dados fisiográficos que caracterizam o percurso total pelo qual passa o rio Amazonas.

Uma vez realizada a primeira etapa, passou-se à identificação e espacialização de informações contidas nos relatos para base cartográfica. Tal procedimento permitiu a espacialização de possíveis rotas percorridas no século XIX por meio de comparação entre marcos geográficos descritos pelo casal viajante e marcos geográficos representados na carta topográfica tais como nomes de rios, córregos, igarapés, regiões, atuais distritos, além de outros atributos geográficos.

As coordenadas geográficas de marcos geográficos e históricos impressos na paisagem e relatados nas obras dos viajantes foram obtidos pelo sistema GPS e tratadas nos *softwares ArcGis, TrackMaker e Corel Draw* para reconstrução cartográfica dos caminhos percorridos e que serviram de base para as interpretações deste trabalho. Após a aquisição das informações descritas acima, estas entraram em ambiente SIG – Sistema de Informação Geográfica, por meio do software Arc’Gis 9.3, que como produto nos mostrou toda a extensão e lugares percorridos pelo mesmo. Os mapas antigos também foram importantes quando comparados com os mapas recentes para analisar a evolução dos locais, já que muitos destes em decorrência dos anos que se passaram já não existem mais ou

possuem outros nomes. Como podemos visualizar no mapa que fizemos abaixo.

Mapa das localidades na Amazônia Brasileira percorridas por Agassiz em 1865/1866



Mapa 01. Fonte: FREITAS, Wallace e ALBUQUERQUE, Kassiane, 2013.

CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

Com a revolução industrial aumentou-se a acessibilidade e a fixação temporária aos diferentes lugares amazônicos. As invenções dos barcos a vapor, das máquinas fotográficas e dos utensílios de viagem são uma prova de que se aumentava tanto a mobilidade quanto a forma de vivenciar espaços tropicais.

O século XIX é marcado na história do Brasil como uma época de inúmeras visitas que ao país fizeram ilustres personalidades e estudiosos: zoólogos, geógrafos, geólogos mineralogistas e numerosos eminentes naturalistas, que se sentiram atraídos pela possibilidade de pesquisa e descobertas que o novo e imenso território do Brasil lhes oferecia. Entre os naturalistas destacam-se, Humboldt, Spix e Martius, Bates, Wallace, Saint-Hilaire, Elisabeth e Louis Agassiz.

O discurso dos viajantes estrangeiros na descrição do Brasil, particularmente da Província do Amazonas, foi influenciado por doutrinas científicas e filosóficas em voga na passagem do século XIX para o século XX. Para eles, o determinismo, o evolucionismo e o positivismo servem como fundamento para explicar a realidade social do país em razão de sua constituição étnica. Essas teorias foram importadas, traduzidas, incorporadas e adaptadas pela elite intelectual brasileira da época, que delas igualmente se utilizava como respaldo para explicar a questão da mestiçagem, uma vez que buscava construir uma identidade nacional, preocupando-se com os problemas e as condições reais do país.

A expedição Thayer que visitou à Amazônia entre 1865-1866, foi de muita valia para o aprofundamento das pesquisas geográficas de Louis Agassiz, sobremaneira, quanto ao estudo das diferentes espécies animal e vegetal existentes aqui, pois as pesquisas científicas que se faziam a época de Agassiz se voltavam justavam para esta abordagem naturalista, não fugindo a regra de outros naturalistas como Henry Bates e Alfred Wallace, que também lançaram seus olhares para a Amazônia deste período com abordagens similares.

Todavia, as preocupações acadêmicas do viajante naturalista, perpassam os estudos de flora e fauna, passando a realizar inúmeras considerações, no que se refere à mistura das raças e dos tipos humanos residentes na Amazônia, principalmente, após a constatação de certa falta de moralidade dos brancos, conforme relatos do viajante citado.

Motivados pela cosmovisão europeia e ignorando as especificidades históricas, sociais e culturais da população amazônica, os viajantes estrangeiros na construção de suas narrativas mostram-se, em diversos momentos, acentuadamente etnocêntricos. A realidade não é analisada objetivamente, mas sim de forma impressionista. São as normas e os valores europeus tidos como preferíveis e como modelos de avaliação dos costumes dos povos visitados. Dessa forma, o principal interesse das expedições estrangeiras que aportavam no território brasileiro recaía sobre biomas como o da Floresta Amazônica.

Apesar de se especializar na descrição das paisagens, a ciência romântica de matriz humboldtiana não deve ser confundida com descrições de cunho inteiramente pessoais e, por isso, totalmente subjetivas. Humboldt, Martius, Saint – Hilare, Avé-Lallemant, ou Agassiz acreditavam utilizar os recursos das artes e da retórica para retratarem fielmente o que observavam. A sensibilidade individual seria importante na medida em que dota alguns indivíduos da capacidade de perceber as forças que atuam na natureza e de transmitir as sensações vividas, por isso percebemos na leitura das paisagens amazônicas descritas pela senhora Agassiz tão profundo detalhamento como se quisesse que o leitor não perdesse nem um só um detalhe das paisagens ali vistas por ela, se constituindo por isso importantes documentos para a reconstrução da imagem à época.

Observamos no decorrer da pesquisa que a percepção de um viajante naturalista do século XIX é bastante diferente daquela que se dispõe hoje, entretanto tal comparação é a melhor forma de analisar a paisagem em dois momentos distintos (século XIX e século XXI); uma vez que seus relatos consistem em documentos de fácil acesso e irrestritos, diferente de diversos documentos historiográficos do poder público que não se encontram disponíveis.

A pesquisa sobre o casal Agassiz, no entanto, se perfaz por uma introdução nas análises geográficas de viajantes naturalistas, não se encerrando os discursos que devem ser feitos sobre os demais naturalistas que vieram para a Amazônia dos Oitocentos, ainda há muitos aspectos a serem observados, refletidos e discutidos tanto do casal Agassiz como de outros viajantes naturalistas que pela Amazônia empreenderam viagens científicas. Nota-se a necessidade de estudos aprofundados dessas obras que podem fazer um resgate histórico de um patrimônio extremamente importante para história ambiental da Amazônia, sendo esses relatos, importantes

fontes para o entendimento da evolução da paisagem. Sugestiono para futuros trabalhos e mesmo em prosseguimento desta pesquisa os seguintes temas como: Origens da Geografia Moderna nos relatos dos viajantes – naturalistas, e Paisagens geográficas e suas correlações nos relatos de Bates, Wallace, Agassiz, Saint-Hillare e outros.

Quanto às fontes etnográficas encontradas na forma de desenhos presentes nas obras analisadas, entende-se que são de grande importância nestes estudos, pois, apresentam a forma como os viajantes percebiam a paisagem (Figuras 02-10). Essa atividade, realizada no ato da pesquisa de campo, era bastante valorizada dentro da geografia e áreas afins durante os anos oitocentistas, hoje praticamente deixados de lado. Entretanto, também é preciso ler essas imagens com cuidado, pois apesar de nos fornecer dados primários, podem apresentar erros provenientes do ato de tradução e (re) edição, o que pode ser um empecilho nas pesquisas relacionadas ao tema. A pesquisa poderia ter ido além do proposto se tivesse realizado análise das imagens, como pinturas e fotografias produzidas pela expedição Thayer com mais detalhes.

Durante o século XIX nenhuma outra região brasileira reservou tantos mistérios a serem desvendados pelos viajantes naturalistas como a região amazônica, pois até esse período a cartografia conhecia completamente apenas o litoral do país, enquanto o seu interior permanecia em branco na quase totalidade dos mapas europeus, por isso para nós se tornou importante à realização de um mapa que demonstrasse os pontos de parada da Expedição Thayer pela Amazônia para visualizarmos melhor os locais escolhidos por Agassiz para coleta de pesquisa e dados sobre a região amazônica, lembramos que atualizamos os nomes de algumas localidades amazônicas, que no decurso do tempo já mudaram o nome de suas cidades, como Ega, hoje Tefé, Serpa, hoje Itacoatiara e Vila Bela, hoje atual Parintins.

A construção do mapa nos ajudou a entender a geografia dos locais percorridos por Agassiz e as mudanças que ocorreram nas paisagens naturais se vistas hoje, por exemplo, as contribuições que o casal Agassiz nos deixou ao relatar sobre as paisagens naturais e humanas amazônicas são importantíssimas para a reconstrução de uma história do pensamento geográfico que perpassa o período dos consagrados geógrafos Humboldt e Ritter, lançando Agassiz como um naturalista - geógrafo, pois suas contribuições tanto para as áreas de Geomorfologia, Geologia,

Botânica, Clima, Hidrologia e História e Cultura dos povos amazônicos se constituem num precioso repertório para pesquisa e análise de sua obra.

É sempre oportuno lembrar que, para nós, as raízes da Geografia Moderna encontram-se na história natural que se fazia nos séculos XVIII e XIX, o que demonstramos a partir da prática dos viajantes (naturalistas-geógrafos) que visitaram o Brasil no curso desse período. Gostaríamos também de reforçar que, para nós, a geografia herdou da história natural bem mais que simples métodos – descrição, classificação e comparação – mas que a extensão desses métodos ao tratamento do homem e das sociedades tornou efetivamente possível à construção de nosso próprio objeto. A perspectiva naturalista nos permitiu, antes de tudo, descobrir a diversidade das paisagens da Terra, preparando o terreno para o estabelecimento de correlações entre uma série de fatos que não aparecem espontaneamente associados. Enfim, a perspectiva naturalista clamou pela transformação de nossa disciplina em uma ciência explicativa.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES NARRATIVAS

AGASSIZ, Jean Louis Rodolf, 1807-1873. **Viagem ao Brasil 1865-1866**/ Louis e Elisabeth Cary Agassiz; tradução e notas de Edgar Sussekind de Mendonça – Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. 516p. – (Coleção O Brasil visto por estrangeiros)

AGASSIZ, Louis e Elisabeth Cary Agassiz, **Viagem ao Brasil**, Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1975. 323p.

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, 2004.

SPIX, Johann Baptist Von, MARTIUS, Carl Friedrich Philipp Von, “**Viagem pelo Brasil 1817-1820 e excertos e ilustrações**”, Melhoramentos, São Paulo, 1968.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABER, James S. **História da Geologia: Jean Louis Rodolphe Agassiz**. Disponível em: <http://www.wku.edu/~smithch/Wallace/BIOG.htm>. Acesso em: 10/05/2012.

AB'SABER, Aziz Nacib. **Os Domínios da Natureza do Brasil**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALVES, Dysson Teles. **Urbanismo e Civilização na América Portuguesa**. In CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. NORONHA, Nelson Matos de. Org. **A Amazônia dos viajantes: História e ciência**. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2011.

ARAGÃO, Solange. **De Belém a Tafé – as cidades e os rios do norte do Brasil nos relatos de viagem do século XIX**. In: Em Tempo de Histórias: Publicação do Programa de Pós-graduação de História da UnB. Vol. 15, nº 15 – Brasília, jul./dez. 2009. Acesso em 18/08/2011.

ARAÚJO, Renata Malcher de. **A razão na Selva: Pombal e a reforma urbana da Amazônia**. Camões: Revista de Letras e Culturas Lusófonas, n.15/16 jan./jun.2003.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: Do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. Trad. Denise Bottman; São Paulo: Companhia das Letras, 1995, "Brasiliana da Biblioteca Nacional", Rio de Janeiro, 2001.

BECKER, Elisabeth Leia Spode. **História do Pensamento Geográfico**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano. 2006. 112 p.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Org. **O Brasil dos Viajantes. Imaginário do Novo Mundo**, Vol.I, Fundação Odebrecht, 3 ed., 2000.

- BESSE, Jean Marc. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006 (Col. Estudos, 230).
- BEZZI, Meri Lourdes e MARAFON, Gláucio José. **Historiografia da ciência geográfica**. Santa Maria: UFSM, CCNE, Curso de Geografia, 2005. 111 p.
- BERTRAND, G. **Paisagem e Geografia Física global: um esboço metodológico**. Caderno de Ciências da Terra. N.13. São Paulo. IGUSP. 1972.
- BIARD, François Auguste. **Dois anos no Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1945. In MESQUITA, Otoni Moreira de. La Belle Vitrine. **O Mito do Progresso na Refundação de Manaus (1890/1900)**. Tese de Doutorado – em História, ICHL, UFF, 2005.
- BROEK, Jan O.M. **Iniciação ao estudo da geografia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- CARDOSO, Sérgio. **O Olhar dos Viajantes**. In: Adauto Novais (org.)et.al. **O Olhar**. São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- CARVALHO, José Alberto Lima de. **Terras Caídas e Consequências Sociais: Costa do Miracauera – Paraná da Trindade, Município de Itacoatiara – AM, Brasil**. Dissertação de Mestrado, UFAM, PPGSCA, 2006.
- CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. **Tapuia – A Invenção do Índio da Amazônia nos relatos da Viagem Filosófica (1783-1792)**. In. CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. NORONHA, Nelson Matos de. Org. **A Amazônia dos viajantes: História e ciência**. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2011.
- CASTRO, Marcos. **A Manaus Vista Pelos Agassiz: Espaços e Tempos Diferenciados**, IX Congresso em Florianópolis, 2007.
- CENE, Ricardi Vonei, **Paisagem e Alexander von Humboldt: construindo um conceito**. VII ANPEGE. Rio de Janeiro, 2007.
- COSTA, Hideraldo Lima da. **Cultura, trabalho e luta social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século XIX**. Dissertação de mestrado, São Paulo, PUC, 1995.
- CORREA, Roberto Lobato e Rosendahl (Org.) **Paisagem, Tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano: notas teórico - metodológicas**. In: **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis. Editora da UFSC. 1999.
_____. **História da Geografia**. Editora Edição 70, 2007, 140p.
_____. **Epistemologia da Geografia**. Ed. EDUFSC, 2011.
- DAGNINO, Ricardo Sampaio. **A Geografia de Alexander von Humboldt: Diálogos entre arte e complexidade**. Revista on line: Caminhos da Geografia, v.9, n.26, p.65-83. Recebido em 16/10/2007, aceito em 05/05/2008. Acessado em 10/01/2012. <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos>.

DIAS, Emerson Lizandro Silveira. **Paisagem: um conceito chave na geografia**. In: http://egal2009.easyplanners.info/area07/7624_Dias_Silveira_Emerson_Lizandro.pdf Acesso em 12/05/211.

DINIZ FILHO, Luís Lopes Diniz. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. Editora IBPET, 2009.

Encyclopedia Mirador International; Oxford Dictionary of Scientists, vol. N.02.

EL-KAREH, Almir Chaiban. **A Companhia de Navegação do Amazonas e a Defesa da Amazônia Brasileira: O imaginário Grande Banquete Comercial**. Disponível em: http://www.abphe.org.br/congresso2003/Textos/Abphe_2003_74.pdf. Acesso em: 16/09/2012.

FERREIRA, Conceição C.; SIMÕES, Natércia N.. **A evolução do pensamento geográfico**. 8. ed. Lisboa: Gradiva, 1993. 142 p.

FIGUEIRÓ, Adriano Severo. **Geoeologia e paisagem: revisitando um caminho epistemológico**. Rio de Janeiro: UFRJ. CCMN-Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2001.40 p.

FREIRE, José Ribamar. **Barés, Manaós e Tarumas**. História em Novos Cenários. Manaus, v.2, n.2/3 p.159-178, dez.1993/1994.

FREITAS, Inês Aguiar de, « **A Geografia dos Naturalistas-Geógrafos no Século das Luzes** », *Terra Brasilis* [Online], 6 | 2004, posto online no dia 05 Novembro 2012, consultado o 05 Maio 2013. URL : <http://terrabrasilis.revues.org/376>

FREITAS, Marcus Vinícius. **Charles Frederick Hartt, Um Naturalista no Império de Pedro II**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GOMES, Edvânia Torres Aguiar. **Natureza e Cultura: Representações na Paisagem**: In: ROSENDAHL, Zeny e CORREA, Roberto Lobato. (org.) **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GREGORY, K.J., **A natureza da Geografia**, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era do Capital: 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1996.

HUMBOLDT. Alexandre von. **Quadros da natureza**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950. (Livro II, cap.III. Geografia do Orenoco, 241-251).

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Tradução de Carlos Marques Lisboa: Guerra & Paz, 2009, 288 pp.

KURY, Lorelai. **A Sereia Amazônica dos Agassiz: Zoologia e Racismo na Viagem ao Brasil**. Revista Brasileira de História, vl.21, n.41, São Paulo, 2001.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200009. Acesso em 25/04/2011.

_____. **Viajantes- naturalistas no Brasil oitocentista: relato e imagem**. In Revista História Ciências e Saúde vol. VIII. Fund. Oswaldo Cruz, 2001. Disponível: <http://www.webartigos.com/article/34543/1/Os-Naturalistas-Viajantes-naAmazonia/pagina1.html#ixzz0zNfSK100>. Acesso dia 26//09/2010.

LARA, Tiago Adão. **Caminhos da razão no Ocidente**. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Natureza e Naturalistas**. Disponível em: www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0042-01.shtml. Acesso em: 22/05/2013.

_____. **Livros de Viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

LENCIONE, Sandra Batista. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP: 1999.

LIMA, Carla Oliveira. **Natureza, cultura e imaginário nos relatos de Alfred Russel Wallace, Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz**. Tese (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2008.

LUZ, Nícia Vilela, **A Amazônia para os Negros Americanos. Origem de uma Controvérsia Internacional**, Rio de Janeiro, Saga, 1968.

MACHADO, M^a. Helena P. T. **Brazil through the Eyes of William James: Letters, Diaries, and Drawings, 1865-1866**. Translat by John Monteiro – Cambridge, Massachusetts: Havard University Press, 2006.

_____. **A ciência norte- americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo “degenacionista”**. In : <http://www.usp.br/revistausp/75/07-mariahelena.pdf>, Acesso em 15/06/2011.

MANTHORME, Katherine. **O imaginário Brasileiro para o Público Norte Americano do Século XIX**. Revista USP, São Paulo, n.30, jun/ago.1996, p.60.

MAUAD, Ana Maria. In: **História da Vida Privada no Brasil: Império, 1822-1889**./ coordenador geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Luiz Felipe de Alencastro. – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTINS, Luciana de Lima. **O Rio de Janeiro dos Viajantes: O olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARTINS, M.L. **História e Meio Ambiente**. São Paulo: Annablume; Faculdades Pedro Leopoldo, 2007. 144p.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia física: ciência humana?** Francisco Mendonça, São Paulo: Contexto, 1989. – (Coleção repensando a geografia).

MORAES, Antônio Carlos Robert, **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro**, vol.1: as matrizes clássicas originárias/ Ruy Moreira, São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **O que é geografia**. 2ª edição, revista e atualizada. 2009.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. **Elementos para uma Sociologia dos Viajantes**. In: **Sociedades Indígenas & Indigenismo no Brasil**, Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1987.

PADOVANI, Umberto & CASTAGNOLA, Luís. **História da filosofia**. São Paulo: ED. Melhoramentos, 1995 (c. 1954).

PERROT, Michelet. **História da Vida Privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. Trad. Bernardo Joffily – São Paulo: Cia das Letras, 1991.

PINSKY, Jaime e Carla Bassanezi. (org.) **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Trad. Jézio H. B. Gutierre – Bauru, SP: EDUSC, 1999.

REIS, Arthur César Ferreira, **A Amazônia e a Cobiça Internacional**, Rio de Janeiro, Limitada, 1965.

RODRIGUES, José Manuel Mateo. (Org.) **Geocologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 3. ed/ José Mateo Rodrigues; et al. – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RONAI, M. **Paysages**. Heródote, 1, 1976, Paris: pp:125-159.

RUIZ, Ernesto A. **Expedições científicas, descobrimentos geográficos e expansão política: os Estados Unidos da América Latina do século XIX**. **Geosul**, eISSN 2177-5230, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 1, n. 2, p. 79-93 jul. 1986. Acesso em: 01 Nov. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12552/11860>>.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. Finisterra, XXXVI, 72 2001, pp.37-53 Disponível em: http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf Acesso em: 12/01/2013.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica**. São Paulo, Editora HUCITEC, 1980.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo HUCITEC. 1988.

SARMENTO, Cristiane Finizola. **Povoações, freguesias e vilas na Paraíba colonial. Pombal e Souza 1697-1800**. Tese de Doutorado. UFRN. 2007.

SAUER, O. **A morfologia da paisagem**. In: CORRÊA; ROZENDAHL (Orgs.). **Paisagem tempo e cultura**, Rio de Janeiro:EdUERJ, 1998.

SILVA, Leonardo Dantas. Textos sobre o Recife. **Koster: o mais fiel retratista da paisagem**. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.html>. Acesso em 06/05/2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução a Geografia: geografia e Ideologia**. 5ª edição, Vozes, Petrópolis, 1986.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo. Editora UNESP, 2004.

STEFFOFF, Rebeca. **Charles Darwin: revolução da evolução**. Tradução Laura Teixeira Mota. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. Revista Geocrítica. Madrid. 1999.

TATHAM, George. Revista Eletrônica: Boletim Geográfico. Conselho Nacional de Geografia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Ano XVII, maio/junho de 1959, n. 150.

THEODORO, Janice. **Visões e descrições da América: Alvar Nunes Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX)**. Revista da USP, São Paulo, n.30, jun/ago.1996.

THOMAS, Keith. **O homem e o Mundo Natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. Trad. João Roberto Martins Filho, São Paulo: Cia das Letras, 1988.

TRICART, Jean L. F. **Paisagem e Ecologia: Igeo/USP**. São Paulo. 1981.

VILLANOVA, Simone. **Entre a Bárbarie e a Civilização: O Teatro de Palha na Visão do Viajante Robert Avé- Lallemand**. In: CARVALHO JUNIOR, Almir Diniz. NORONHA, Nelson Matos de. Org. **A Amazônia dos viajantes: História e ciência**. Manaus, Universidade Federal do Amazonas, 2011.

VESENTINI, José William. **Geografia série Brasil**. São Paulo: Ática, 2004. ISBN 85-08-08909-0.

VITTE, Antônio Carlos. **Influências da filosofia kantiana na gênese da Geografia física**. Revista da Geografia da UFC, ano 07, número 14, 2008. Artigo pesquisado no dia 16/01/2012.

_____. **A categoria paisagem e o desenvolvimento da geografia física**. Revista Mercator. Ceará: Revista de Geografia da UFC, 2007b. <http://www.academia.brasil-europa.eu/Materiais-abe-75.htm>. Acesso dia 10/11/2011.